



## Universidades Lusíada

Viegas, Diogo Miguel Estrela Santos Baptista, 1988-

### **O impacto das ideias de Sisto V na cidade : Roma**

<http://hdl.handle.net/11067/750>

#### **Metadados**

**Data de Publicação** 2014-02-07

**Resumo** Na presente dissertação pretendemos compreender a importância que tiveram as ideias implementadas pelo Papa Sisto V, durante o seu curto pontificado, na cidade de Roma. Assim, numa primeira abordagem, procuraremos perceber a evolução da cidade desde as suas origens até à época do papado de Sisto V, fazendo referência à Cidade Imperial, à Cidade Medieval, à Cidade Renascentista e por fim, à Cidade Barroca, sendo esta a mais focada uma vez que corresponde a todas as grandes e mais relevantes muda...

**Palavras Chave** Planeamento urbano - Itália - Roma, Arquitectura barroca - Itália - Roma, Igreja Católica. Papa, 1585-1590 (Sisto V) - Crítica e interpretação, Roma (Itália) - Edifícios, estruturas, etc, Roma (Itália) - História

**Tipo** masterThesis

**Revisão de Pares** Não

**Coleções** [ULL-FAA] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-27T22:57:45Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

Faculdade de Arquitectura e Artes

Mestrado integrado em Arquitectura

## O impacto das ideias de Sisto V na cidade: Roma

**Realizado por:**

Diogo Miguel Estrela Santos Baptista Viegas

**Orientado por:**

Prof. Doutor Arqt. Joaquim José Ferrão de Oliveira Braizinha

**Co-orientado por:**

Prof. Doutor Arqt. Jorge Virgílio Rodrigues Mealha da Costa

### Constituição do Júri:

Presidente: Prof. Doutor Horácio Manuel Pereira Bonifácio

Orientador: Prof. Doutor Arqt. Joaquim José Ferrão de Oliveira Braizinha

Arguente: Prof. Doutor Arqt. Mário João Alves Chaves

Dissertação aprovada em: 5 de Fevereiro de 2014

Lisboa

2013



**U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A D E L I S B O A**

Faculdade de Arquitectura e Artes

Mestrado Integrado em Arquitectura

O impacto das ideias de Sisto V na cidade: Roma

Diogo Miguel Estrela Santos Baptista Viegas

Lisboa

Novembro 2013



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

Faculdade de Arquitectura e Artes

Mestrado Integrado em Arquitectura

O impacto das ideias de Sisto V na cidade: Roma

Diogo Miguel Estrela Santos Baptista Viegas

Lisboa

Novembro 2013



Diogo Miguel Estrela Santos Baptista Viegas

## O impacto das ideias de Sisto V na cidade: Roma

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre em Arquitectura.

Orientador: Prof. Doutor Arqt. Joaquim José Ferrão de Oliveira Braizinha

Co-orientador: Prof. Doutor Arqt. Jorge Virgílio Rodrigues Mealha da Costa

Lisboa

Novembro 2013

## Ficha Técnica

**Autor** Diogo Miguel Estrela Santos Baptista Viegas  
**Orientador** Prof. Doutor Arqt. Joaquim José Ferrão de Oliveira Braizinha  
**Co-orientador** Prof. Doutor Arqt. Jorge Virgílio Rodrigues Mealha da Costa  
**Título** O impacto das ideias de Sisto V na cidade: Roma  
**Local** Lisboa  
**Ano** 2013

### Mediateca da Universidade Lusíada de Lisboa - Catalogação na Publicação

VIEGAS, Diogo Miguel Estrela Santos Baptista, 1988-

O impacto das ideias de Sisto V na cidade : Roma / Diogo Miguel Estrela Santos Baptista Viegas ; orientado por Joaquim José Ferrão de Oliveira Braizinha, Jorge Virgílio Rodrigues Mealha da Costa. - Lisboa : [s.n.], 2013. - Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

I - BRAIZINHA, Joaquim José Ferrão de Oliveira, 1944-

II - MEALHA, Jorge, 1960-

#### LCSH

1. Planeamento urbano - Itália - Roma
2. Arquitectura barroca - Itália - Roma
3. Igreja Católica. Papa, 1585-1590 (Sisto V) - Crítica e interpretação
4. Roma (Itália) - Edifícios, estruturas, etc.
5. Roma (Itália) - História
6. Universidade Lusíada de Lisboa. Faculdade de Arquitectura e Artes - Teses
7. Teses - Portugal - Lisboa

1. City planning - Italy - Rome
2. Architecture, Baroque - Italy - Rome
3. Catholic Church. Pope, 1585-1590 (Sixtus V) - Criticism and interpretation
4. Rome (Italy) - Buildings, structures, etc.
5. Rome (Italy) - History
6. Universidade Lusíada de Lisboa. Faculdade de Arquitectura e Artes - Dissertations
7. Dissertations, Academic - Portugal - Lisbon

#### LCC

1. NA9204.R66 V54 2013

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer a todas as pessoas que me ajudaram em cada dia da minha vida, nomeadamente estes últimos 5 anos.

Em especial aos meus pais e irmãos, por acreditarem nas minhas competências e nos meus sonhos, sem o seu apoio tudo teria sido mais difícil.

Quero agradecer a toda a minha restante família pela sua ajuda.

Agradeço ao professor Joaquim Braizinha e ao professor Jorge Mealha, pela ajuda prestada na elaboração do presente trabalho e por todo o conhecimento transmitido.

Agradeço a todos os professores que fui tendo ao longo dos 5 anos, por todo o conhecimento legado ao longo destes anos de aprendizagem.

Agradeço aos meus amigos, pelo apoio, pelas conversas e discussões que fomos dispendo, colaborando para a conclusão deste trabalho e de tudo aquilo que foram estes anos.





## **APRESENTAÇÃO**

### **A importância do Plano de Sisto V para Roma**

Diogo Miguel Estrela Santos Baptista Viegas

Na presente dissertação pretendemos compreender a importância que tiveram as ideias implementadas pelo Papa Sisto V, durante o seu curto pontificado, na cidade de Roma.

Assim, numa primeira abordagem, procuraremos perceber a evolução da cidade desde as suas origens até à época do papado de Sisto V, fazendo referência à Cidade Imperial, à Cidade Medieval, à Cidade Renascentista e por fim, à Cidade Barroca, sendo esta a mais focada uma vez que corresponde a todas as grandes e mais relevantes mudanças da Cidade, transformando-a praticamente naquilo que se pode verificar nos dias de hoje.

Depois serão mencionadas todas as características que correspondem ao Plano, de maneira a perceber as transformações evidentes da cidade, fazendo relevância à importância da articulação dos elementos da cidade Barroca, tais como, as grandes ruas, as praças, os obeliscos e os seus limites.

Por fim, serão abordados alguns casos concretos da cidade de Roma, nomeadamente a Praça del Popolo, a Praça de S. Pedro e o Museu de Ara Pacis.

**Palavras-chave:** Sisto V, Cidade, Barroco, Praça, Obelisco, Roma.



## **APRESENTATION**

### **The importance of the Plan of Sixtus V to Rome**

Diogo Miguel Estrela Santos Baptista Viegas

In this dissertation we intend to understand the importance of the ideas implemented by Pope Sixtus V, during his short pontificate in Rome.

Thus, in a first approach, we will try to understand the development of the city from its origins to the time of the Sixtus V's papacy, referring to the Imperial City, the Medieval City, the Renaissance City and finally, the Baroque City, being the most focused as it corresponds to all major and most relevant changes of Rome, turning it practically what can be seen today.

After that, it will be mentioned all the features that correspond to the Plan in order to realize the evident changes in Rome, giving a significant importance to the main elements of the Baroque city, such as major streets, the squares, the obelisks and their limits.

Finally, we will discuss some specific cases of Rome, including Piazza del Popolo, Piazza S. Peter and the Museum of Ara Pacis.

**Keywords:** Sixtus V, City, Baroque, Squares, Obelisk, Rome.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Roma republicana. (Benevolo, 2007, p. 137) .....	25
Ilustração 2 - Planta com as 7 colinas de Roma. (Benevolo, 2007, p. 174) .....	27
Ilustração 3 - Foro Romano. (Ilustração nossa, 2012) .....	28
Ilustração 4 - Foro Romano. (Ilustração nossa, 2012) .....	28
Ilustração 5 - Foro Romano. (Ilustração nossa, 2012) .....	28
Ilustração 6 - Vista aérea da Praça do Capitólio. (Benevolo, 2007, p. 451) .....	29
Ilustração 7 - Escadaria de acesso à Praça do Capitólio, conhecida por Cordonata. (Ilustração nossa, 2012) .....	29
Ilustração 8 - Praça do Capitólio. (Ilustração nossa, 2012) .....	29
Ilustração 9 - Zona do Campo de Marte. (Benevolo, 2007, p. 149) .....	30
Ilustração 10 - Teatro de Marcelo. (Google Maps, 2013) .....	31
Ilustração 11 - O Panteão conservado entre as casas de Roma moderna, onde se vê os dois campanários, realizados por Bernini em 1600, que foram posteriormente demolidos para completar o isolamento do edifício antigo. (Benevolo, 2007, p. 159) .	31
Ilustração 12 - Panteão. (Ilustração nossa, 2012) .....	31
Ilustração 13 - Coliseu. (Ilustração nossa, 2013) .....	33
Ilustração 14 - A zona da Praça Navona, no centro histórico de Roma. (Benevolo, 2007, p. 463) .....	34
Ilustração 15 - Mercado de Trajano. (Ilustração nossa, 2013) .....	35
Ilustração 16 - O centro monumental de Roma, como é hoje. Em primeiro plano, o Circo Máximo, o Palatino (onde chega o Aqueduto de Cláudio) e o Coliseu; atrás, os Foros, o Capitólio e a zona de Campo de Marte. (Benevolo, 2007, p. 142) .....	35
Ilustração 17 - O centro monumental de Roma, reconstruído num modelo plástico de 1939. Em primeiro plano, o Circo Máximo, o Palatino (onde chega o Aqueduto de Cláudio) e o Coliseu; atrás, os Foros, o Capitólio e a zona de Campo de Marte. (Benevolo, 2007, p. 143) .....	35
Ilustração 18 - Planta de Roma Imperial. (Benevolo, 2007, p.144) .....	36
Ilustração 19 - GIOVANNI BATTISTA FALDA. Roma medieval, do Castelo S. Angelo à Ponte de Sisto IV (detalhe do mapa, 1676). (Giedion, 2004, p. 104) .....	41
Ilustração 20 - Vista de Roma em fins do século XV, ainda dominada pelos monumentos antigos. (Benevolo, 2007, p. 443) .....	43
Ilustração 21 - Igreja de S. aria del Popolo e Porta del Popolo. (Ilustração nossa, 2013) .....	44
Ilustração 22 - Afrescos da Capela Sistina. (Rendina, 2007, p. 511) .....	44
Ilustração 23 - Via di Ripetta. (Ilustração nossa, 2013) .....	46
Ilustração 24 - Via del Corso. (Ilustração nossa, 2013) .....	46
Ilustração 25 - Via del Babuino. (Ilustração nossa, 2013) .....	46

Ilustração 26 - S. Maria Maggiore e a Villa Montalto, de acordo com o mapa de Antonio Tempesta, 1593. (Giedion, 2004, p. 112) .....	53
Ilustração 27 - Taddeo di Bartolo, "Circular View of Rome, 1413 – 1414." Chapel of the Palazzo Pubblico, Siena. (Bacon, 1978, p. 138) .....	55
Ilustração 28 - Giovanni Francesco Bordino, "Veduta Schematica del Piano Stradale Ideato da Sisto V," 1588. From <i>Le Piante di Roma</i> , Vol. II. Ed. Amato Pietro Frutaz, Istituto di Studi Romani. Rome, 1962. (Bacon, 1978, p. 138) .....	55
Ilustração 29 - Giovanni Battista Brocchi, "Carta Física del Suolo di Roma," 1820. Biblioteca Nazionale "Vittorio Emanuele." Photo: Fototeca di Architettura e Topografia dell'Italia Antica, Rome. ([adaptação a partir de] Bacon, 1978, p. 158).....	56
Ilustração 30 - Via Sistina, que liga Santa Maria Maggiore a San Trinità dei Monti, onde vemos a rua que sobe e desce. (Ilustração nossa, 2013).....	57
Ilustração 31 - Via Sistina, que liga Santa Maria Maggiore a San Trinità dei Monti, onde vemos a rua que sobe e desce. (Ilustração nossa, 2013).....	57
Ilustração 32 – Roma: A área entre o Coliseu e o Laterano, de acordo com o mapa de Du Pérac Lafréry, 1577. (Giedion, 2004, p. 110).....	58
Ilustração 33 - O planeamento da Roma barroca, por Sisto V. (Giedion, 2004, p. 104 e 105) .....	61
Ilustração 34 - Antonio Dosio, "Rome". 1561. Photo: Biblioteca Apostolica Vaticana. (Bacon, 1978, p. 140 e 141) .....	63
Ilustração 35 - Plano director de Roma por Sisto V, 1589. (Giedion, 2004, p. 109).....	64
Ilustração 36 - Vista das quatro fontes em direcção a S. Trinità dei Monti. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013).....	65
Ilustração 37 - Vista das quatro fontes em direcção à Porta Pia. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013).....	65
Ilustração 38 - Vista das quatro fontes em direcção ao obelisco de S. Maria Maggiore. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013) .....	65
Ilustração 39 - Vista das quatro fontes em direcção às grandes estátuas romanas dos Domadores de Cavalos, na vizinha Piazza del Quirinale. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013) .....	65
Ilustração 40 - A Fonte de Moisés, 1587. (Giedion, 2004, p. 128 e 129) .....	66
Ilustração 41 - A Fonte de Moisés hoje. A praça, criada quase que inteiramente por Sisto V, mantém seu carácter original. (Giedion, 2004, p. 129) .....	66
Ilustração 42 - Local para lavagem de roupas na Piazza delle Terme, afresco no Collegio Massimo. (Giedion, 2004, p. 131) .....	67
Ilustração 43 - DOMENICO FONTANA. Projecto de Sisto V para transformação do Coliseu em um lanifício, 1590. (Giedion, 2004, p. 131).....	68
Ilustração 44 - Via di San Giovanni in Laterano, que liga o Coliseu à Praça de San Giovanni. (Ilustração nossa, 2013).....	71
Ilustração 45 - Via di Ripetta, que liga a Praça Navona à Praça del Popolo. (Ilustração nossa, 2013).....	71
Ilustração 46 - Obelisco situado em frente à Igreja de Santa Maria Maggiore. (Ilustração nossa, 2013) .....	73

Ilustração 47 - Obelisco situado em frente à Basílica de São Pedro. (Ilustração nossa, 2013) .....	73
Ilustração 48 - Obelisco situado em frente à Igreja de Trinità dei Monti, no cimo da escadaria da Praça de Espanha. (Ilustração nossa, 2013).....	73
Ilustração 49 - Esquema dos elementos constituintes da cidade. (Lynch, 2008, p. 106) .....	73
Ilustração 50 - Antoine Lafréry, " Vedute delle Sette Chiese di Roma," 1575. From <i>Urbanistica</i> , June 1959. (Bacon, 1978, p. 136) .....	77
Ilustração 51 - Johannes Gros. <i>Almae Urbis Romae</i> . . . Rome, 1612. (Bacon, 1978, p. 137) .....	77
Ilustração 52 - A Piazza Colonna na época de Sisto V. Afresco na Biblioteca do Vaticano. Aqui vê-se claramente como Sisto V posicionou seus marcos, obeliscos e fontes como pontos focais dentro de um contexto caótico. (Giedion, 2004, p. 125)....	78
Ilustração 53 - Planta do Plano de Sisto V, onde a vermelho são os edifícios preponderantes nas suas ideias e a preto os edifícios construídos por ele. (Bacon, 1978, p. 140) .....	80
Ilustração 54 - Planta do Plano de Sisto V, onde a azul estão representadas as estruturas construídas após a sua morte, influenciadas pelas suas ideias. (Bacon, 1978, p. 141) .....	81
Ilustração 55 - Planta da Piazza del Popolo. (Delfante, 2000, p. 169) .....	83
Ilustração 56 - As duas Igrejas gémeas de Santa Maria in Montesanto (esquerda) e Santa Maria dei Miracoli (direita) da Piazza del Popolo. (Ilustração nossa, 2013) .....	86
Ilustração 57 - Diagrama do tridente da Praça del Popolo, Roma. (Norberg-Schulz, 1979, p. 19). .....	87
Ilustração 58 - GIUSEPPE VALADIER. Projecto para a Piazza del Popolo, Roma, 1816. Projecto final, efetivamente executado. (Giedion, 2004, p. 176).....	88
Ilustração 59 - Obelisco da Praça del Popolo. (Ilustração nossa, 2013).....	89
Ilustração 60 - Fachada da Igreja de Santa Maria del Popolo. (Ilustração nossa, 2013) .....	89
Ilustração 61 - Piazza del Popolo. Gravura de Tempesta, 1593. A Porta del Popolo, a igreja renascentista de Santa Maria del Popolo, o obelisco e os jardins do Pincio. (Giedion, 2004, p. 175).....	89
Ilustração 62 - Piazza del Popolo, Roma. Vista das igrejas de Rainaldi. (Giedion, 2004, p. 175) .....	89
Ilustração 63 - Piazza del Popolo, Roma. Corte pelos diferentes níveis e rampas. <i>Desenho de Edward W. Armstrong, 1924.</i> (Giedion, 2004, p. 176) .....	90
Ilustração 64 - Piazza de Popolo, Roma. (Giedion, 2004, p. 177) .....	91
Ilustração 65 - Planta do conjunto da Basílica e da Praça de São Pedro, do livro de Letarouilly, do início do século XIX. (Benevolo, 2007, p. 459) .....	92
Ilustração 66 - Roma, Praça de S. Pedro, planta. (Norberg-Schulz, 1979, p. 25).....	93
Ilustração 67 - Diagrama da Praça de São Pedro. (Norberg-Schulz, 1979, p. 25) .....	93
Ilustração 68 - Roma, Praça São Pedro com o projecto do terceiro braço. (Norberg-Schulz, 1979, p. 26).....	94



Ilustração 69 - Gian Lorenzo Bernini: Projecto para a fachada de São Pedro com os campanários. (Norberg-Schulz, 1979, p. 26).....	95
Ilustração 70 - Praça de São Pedro. (Ilustração nossa, 2013).....	96
Ilustração 71 - Vista da Cúpula da Igreja para a Praça de São Pedro. (Ilustração nossa, 2013).....	97
Ilustração 72 - Visualização das colunatas abertas que permitem criar uma relação visual. (Ilustração nossa, 2013).....	98
Ilustração 73 - Visualização das colunatas abertas que permitem criar uma relação visual. (Ilustração nossa, 2013).....	98
Ilustração 74 - Visualização das colunatas abertas que permitem criar uma relação visual. (Ilustração nossa, 2013).....	98
Ilustração 75 - Interior da Basílica de São Pedro. (Ilustração nossa, 2013) .....	99
Ilustração 76 - Museu Ara Pacis (Ilustração nossa, 2013).....	100
Ilustração 77 - Interior do Museu de Ara Pacis, visualização do altar. (Halbe, Roland, fot., s.d.).....	101
Ilustração 78 - Interior do Museu de Ara Pacis, visualização do altar. (Halbe, Roland, fot., s.d.).....	101
Ilustração 79 - Planta de localização do Museu de Ara Pacis. (Richard Meier & Partners Architects, s.d.) .....	101
Ilustração 80 - Corte longitudinal do Museu e relação deste com a envolvente. (Richard Meier & Partners Architects, s.d.).....	102
Ilustração 81 - Visualização do interior do Museu. (Halbe, Roland, fot., s.d.).....	103
Ilustração 82 - Visualização do interior do Museu. (Halbe, Roland, fot., s.d.).....	103
Ilustração 83 - Planta da Praça Augusto Imperatore, onde se pode ver a amarelo as áreas que foram reorganizadas nos anos 40 .....	103
Ilustração 84 - Visualização área da Praça Augusto Imperatore actualmente com o Museu Ara Pacis à esquerda. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013) .....	103
Ilustração 85 - Visualização da Igreja com o muro que impossibilita o deslumbramento da mesma. (Ilustração nossa, 2012) .....	105
Ilustração 86 - Visualização do Museu e das igrejas que se situam na sua envolvente próxima (Ilustração nossa, 2012) .....	105
Ilustração 87 - Localização do local de intervenção. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013).....	107
Ilustração 88 - Vista do local de intervenção. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013) .....	108
Ilustração 89 - Localização do local de intervenção. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013).....	108
Ilustração 90 - Vista do local de intervenção. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013) .....	109
Ilustração 91 - Vista do local de intervenção. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013) .....	109

Ilustração 92 - Vista do local de intervenção. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013) .....	109
Ilustração 93 - Estacionamento na zona norte do local de intervenção. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013).....	110
Ilustração 94 - Corte Esquemático da ideia proposta. (Ilustração nossa, 2013) .....	112
Ilustração 95 - Planta do Plano Urbano com a identificação das áreas destinadas a cada elemento do grupo para, posteriormente, ser desenvolvido com zonas de habitação, lazer, comércio, entre outros.. (Ilustração nossa, 2013).....	113
Ilustração 96 - Diagrama representativo das vias de circulação e estacionamento na zona norte do plano. (Ilustração nossa, 2013) .....	114
Ilustração 97 - Esboço da ideia de projecto. (Ilustração nossa, 2013).....	115
Ilustração 98 - Esboço da ideia de projecto. (Ilustração nossa, 2013).....	115
Ilustração 99 - Render da proposta dos vários volumes. (Ilustração nossa, 2013)....	116
Ilustração 100 - Perfil dos dois edifícios, que estabelecem o limite da zona de circulação. (Ilustração nossa, 2013).....	116
Ilustração 101 - Perfil dos dois edifícios, que estabelecem o limite da circulação rodoviária. (Ilustração nossa, 2013) .....	117
Ilustração 102 - Render da proposta, vista da área semi-privada do loteamento, espaço no interior dos edifícios. (Ilustração nossa, 2013) .....	117
Ilustração 103 - Render da proposta, vista da área semi-privada do loteamento, espaço no interior dos edifícios. (Ilustração nossa, 2013) .....	117
Ilustração 104 - Planta do Piso 0 (Ilustração nossa, 2013) .....	118
Ilustração 105 - Planta do Piso 1 (Ilustração nossa, 2013) .....	118
Ilustração 106 - Planta do Piso 2 (ilustração nossa, 2013) .....	119
Ilustração 107 - Planta do Piso 4 (Ilustração nossa, 2013) .....	119
Ilustração 108 - Corte pelo edifício que faz o limite esquerdo do loteamento. (Ilustração nossa).....	119
Ilustração 109 - Corte pelo edifício que faz o limite direito do loteamento (Ilustração nossa, 2013).....	119



## SUMÁRIO

1. Introdução .....	19
2. A evolução de uma cidade: Roma .....	23
2.1. A Cidade Imperial .....	23
2.2. A Cidade Medieval .....	38
2.3. A Cidade Renascentista .....	41
3. Roma Barroca: contexto histórico .....	49
3.1. Plano de Sisto V na Cidade Barroca .....	51
3.2. A Articulação Rua/Praça/Edifício/Obelisco .....	68
3.3. A Evolução do Plano .....	78
4. Obras de Referência .....	83
4.1. Piazza del Popolo .....	83
4.2. Praça de S. Pedro .....	92
4.3. Museu Ara Pacis .....	100
5. Roma e o Projecto .....	107
5.1. Sítio e Lugar .....	107
5.2. Programa e Matéria .....	110
5.3. Espaço e Vivência .....	115
6. Considerações Finais .....	121
Referências .....	123
Bibliografia .....	129
Lista de apêndices .....	133
Apêndice A - Projecto   Plantas	
Apêndice B - Projecto   Alçados e Cortes	



## 1. INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Esta dissertação tem como objectivo compreender o impacto das ideias de Sisto V na cidade de Roma, transformando-a através de um plano regulador. Roma que surgia até aquela época com um traçado desordenado e as ruas de uma imensa sujidade, foi Sisto V, simultaneamente com o arquitecto Domenico Fontana, que estruturaram a cidade num tecido de grandes vias, articuladas a partir de centros importantes, com edifícios ou praças.

Por outro lado, desponha uma crise religiosa, que origina a necessidade de uma reestruturação, procurando estabelecer um novo poder e valor à igreja, que seria expressado pelo novo traçado, procurando unificar todos os pontos importante dispersos por Roma, como as basílicas e os bairros que foram crescendo nas suas proximidades.

Assim, através das sete Basílicas da cidade, lugares de encontro e de partida, tornam-se um ponto significativo que caracterizam o plano. Surge então a necessidade de interligar estes ponto importantes, surgindo elementos que serão decisivos para a definição da cidade.

As grandes praças individualizavam-se com a presença de grandes obeliscos, e tornam-se elementos importantes na morfologia da cidade marcando a mudança de direcção de determinadas ruas.

Encontramos, por fim, a evolução deste grande plano, surgindo algumas modificações pontuais que vieram dar um maior impacto para quem percorre a cidade. Contudo, Roma continua a crescer, sendo cercada por vários bairros periféricos que formam um contínuo urbano, exprimindo uma nova realidade.

Assim, são estes pontos que estiveram na base da presente dissertação, procurando perceber a análise e interpretação realizada no grande plano de Roma, que iria transformar completamente o modo de habitar a cidade, em contraponto com o trabalho desenvolvido na cadeira de Projecto III em mobilidade Erasmus em Roma, sendo um projecto que se realizou nos subúrbios da cidade, numa zona sem uma identidade, sem uma malha urbana que a pudesse identificar, sendo um espaço vazio e sem caracterização. Assim, a elaboração deste tema organiza-se do seguinte modo:

---

<sup>1</sup> A Dissertação foi escrita tendo por base a antiga ortografia.

No primeiro capítulo, pretende-se abordar a evolução que a cidade de Roma viveu na sua longa história, pois é fundamental para perceber todos os acontecimentos que a cidade viveu até aos dias de hoje, tornando-se uma das cidades mais visitadas com uma vasta história que a distingue de todas as outras. Os acontecimentos que foram ocorrendo desde o seu surgimento, abordando a cidade na época imperial, medieval e renascentista.

No segundo capítulo, apresentamos o contexto em que surge este grande plano urbano da cidade, ou seja, o impacto que as ideias de Sisto V tiveram na cidade. Procura-se perceber de que maneira as suas ideias vieram revolucionar toda a situação vivida anteriormente, dando uma nova imagem à cidade, uma imagem mais moderna, que até àquela época era caracterizada por grandes monumentos de construções complexas mas independentes, sem que houvesse uma estrutura que as interligasse.

Por outro lado neste capítulo foi abordado a importância que determinados elementos (vias, edifícios, elementos marcantes) tem numa cidade, tornando-os quando inter-relacionados entre si uma estrutura racional e harmoniosa. Por fim, foram mencionados determinadas estruturas que se tornaram preponderantes, criando um forte impacto no terreno, influenciadas pela estrutura do seu projecto.

No segundo capítulo, apresentam-se três casos de estudo, que estão incluídos no grande plano que mudou a cidade de Roma. Foram escolhidos em função das suas diversas valências: a importância com o plano, a sua importância e ao mesmo tempo como crítica às ideias que Sisto procurou implementar. Assim, surge a esplendorosa Praça del Popolo que surge como ponto principal para o desenvolvimento de todo o plano, sendo uma das portas de entrada da cidade, durante vários séculos, e que hoje em dia é uma das praças mais conhecidas, com uma composição única e própria. A Praça de S. Pedro que é um exemplo extraordinário de tal composição espacial, adequado à sua função como o principal centro do mundo católico. E o terceiro caso de estudo, o Museu Ara Pacis, que se situa na Praça Augusto Imperatore, que devido à sua grande massa, a praça perde a sua identidade, pois o próprio edifício procura evidenciar-se à própria praça e aos edifícios que o envolvem.

Por fim, no quarto capítulo, é referido todo o processo desenvolvido na cadeira de Projecto III em mobilidade Erasmus em Roma, onde se desenvolve um "masterplan" para uma área situada a leste da cidade de Roma, numa área vazia caracterizada em

grande parte por uma vasta área praticamente plana e com uma grande mancha verde, sem referências precisas para o desenvolvimento da proposta. Assim, a liberdade de execução do "masterplan" seria quase total, respeitando apenas determinados requisitos mas que nos possibilitava seguir por várias direcções. Logo, o tema escolhido para a presente dissertação foi como uma crítica ao trabalho realizado na cadeira pois através deste tema possibilitou-me estudar uma matéria concreta, e perceber toda a evolução de uma cidade como Roma.

Assim, a cidade actual é caracterizada por todos os acontecimentos que se foram registando ao longo das várias épocas, tendo as ideias de Sisto V tido um forte impacto na cidade tornando-a na imagem que hoje identificamos.





## 2. A EVOLUÇÃO DE UMA CIDADE: ROMA

### 2.1. A CIDADE IMPERIAL

Como refere Leonardo Benévolo<sup>2</sup>, no Estado romano, devemos distinguir vários aspectos relevantes, nomeadamente, o ambiente no qual nasce o poderio romano, ou seja, a civilização etrusca que cresce na Itália, desde a Planície do Pó<sup>3</sup> até a Campânia<sup>4</sup>, entre os séculos VII e VI a.C.. Os Etruscos surgem em Itália, por volta de 700 a. C., como o primeiro povo que impôs o seu grande poder, vindos de regiões ricas a norte do rio Tibre e a oeste da Toscana. Contudo as suas origens vêm da Ásia ocidental, fixando-se em Itália e misturando-se com a população nativa, durante um período conturbado. Agrupavam-se na Toscana em centros urbanos, construindo as suas cidades segundo um plano regular, e aproveitando as características da topografia.

Roma surgiu, assim, a partir de um conjunto de aldeias com aspecto etrusco que originaram uma cidade, no século VI a. C.. A integração de alguns costumes etruscos, e a inclusão de grandes famílias etruscas na população local permitiram o desenvolvimento de Roma e constituíram uma parte da classe governante originando três reis, Tarquínio Prisco<sup>5</sup>, Sécúrio Túlio<sup>6</sup> e Tarquínio<sup>7</sup>, que reinaram desde 625 a. C. a

---

<sup>2</sup> Leonardo Benévolo nasceu em Orta (Novarra, Itália) em 1923, estudou arquitectura em Roma e doutorou-se em 1946. Desde então passou a ensinar História da Arquitectura nas Universidades de Roma, Florença, Veneza e Palermo. Leonardo Benévolo é o mais conhecido estudioso italiano da história da arquitectura. Publicou já muitas obras dentro da sua área. (Grupo Almeida, 2013)

<sup>3</sup> Planície do Pó (Planície do Rio Pó), o Rio Pó é o mais extenso da Itália – 652 km, desde os Alpes Cotianos até ao seu delta, no Adriático, a sul de Veneza. É navegável na maior parte da sua extensão e tem sido uma importante rota de comércio desde o tempo dos Romanos. (Reader's Digest Association, 1988, p. 558)

<sup>4</sup> Campânia, Itália, a região centra-se em Nápoles, tendo dois rostos distintos. O primeiro é a costa densamente povoada, dotada de planícies férteis em volta das cidades de Caserta e Salerno. Inclui as vertentes inferiores e densamente povoadas do Vesúvio e o belo litoral de Amalfi e Sorrento. O outro rosto é o interior montanhoso, remoto e pobre. A economia do interior é rural, ao passo que as cidades litorâneas, sobretudo Nápoles, possuem muitas indústrias – aço, construção naval, automóveis, artigos eléctricos e produtos alimentares. (Reader's Digest Association, 1988, p. 150)

<sup>5</sup> Quinto rei romano e primeiro de origem etrusca nascido na Tarquinia, que a respeito de ter usurpado o trono foi um grande administrador. Depois da morte de Anco Márcio, foi eleito rei de Roma. Possuía grande riqueza, oriunda das suas actividades comerciais. O seu verdadeiro nome foi substituído quando chegou a Roma com o objectivo de ganhar a confiança da elite romana. No seu governo, continuou as guerras de conquista contra as tribos vizinhas e vários templos. Instituiu jogos públicos e embelezou a cidade, construiu um circo e a praça pública, que eles chamavam de foro e fez secar as áreas de pântanos da cidade. Concluiu o esgoto principal de Roma (514 a. C.) uma galeria com 740m de extensão. Morreu assassinado em Roma pelos filhos de Anco Márcio, pertencente à série de reis lendários que governaram Roma e em cujo o reinado estenderam-se as fronteiras de Roma, várias cidades foram conquistadas e o território romano avançou até o mar, e foi substituído por Sécúrio Túlio, segundo rei etrusco e que realizou uma importante reforma social, dividindo a população em cinco classes, de acordo

510 a. C.. Realizaram obras públicas de grande importância, e exerceram uma política expansionista, estando o futuro de Roma dependente do controlo da planície do Lácio.

Assim, a partir da governação destes homens, Roma, que ocupava uma posição geográfica favorável situando-se longe do mar evitando ataques de piratas e controlando o curso do Tibre, conquista pontos estratégicos nas proximidades, e cria alianças com povos latinos. Através da sua localização controla as mercadorias e o tráfico que ali se cruzavam, e estabelecia importantes trocas comerciais com todo o mediterrâneo, devido ao seu porto situado em Óstia.

Por outro lado, a prosperidade da cidade manifesta-se a partir dos edifícios, casas e templos, e na qualidade dos produtos importados, baseando-se na influência da economia agrícola, e no controlo do comércio do Sul.

Por volta de 510 a. C., Roma torna-se uma potência importante controlando um amplo território, provocando a queda da monarquia etrusca, que atacados por mar e por terra foram obrigados a recuar para a Etrúria, permitindo aos romanos assumir o destino de Roma, convertendo-a numa República<sup>8</sup>. (Porto Editora, 2013)

---

com a renda de cada indivíduo. Ainda hoje a sua obra é parte do sistema de drenagem da cidade de Roma. (Netsaber Biografias, 2013)

<sup>6</sup> Sexto rei de Roma (510-509 a. C.) e segundo de descendência etrusca, sucessor de Tarquínio Prisco, o Antigo, que promoveu reformas sociais populares, especialmente para proteção dos plebeus. Durante esse período a sociedade romana encontrava-se dividida em patrícios e plebeus. Os patrícios pertenciam à camada superior da sociedade, e os plebeus, à camada inferior. Com a conquista etrusca de Roma e ao longo do governo dos três últimos reis etruscos, a desigualdade de ordem social entre patrícios e plebeus tendeu a se aprofundar. O segundo rei etrusco (514-510 a. C.), levantou a primeira muralha da cidade e proclamou as primeiras e diversas reformas sociais que favoreceram os plebeus. Criou várias gentes, promovendo famílias plebéias à condição de nobres, organizou assembleias militares, os comícios centuriatos, e estimulou o comércio e o artesanato visando fortalecer economicamente os plebeus. Morreu em Roma e essas medidas, que a tradição lhe atribuiu, ficaram conhecidas como reformas servianas. O objetivo do rei, entretanto, não era propriamente beneficiar os plebeus, mas fortalecer o poder monárquico. A criação de uma classe plebéia vigorosa tinha por fim a neutralização do poder dos patrícios, ou seja, algo semelhante ao pretendido pelos tiranos, como Pisístrato, na Grécia. Mas em Roma essa política de dar aos plebeus os meios para sua expressão política não teve o mesmo efeito e seu sucessor não conseguiu manter a monarquia e foi derrotado (509 a. C.) por uma revolta popular comandada por Lúcio Júnio Bruto (550-500 a. C.), apoiada pelos patrícios desejosos de manter os seus privilégios contra a sua política “popular” iniciada pelo antecessor, e foi morto pelos latinos. (Brasil Escola, 2013)

<sup>7</sup> Tarquínio foi segundo a tradição o quinto (616-579 a. C.) dos reis de Roma. É uma personagem histórica no limite da lenda, nebulosas e com bibliografia incerta e confusa. A família dos Tarquínios (talvez originária de Cere e não de Tarquínia) tenha governado por duas vezes, é possível, mas a cronologia e os pormenores relativos ao acesso ao trono não são fidedignos. Não se sabe também se a conquista do poder foi conseguida com a ajuda de forças externas, pois há indícios de que um certo Cneu Tarquínio de Roma estivesse envolvido nessa luta pelo poder em aliança com etruscos. (Porto Editora, 2013)

<sup>8</sup> Forma de governo em que o chefe do Estado é eleito pelos cidadãos ou seus representantes, tendo a sua chefia duração limitada. (Porto Editora, 2013)

Situando-se na fronteira entre o território etrusco e o colonizado pelos gregos, começa por ser uma pequena cidade sem importância, desenvolvendo-se até se transformar na *urbe*<sup>9</sup>, a cidade por excelência, capital do império. Por outro lado, é importante destacar os métodos de colonização usados pelos romanos em todo o território do império, desde as suas "infra-estruturas", divisão dos terrenos agrícolas em quintas cultiváveis e fundações de novas cidades. Por fim, a descentralização das funções políticas no final do império.

"Às margens do território etrusco forma-se a cidade de Roma" (Benevolo, 2007, p. 136), uma cidade que se torna capital por obrigação, devido ao império ter nascido da ampliação de uma cidade-Estado<sup>10</sup>, tornando-se pouco a pouco uma cidade mundial, sem perder o seu "carácter original, casual e particular." (Benevolo, 2007, p. 136)



Ilustração 1 - Roma republicana. (Benevolo, 2007, p. 137)

Contudo, e apesar de na Idade Média<sup>11</sup> se ter tornado uma pobre aldeia e na Era Moderna<sup>12</sup>, uma cidade secundária, Roma estabelece o seu prestígio na era de Augusto<sup>13</sup>.

---

<sup>9</sup> *urbe* (latim *urbs*, *urbis*) s. f. Povoação que corresponde a uma categoria administrativa (em Portugal, superior a vila), geralmente caracterizada por um número elevado de habitantes, por elevada densidade populacional e por determinadas infra-estruturas, cuja maioria da população trabalha na indústria ou nos serviços. = CIDADE. (Priberam Informática, 2012)

<sup>10</sup> Sistema político constituído por uma cidade independente que exerce soberania sobre um território circundante, actuando como centro político, económico e cultural. (Porto Editora, 2013)

<sup>11</sup> A Idade Média é um período histórico entre a Antiguidade e a Época Moderna, a Idade Média, como qualquer outra divisão cronológica, apresenta datas discutíveis quanto ao seu início e fim. A civilização

“A origem da cidade está ligada, como sempre à natureza dos lugares” (Benevolo, 2007, p. 137), no curso inferior do rio Tibre<sup>14</sup>, depois de uma curva bastante pronunciada, o rio separa-se em dois ramos, deixando ao meio uma ilha, a ilha tiberina situada em frente ao porto da cidade na qual se encontra um hospital e uma igreja na praça central, podendo ser alcançada através de 2 pontes, controladas por uma torre que ainda se encontra no local (McDonald, 2011, pg. 153). Na margem direita foi ocupada pelos etruscos, e do lado esquerdo visualizam-se várias colinas. Assim, nesse ponto forma-se uma feira e um mercado, enquanto nas colinas nascem as primeiras fortificações.

"Mais tarde – por obra de Sêrvio Túlio, segundo a lenda - forma-se uma cidade que inclui as setes colinas tradicionais, e é dividida em quatro regiões [...]". (Benevolo, 2007, p. 139)

A Suburbana, que compreende o Célio, onde se avista o Coliseu, sendo uma bela zona residencial na época da Roma Imperial e onde hoje em dia, devido à protecção arqueológica estabelecida nos inícios do século XX, é uma região tranquila, com um enclave verde que vai desde a Muralha de Aureliano até ao centro da cidade, e na

---

medieval caracterizou-se por um fracionamento da autoridade política e um enfraquecimento da noção de Estado, tendo em conta a organização e centralidade romanas. A economia baseava-se na agricultura, embora o comércio e as manufaturas tenham lentamente progredido. Socialmente, existia uma divisão em três grupos distintos: dois poderosos, a nobreza, guerreira e proprietária, e o clero, dominador mental e culturalmente, e um pobre, servil e maioritariamente camponês, o povo. (Porto Editora, 2013)

<sup>12</sup> A Idade Moderna é um período específico da História do Ocidente. Destaca-se das demais por ter sido um período de transição por excelência. Tradicionalmente aceita-se o início estabelecido pelos historiadores franceses, em 29 de maio de 1453 quando ocorreu a tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos, e o término com a Revolução Francesa, em 14 de julho de 1789.

<sup>13</sup> Gaius Julius Caesar Octavianus (63 a. C.-14 d. C.), sobrinho-neto de Júlio César, tornar-se-ia, mercê do seu génio político, o primeiro imperador romano. Após a sua morte fez parte do panteão dos deuses de Roma. O seu pai, senador e pretor, morreu quando tinha 4 anos de idade, sendo Júlio César a apoiar a entrada na vida pública que, no seu testamento, o tomaria como filho adotivo e herdeiro, tendo tido uma carreira fulgurante desde o início. Em 43 a. C. formou com Lépido e Marco António o segundo triunvirato, tendo os três homens dividido entre si o governo do território do império. Deste modo tornava-se evidente a disputa entre Augusto e Marco António pelo domínio de Roma. Mais tarde assumiu a direção do culto religioso romano e consolidou o poder central e organizou a administração no que dizia respeito ao emprego de funcionários, à cobrança de impostos, à emissão de moeda e à manutenção da ordem pela frota e pelas legiões de Roma. Desta forma, o exercício do poder absoluto por Augusto coincidiria com uma época de paz e estabilidade interna no império (a chamada *pax romana*), época bem diferente do período conturbado das guerras civis que a precederam. Época áurea do império em vista da ordem social estabelecida e da extensão territorial alcançada, foi também notável pelas grandes obras realizadas (inúmeros templos foram erigidos, fez-se uma extraordinária rede de estradas) e pelas suas manifestações culturais. Augusto César preparou cuidadosamente a sucessão, tendo deixado o governo do império a Tibério Augusto, seu filho adotivo. (Porto Editora, 2013)

<sup>14</sup> Tibre, Itália. O terceiro rio mais extenso do país, depois do Pó e do Ádige. O Tibre nasce perto do monte Fumaiolo (1407 m), a leste de Florença, e corre para sul numa extensão de 405 km, atravessando a Úmbria, banhando Roma e desaguando junto de Óstia. As cidades de Todi, Perugia e Città di Castello dominam o vale do Tibre. (Reader's Digest Association, 1988, p. 681)

qual o seu nome é devido a Caelius Vibenna (herói lendário). (McDonald, 2011, p. 189)

Esquilino, sendo a maior e mais elevada colina de Roma é uma das zonas mais pobres da cidade, tinha vista para o Fórum pelas suas encostas voltadas para oeste, na época Imperial, e hoje em dia verificam-se várias construções, destacando-se as igrejas fundadas no local de antigas casas onde os Cristãos costumavam reunir-se secretamente na época em que a religião era proibida (McDonald, 2011, p. 167), onde está compreendido o Ópio e o Císpio.

Colina, compreendendo o Viminal e o Quirinal, e Palatina, que inclui o Palatino. (Benevolo, 2007, p. 139)



Ilustração 2 - Planta com as 7 colinas de Roma. (Benevolo, 2007, p. 174)

No centro destas quatro regiões forma-se a área comercial, o Fórum Romano, um espaço aberto envolvido por importantes edifícios públicos (estátuas, arcos, templos, basílicas, entre outros) que serviam de locais de reunião. Encontrava-se no cruzamento do *cardo* e do *decumano* (eixos centrais de urbanismo de cidades com fundação romana), entre as colinas mais importantes de Roma em termos políticos, históricos e sociais, o Palatino e Capitólio. (Porto Editora, 2013) E fora da cidade, o

Capitólio, que funciona como Acrópole<sup>15</sup>, e o Aventino (uma das sete colinas de Roma) que em 456 a.C. era destinado aos plebeus<sup>16</sup>.



Ilustração 3 - Foro Romano. (Ilustração nossa, 2012)

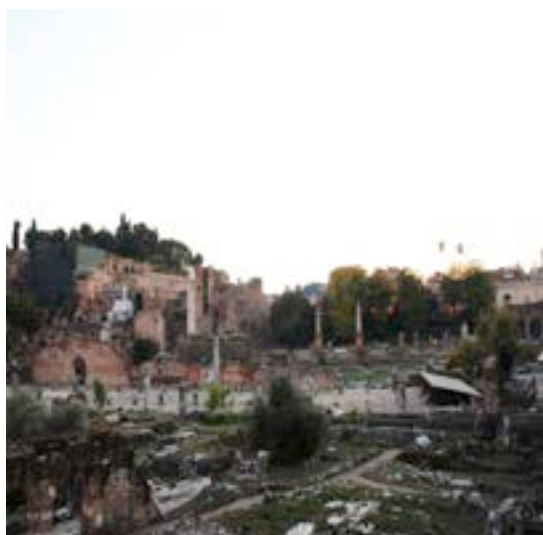


Ilustração 4 - Foro Romano. (Ilustração nossa, 2012)



Ilustração 5 - Foro Romano. (Ilustração nossa, 2012)

O Capitólio era o centro do mundo romano, situado na parte sul do Monte Capitolino, alcançava-se a partir do fórum por uma estrada em ziguezague, continha o Templo de Júpiter, e juntos simbolizavam a autoridade de Roma como "*caput mundi*" ("cabeça do mundo"), tendo origem no Capitólio o conceito de cidade "capital". Era aqui que se situava a sede do governo, durante toda a história da cidade. Mais tarde foi criada por

---

<sup>15</sup> A Acrópole de Atenas fica situada num monte rochoso que domina a cidade. A sua origem está relacionada com o estabelecimento de um templo e de um sistema defensivo. A casa de Atena, a deusa da cidade, foi construída na segunda metade do século V a. C.. (Porto Editora, 2003-2013)

<sup>16</sup> Plebeu - adj. Próprio da plebe; que não é nobre; sem refinamento, vulgar, prosaico, popular, comum. S.m. Homem da plebe, homem do povo. Os plebeus pertenciam à classe popular da sociedade na antiga República Romana. Entre eles estavam os escravos libertos, os agricultores e os vassallos dos patrícios. Não se sabe como se originou a diferença entre plebeus e patrícios, embora já existisse no início do séc. VI a.C. (Dicionário Online Português, 2011)



Miguel Ângelo<sup>17</sup> uma magnífica praça que tem acesso por uma escadaria extraordinária, conhecida por Cordonata. (McDonald, 2011, pg. 65)



**Ilustração 6** - Vista aérea da Praça do Capitólio. (Benevolo, 2007, p. 451)



**Ilustração 7** - Escadaria de acesso à Praça do Capitólio, conhecida por Cordonata. (Ilustração nossa, 2012)



**Ilustração 8** - Praça do Capitólio. (Ilustração nossa, 2012)

Em 378 a.C., durante a incursão dos gauleses, a cidade foi ocupada e incendiada, sendo posteriormente reconstruída, defendida por novos muros de pedras esquadradas, sem corrigir o seu traçado irregular.

A partir do século IV a.C., Roma consegue a organização de uma grande cidade: “a partir de 329, o vale entre o Palatino e o Aventino transforma-se no Circo Máximo<sup>18</sup>; em 312 constrói-se o primeiro aqueduto (Cláudio)<sup>19</sup>, para reabastecer as zonas elevadas; na grande planície entre as colinas e a enseada do Tibre, que consiste no Campo de Marte<sup>20</sup> reservado ao exército, onde se constroem os primeiros edifícios.” (Benevolo, 2007, p. 140)

---

<sup>17</sup> Escultor, pintor, arquiteto e poeta, Michelangelo Buonarroti, conhecido também por Miguel Ângelo, nasceu em 1475 e iniciou-se na pintura aos 13 anos, como aprendiz de Ghirlandaio, fazendo-se notar pela firmeza e força do seu traço. Trabalhou depois numa oficina de escultura patrocinada por Lourenço de Medicis, vindo a frequentar a sua casa e o círculo intelectual de que se fazia rodear. A sua estadia em Roma, de 1496 a 1501, é essencialmente marcada pela primeira obra-prima, *Pietà* (1500?), um dos trabalhos mais acabados do artista. (Porto Editora, 2013)

<sup>18</sup> Atribuído à época real mas muito provavelmente construído num período posterior. Este circo, localizado entre o Palatino e o Aventino, hoje em dia só pode ser reconhecido através do traçado deixado no terreno onde outrora esteve instalado. Nos seus tempos áureos acolhia 320 000 espectadores, que ali assistiam às corridas de carros e aos jogos romanos do início de setembro. (Porto Editora, 2013)

<sup>19</sup> Cláudio nasceu em Lião, no dia 1 de Agosto de 10 a.C., e tinha 50 anos quando se tornou imperador. (Scarre, 1995, p. 43)

<sup>20</sup> O Campo de Marte era uma zona da Roma Antiga de aproximadamente dois quilómetros, inicialmente externa aos confins citadinos, e mais tarde subdividida por Augusto em duas das suas 14 regiões: a VII *via Lata* e a IX *Circus Flaminius*. Com a destruição dos aquedutos durante o assédio da Guerra Gótica do século VI e a conseqüente maior comodidade devido à proximidade do rio, e influenciada pelo - entretanto criado - novo pólo citadino da Basílica de São Pedro, no Vaticano, centro de peregrinação, a área do Campo de Marte torna-se no quarteirão mais populoso da Roma medieval.



Assim, as construções vão-se tornando cada vez mais grandiosas, obrigando a destruir o que já existia, para dar espaço aos novos arranjos, entrando em conflito com a anterior organização da cidade. O Foro Romano é ampliado, por Júlio César<sup>21</sup>, com a basílica Júlia e com o novo Fórum mais a norte, demolindo um velho bairro junto ao Capitólio, e ocupando também o Campo de Marte, com vários edifícios.



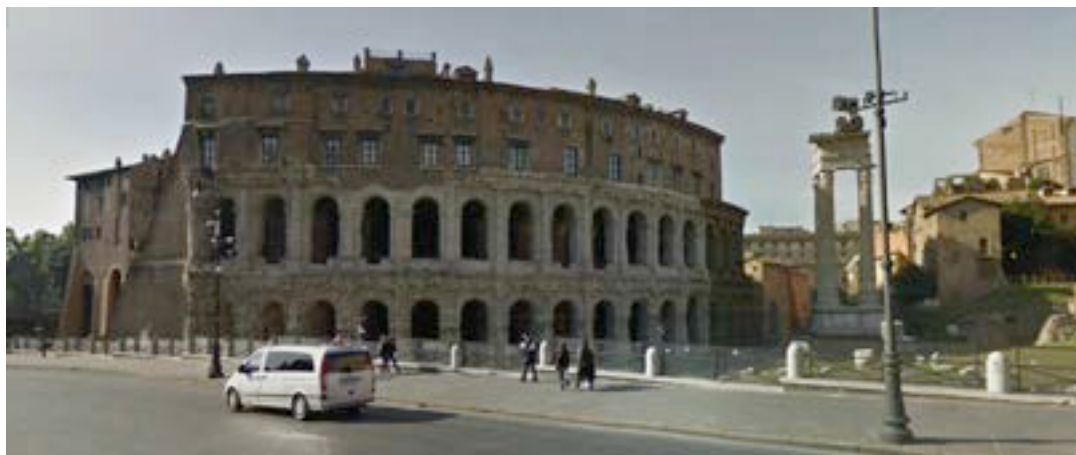
**Ilustração 9** - Zona do Campo de Marte. (Benevolo, 2007, p. 149)

Zona do Campo de Marte, reconstruída em plástico em 1939: ao centro o Panteão, à esquerda uma parte do estádio de Domiciano (que corresponde à Praça Navona) e, ao fundo, o centro monumental.

O Teatro de Marcelo, inaugurado em 13 ou 11 a. C., foi mandado construir por Augusto em honra do seu sobrinho, possui um diâmetro de 130 m, com uma fachada enorme e imponente, conservou-se ao longo dos tempos, permanece na actualidade com a sua fachada à vista, sendo o seu espaço interior reutilizado para a edificação de múltiplas estruturas habitacionais. (Câmara Municipal de Lisboa, 2008)

---

<sup>21</sup> Nasceu no ano 100 e morreu, assassinado, em 44 a. C., ao cabo de uma carreira que fez dele o primeiro homem político de Roma. Dois anos após a sua morte ser-lhe-ia atribuído o estatuto de deus do povo romano. A sua entrada na vida pública foi precedida por vários anos de instabilidade em Roma. O jovem César começou por se dedicar à vida militar, que sempre lhe serviria de suporte às ambições políticas. Alcançou, depois, posições de menor importância na magistratura, até que, em 69 a. C., foi eleito questor. O cargo trouxe-o à Península Ibérica, e mesmo a território que é hoje em dia português. Mais tarde, em 62 a. C., foi eleito pretor, tendo de seguida ocupado o cargo de governador, mais uma vez, na Ibéria. Em 59, César foi eleito cônsul. Constituiu então, com Crasso e Pompeu, um triunvirato que duraria até ao ano de 56 a. C.. (Porto Editora, 2013)



**Ilustração 10** - Teatro de Marcelo. (Google Maps, 2013)

O Panteão, mandado construir em 118 e 128 pelo Imperador Adriano, foi dedicado a todos os deuses, sobretudo às divindades planetárias que sendo 7, estabelecem os 7 nichos com altares existentes no interior. No exterior, é formado por um tambor cilíndrico liso, sem decoração, de 44 metros de diâmetro, e com uma cúpula de curvatura suave. A sua entrada consiste num pórtico de grandes dimensões e num átrio que faz a transição entre exterior e interior, criando uma fachada monumental. Nos inícios do século VII (em 609) o edifício foi consagrado como igreja recebendo a designação de Santa Maria dos Mártires, processo de apropriação religiosa que foi responsável pela sua conservação durante mais de dezoito séculos. Nesta altura os grandes nichos laterais foram redecorados, recebendo imagens cristãs. (Porto Editora, 2013)



**Ilustração 11** - O Panteão conservado entre as casas de Roma moderna, onde se vê os dois campanários, realizados por Bernini em 1600, que foram posteriormente demolidos para completar o isolamento do edifício antigo. (Benevolo, 2007, p. 159)



**Ilustração 12** - Panteão. (Ilustração nossa, 2012)

O Mausoléu do Imperador, construído em 28 a. C., ano em que Augusto se tornou o primeiro imperador de Roma, funcionando com um túmulo para si e para os seus

descendentes, de forma circular, o edifício possui um diâmetro de 87m e 2 obeliscos na entrada. Mais tarde teve usos muito diversos, desde fortaleza, durante a Idade Média, jardim particular, auditório e teatro, no século XVIII. (McDonald, 2011, pg. 141)

A Ara Pacis, (Altar da Paz), que comemora a paz estabelecida na região mediterrânea pelo Imperador Augusto, é um dos edifícios mais importantes em Roma encomendado pelo Senado em 13 a. C., foi concluído quatro anos depois e disposto de maneira a que a sombra do obelisco do Campo de Marte incidisse sobre ele no dia do aniversário de Augusto. Apresenta-se com uma estrutura cúbica sobre uma plataforma, com o altar ao centro, tendo as superfícies decoradas por frisos e relevos de mármore. Contudo, a reconstrução de 1938, apresenta uma parte original e outra reconstruída, sendo em 1999 construído um edifício para abrigar o monumento, projectado pelo arquitecto Richard Meier<sup>22</sup>. (McDonald, 2011, pg. 140)

Os sucessores de Augusto continuam, desordenadamente, o programa de reorganização geral, tendo Vespasiano<sup>23</sup> mandado demolir a Domus Aurea, uma área cerca de 25 vezes maior que o Coliseu, mandada construir por Nero em 64 d. C. ocupando parte do Monte Palatino e a maior parte dos montes Célio e Esquilino. Esta foi mais tarde, pelos sucessores de Nero, ansiosos por se distanciarem do monstruoso imperador, apagada de todos os seus vestígios, como por exemplo o aterro do grande

---

<sup>22</sup> Arquitecto norte-americano, Richard Meier nasceu em 1934. Estudou arquitectura na Universidade de Cornell, licenciando-se em 1957. Posteriormente estagiou em vários gabinetes de arquitectura, entre os quais o Som (Skidmore, Owings & Merrill) e o de Marcel Breuer. Numa viagem que realizou à Europa teve oportunidade de conhecer Le Corbusier, cuja obra influenciou decisivamente o seu percurso criativo. Meier fundou o seu próprio gabinete em 1963. Os primeiros projetos que desenvolveu foram casas unifamiliares isoladas, geralmente de grande dimensão, para clientes ricos, nas quais actualizou alguns dos temas da arquitectura racional dos anos vinte e trinta. Retomou não só a gramática tendencialmente abstracta das superfícies brancas mas também a solução de organização dos espaços onde imperavam sistemas estruturantes formados por percursos cenográficos que concretizam a ideia corbusiana de *promenade architecturale*. A atenção aos valores topográficos e à implantação das construções no terreno apontavam também para alguns dos ideais orgânicos de Frank Lloyd Wright. Nos anos setenta, Meier teve a oportunidade de desenvolver projectos de maior dimensão onde aborda outro tipo de programas. Na década de oitenta realizou muitas obras na Europa, trabalhando geralmente em núcleos de zonas antigas. A atenção ao contexto e à morfologia dos tecidos urbanos confirmaram a sua apetência para a revitalização de zonas degradadas ou fracamente consolidadas. Desde 1983 Meier foi professor na Academia Americana e no Instituto de Artes e Letras. Recebeu a *Royal Gold Medal* da RIBA em 1988 e o *Pritzker Prize* em 1984. (Porto Editora, 2013)

<sup>23</sup> Vespasiano foi um imperador diferente: não sendo patricio, mas sim oriundo da classe media, era um homem que detinha uma vasta experiência nas províncias e no exército, diferente da de um mero cortesão urbano. Deu ao império um período de governação estável e eficaz, depois dos distúrbios do ano 69. A sua tolerância e humor granjearam-lhe muitos amigos e a forma como velou pelo bem-estar de Roma e das províncias deu ao império uma posição nova e mais segura. Ao contrário dos seus antecessores, a carreira inicial de Vespasiano granjeou-lhe uma experiência em todos os cantos do Império Romano. Nasceu no dia 17 de Novembro de 9 d. C. em Falacrinae, perto de Reate, na região dos montes Sabinos, a nordeste de Roma. No tempo de Tibério exerceu as funções de tribuno militar na Trácia e questor em Creta e em Cirene. Vespasiano entrou em Roma no início de Outubro de 70. (Scarre, 1995, pg. 64, 65 e 67)

lago que possuía para se erguer (Ferdie McDonald, 2011, pg. 175) o grande anfiteatro da cidade, o Coliseu, local de espectáculos de combates mortais, oferecidos pelo imperador ao público, entre gladiadores e animais selvagens. Possuía um fácil acesso a milhares de pessoas através de 80 entradas em arco, apresentando-se como uma construção de grande beleza, inaugurada em 80 d. C., sendo ainda hoje majestática apesar de negligenciada e saqueada durante séculos. (McDonald, 2011, pg. 92)



**Ilustração 13** - Coliseu. (Ilustração nossa, 2013)

Domiciano<sup>24</sup> que construiu vários edifícios monumentais à volta de um novo estádio, que mais tarde se tornará na Praça Navona, uma praça onde as fundações dos edifícios que a contornam, são as tribunas desse mesmo estádio. É constituída por um obelisco da Fontana dei Quattro Fiumi em frente à igreja de Sant' Agnese in Agone. (McDonald, 2011, pg. 117)

---

<sup>24</sup> Domiciano nasceu em Roma, na zona conhecida pelo nome «Malum Punicum» (Romã), no dia 24 de Outubro de 51. Em Setembro de 81, foi formalmente investido do cargo imperial pelo Senado. (Scarre, 1995, p. 77)



**Ilustração 14** - A zona da Praça Navona, no centro histórico de Roma. (Benevolo, 2007, p. 463)

A zona da Praça Navona, no centro histórico de Roma: fotografia aérea. O espaço vazio da Praça Navona reproduz a forma do Estádio de Domiciano; ao redor ramificam-se as ruas tortuosas da cidade medieval, com os edifícios altos e estreitos; distinguem-se os lotes maiores dos palácios, com os pátios de forma regular. As duas ruas rectilíneas, à direita (corso Rinascimento) e em baixo (corso Vittorio Emanuele).

Trajano<sup>25</sup> constrói, entre o Quirinal e o Capitólio, um novo centro cívico, o grande conjunto do Foro Trajano com o mercado nos declives do Quirinal; sobre o Ópio manda erigir as Termas de Trajano, e nos arredores do Foro manda reconstruir a casa das Vestais<sup>26</sup>.

---

<sup>25</sup> Trajano ficou para a história como um dos maiores e mais conhecidos de todos os imperadores romanos, o primeiro imperador não italiano. Os seus 19 anos de governo foram marcados por uma série de feitos militares que alargaram as fronteiras do império na sua extensão máxima; por um paternalismo notório na procura de uma administração correcta; e por excelentes relações com o Senado. Nasceu no dia 18 de Setembro provavelmente no ano 53 d. C., em Itálica, perto de Sevilha. Teve um início de vida bastante auspicioso, depois de ter exercido as funções de tribuno militar, chegando rapidamente a comandante da Sétima Legião "Germina". Morreu de repente, ao fim de 19 anos de reinado a 9 de Agosto de 117 d. C.. (Scarre, 1995, p. 90-97)

<sup>26</sup> Assim que uma rapariga se tornava Vestal, passava a viver na Casa das Virgens Vestais que, originalmente, era um enorme complexo com cerca de 50 aposentos distribuídos por três andares. Actualmente, as únicas ruínas importantes são alguns dos quartos em redor do pátio central. Esse espaço talvez seja o mais evocativo do Fórum. Elevando-se sobre lagos de nenúfares e roliços peixes dourados, tem uma fileira de estátuas dos séculos III e IV d.C., desgastados pelo tempo, e na sua maioria acéfalas, retratando antigas Vestais. As peças mais conservadas foram transferidas para o Museo Nazionale Romano. Embora vários dos aposentos que cercam o pátio estejam bem conservados - alguns têm até os degraus que levavam ao andar superior -, não se pode penetrar no seu interior. Mas quem observar as divisões ao longo do lado sul pode ver as ruínas de um moinho usado para moer os grãos com os quais as vestais faziam um bolo especial para os sacrifícios. A padaria ficava ao lado. (McDonald, 2011, pg. 85)





**Ilustração 15** - Mercado de Trajano. (Ilustração nossa, 2013)

Roma atinge uma organização física que parece coerente e definitiva, onde os grandes edifícios públicos estabelecem um grande equilíbrio, alcançando o seu desenvolvimento máximo.



**Ilustração 16** - O centro monumental de Roma, como é hoje. Em primeiro plano, o Circo Máximo, o Palatino (onde chega o Aqueduto de Cláudio) e o Coliseu; atrás, os Foros, o Capitólio e a zona de Campo de Marte. (Benevolo, 2007, p. 142)



**Ilustração 17** - O centro monumental de Roma, reconstruído num modelo plástico de 1939. Em primeiro plano, o Circo Máximo, o Palatino (onde chega o Aqueduto de Cláudio) e o Coliseu; atrás, os Foros, o Capitólio e a zona de Campo de Marte. (Benevolo, 2007, p. 143)

Os edifícios são feitos pelos melhores artistas do império, onde os frisos de alguns monumentos de celebração são esculpidos em relevo, demonstrando uma importância relevante e contam uma história rica de significados. Assim, “a cidade é o conjunto destes ambientes destacados, e para seu próprio benefício não é nem fechada nem equilibrada: cobre um trecho de território, desfigurando a forma natural do terreno, e rechaça o campo para longe.” (Benevolo, 2007, p. 143)

Os imperadores seguintes enriquecem este quadro com outras intervenções, usando técnicas cada vez mais seguras e avançadas, onde as “esculturas e as pinturas se

contrapõem à arquitetura, como peças de decoração independentes: a continuidade das formas plásticas fixada pelos gregos perdeu-se definitivamente.” (Benevolo, 2007, p. 143)

Posteriormente a Constantino<sup>27</sup>, prossegue-se a manutenção e conservação dos monumentos existentes.

Roma, surge até o século II d.C., como uma “cidade aberta” que cresce e ocupa uma superfície cada vez maior, possuindo uma concentração bastante significativa de habitantes, onde as 14 regiões augustas permanecem a base do seu ordenamento administrativo, variando os limites exteriores como o limite alfandegário, e os campos vizinhos são ocupados pelas grandes vilas suburbanas.



Ilustração 18 - Planta de Roma Imperial. (Benevolo, 2007, p.144)

No entanto, a cidade carece de um problema na sua rede de estradas sendo insuficientes para aquela realidade, obrigando César a impor algumas medidas, proibindo a circulação de carros desde o nascer do sol ao pôr-do-sol, originando um

---

<sup>27</sup> Nascido a 7 de Fevereiro de 272 ou 273 em Naisso, Caio Flávio Valério Constantino, reconhecido como César em 306 Flávio Valério Constantino Nobilíssimo César, em 307 Imperador César Constantino Pio Félix Invicto Augusto, Pontífice Máximo, Pai da Pátria, Procônsul. Acrescentado a partir de 312 «Máximo», a partir de 324 «Vitorioso» em vez de «Invicto». Imperador I na acessão, depois II e III (307), IV (308); depois disso renovado anualmente em Julho até XXXII (Julho 336-Maio337). Títulos completos aquando da sua morte, Imperador César Flávio Constantino Máximo Pio Félix Victor Augusto, Pontífice Máximo, Germânico Máximo IV, Sarmático Máximo II, Gótico Máximo, Tribuno da plebe XXXIII, Imperador XXXII, Cônsul VIII, Pai da Pátria, Procônsul. Mulheres, Minerva e Fausta. Filhos, um filho de Minerva: Caio Flávio Júlio Crispo, três filhos de Fausta: Flávio Cláudio Constantino (Constantino II) e Flávio Júlio Constâncio (Constâncio II) e Flávio Júlio Constante, e duas filhas de Fausta: Constantina e Helena. Morreu de doença em Akyrona, perto de Nicomédia, no dia 22 de Maio de 337; sepultado na Igreja dos Santos Apóstolos em Constantinopla. (Scarre, 1995, p. 214)

aumento de ruído na cidade durante a noite, e obrigando os proprietários das casas circundantes a limpar a rua.

Porém, os esgotos foram amplamente aumentados, destinados a recolher as águas das chuvas, a água em excesso dos aquedutos, as descargas dos edifícios públicos e de algumas das casas individuais (*domus*) nos andares térreos.

Assim, através dos 13 aquedutos, é trazido para a cidade mais de um bilião de metros cúbicos de água, somente para usos públicos, podendo o excedente das fontes ser cedido aos particulares.

Por outro lado, surgem na cidade vários dias festivos, podendo a população assistir a diversos espectáculos. A cidade é abastecida por mar até à foz do Tibre, pelo que se torna necessária a construção de uma cidade portuária, Óstia. As mercadorias eram, posteriormente, levadas por navios de menores dimensões até Roma, existindo na Ilha Tiberina "[...] um grandioso sistema de desembarcadouros e de depósitos (*horrea*), [...]". (Benevolo, 2007, p. 175)

Deste modo, edificam-se várias construções, para os espectáculos, nomeadamente, o Circo Máximo, teatros, anfiteatros (Coliseu e Castrense) e naumáquias para os combates navais, evidenciando os meios que a autoridade pública possuía. Contudo, todo este ambiente vivido em Roma, traz vários problemas por resolver à cidade. Entre outros, seria necessário albergar todas as pessoas, fornecer água, fazer circular os homens e os veículos pelas ruas. E, para fazer funcionar esta grande cidade, era necessário uma grande estabilidade política, que nem sempre se verificava, surgindo a interrupção dos abastecimentos em Óstia que origina a deslocação da população para o campo, e posteriormente o desmoronamento dos aquedutos, por falta de manutenção.

Verifica-se assim, uma grande mudança na cidade, que até então era uma cidade antiga, transformando-se numa cidade moderna,

[...] uma cidade de fortuna nas zonas livres da capital antiga, entre as ruínas dos grandes edifícios públicos - o Teatro de Marcelo, o Panteão, o Teatro de Pompeu, o Estádio de Domiciano, o Mausoléu de Augusto – que emergem por entre as casas. O centro monumental antigo – zona dos foros, do Capitólio, do Palatino e do Coliseu – fica à margem da nova cidade, por se encontrar no coração da zona colinosa habitada no início. As grandes termas que serviam os bairros mais populosos – as de Caracala e de Diocleciano – e também as grandes basílicas cristãs construídas no século IV d.C.



na periferia – São Paulo, São Lourenço, São João, Santa Maria Maior – ficam distanciadas da cidade, numa paisagem desabitada. (Benevolo, 2007, p. 176)

## **2.2. A CIDADE MEDIEVAL**

A lenta queda do Grande Império Romano vai provocar fortes impactos no que se iria verificar na Idade Média, onde as várias e antigas civitas romanas vão desaparecendo aos poucos, obrigando a população a deslocar-se para áreas rurais, evitando grandes concentrações. Surge como uma sociedade agrária, o que se torna a base da sua economia. Procede-se ao cultivo de toda a terra existente, mudando-se e humanizando-se a paisagem.

O regime senhorial que se estabelece em toda a Europa, o feudalismo, tem fundamentalmente essa base agrária. O rei conta com senhores feudais que o apoiam e defendem em caso de guerra, e a quem concede o domínio de vastos territórios. O senhor governa nessas terras com poderes quase absolutos, tirando do campo tudo o que deseja e submetendo a população camponesa a uma servidão completa de vidas e fazendas. (Chueca Goitia, 1992 p. 81)

Por outro lado, verifica-se um abrandamento no crescimento demográfico e a vida urbana torna-se ao longo dos tempos reduzida. Porém, nos séculos X e XI, devido à estabilidade política e ao aparecimento do comércio, voltam-se a dinamizar as estruturas urbanas. Assim, verificamos nas cidades medievais diversas origens, que no desenrolar dos tempos se vão assemelhando, tais como: a reocupação de cidades abandonadas; a fixação de burgos no outro lado do rio (periferia romana) que se desenvolvem até formar cidades; a transformação de antigos santuários cristãos em novos núcleos romanos; crescimento de aldeias rurais que se transformam em cidades e o aparecimento de novas cidades com bases militares e comerciais com um plano geométrico predeterminado. (Lamas, 2010, p. 151)

Surgem grandes mudanças a nível funcional, devido ao espaço disponível no interior dos perímetros das muralhas e à escassez na obtenção de materiais de construção, que obriga a que na cidade medieval sejam utilizadas algumas pedras provenientes de templos e edifícios da cidade romana. Logo, “a sobreposição de traçados e de construções realiza-se sem uma ordem predefinida e com pontos de apoio nos eixos que ligam as cidades, estradas de passagem, portas das muralhas, pontes sobre os rios, etc.” (Lamas, 2010, p. 151) Assim, a cidade medieval forma-se a partir da

estrutura das antigas cidades romanas, perdida durante vários séculos, não sendo totalmente retomada na reocupação com um aspecto de aparente desordem favorecida pela topografia do terreno, ou através da criação de novas cidades. Surge e desenvolve-se segundo um crescimento natural e orgânico.

Verifica-se no traçado medieval, a divisão do terreno em loteamentos, sendo este aspecto mais evidente na criação de novas cidades, através do “recurso à quadrícula e a geometrias de divisão do solo” e à “possibilidade de um traçado em terreno livre conduz a formas regulares e a uma ideia predeterminada na concepção espacial” (Lamas, 2010, p. 152), do que em estruturas romanas, que se vão sobrepor às ruínas.

Assim, vamos verificando uma grande alteração no conceito de desenho, abandona-se a escala monumental e adopta-se uma escala mais pequena, mais íntima, o que origina uma diversa redistribuição demográfica, obrigando à criação de novos espaços. Contudo, vão surgindo diversas alterações demográficas, onde as cidades crescem e diminuem consoante o aparecimento de epidemias, como a peste e guerras.

Por outro lado, a cidade medieval caracteriza-se por diversos elementos e componentes que lhes dão forma e imagem. As muralhas funcionam como elemento defensivo e delimitador de espaço, concentrando a cidade e separando-a do mundo rural. A rua surge como o elemento base de todo o organismo do espaço urbano, servindo para a circulação pedonal ou circulação de animais de carga. A fachada do edifício, com grande carga comercial, torna-se preponderante na ligação dos sistemas de ruas, uma vez que o piso térreo é usado para loja, na qual se negocia, compra e vende. No entanto, as ruas sendo estreitas são compensadas pela existência de hortas, jardins e espaços públicos (praça e mercado). O mercado, que funciona como espaço aberto de trocas e serviços, posiciona-se no adro da igreja, ou no centro da cidade ou junto a uma das suas portas. A praça, de forma irregular, surge mais a partir “[...] de um vazio aberto na estrutura urbana do que de um desenho prévio [...]” (Lamas, 2010, p. 154), onde se estabelecem importantes trocas comerciais e reuniões sociais.

Associados a estes dois elementos e introduzidos por acumulação na estrutura urbana, surgem muitas vezes os edifícios singulares, com um carácter forte e dominante, estabelecendo lugares de defesa, poder e religiosos, como a igreja, o castelo e a câmara municipal, contrapondo-se à estrutura simples das habitações.

No entanto, enquanto mais tarde na Roma Barroca, cresciam importantes igrejas, na Roma medieval não havia nenhuma catedral que se pode-se assemelhar. Acontecendo o mesmo com a população, sendo esta à volta dos 17.000 habitantes, revelando um grande retraimento de Roma, em comparação com outras grandes cidades da altura, como Veneza, Londres ou Paris. (Giedion, 2004, p. 103)

Segundo Fernando Chueca Goitia<sup>28</sup>, a cidade medieval possui características muito próprias, sendo "[...] um meio homogéneo, e ao mesmo tempo plenamente identificável em todas as suas partes" (Chueca Goitia, 1992 p. 94), apresenta-se com ruas distintas, edifícios e praças que possuem a sua própria linguagem e geometria, que nos permite identificá-los e separá-los uns dos outros. Existe uma hierarquização de cada elemento que gera uma harmonia do todo.

Roma medieval estava somente identificada pela área confinada à curva do rio Tibre, do outro lado do Castello S. Angelo, com condições pouco favoráveis, denotando-se com um clima insalubre e pouco proveitoso.

Por este motivo, todo o desenvolvimento posterior da cidade de Roma, teve início fora do seu núcleo medieval, deixando intacto toda essa zona, onde surgem algumas artérias que a atravessavam. (Giedion, 2004, p. 105 e 106)

---

<sup>28</sup> Fernando Chueca Goitia (1911-2004). Arquitecto e ensaísta espanhol, além de académico, historiador e erudito, torna-o uma referência na arquitectura espanhola do século XX. De entre os cargos que desempenhou deve destacar-se que foi catedrático de História de Arte na Escola Superior de Arquitectura de Madrid, membro da Real Academia de Bellas Artes de San Fernando y de la Historia, presidente do Instituto de Espanha e Decano do Colégio Oficial de Arquitectos de Madrid. Em 2002 recebeu o Prémio Nacional de História de Espanha. (Editorial Presença, 2013)



**Ilustração 19** - GIOVANNI BATTISTA FALDA. Roma medieval, do Castelo S. Angelo à Ponte de Sisto IV (detalhe do mapa, 1676). (Giedion, 2004, p. 104)

Como verificamos na ilustração a cima, Roma medieval foi simplesmente restringida à curva do Tibre dominada pelo Castello S. Angelo e a Piazza di Ponte que se situa na extremidade da ponte, torna-se o ponto de partida das principais vias da cidade medieval. (Giedion, 2004, p. 104)

### 2.3. A CIDADE RENASCENTISTA

No início do século XV, vários artistas descobrem novos métodos de projectar edifícios, de pintar e de esculpir, mudando por completo a natureza do trabalho artístico e as suas relações com outras actividades humanas.

Filippo Brunelleschi<sup>29</sup> adopta um método novo de trabalho na arquitectura, onde é definido a forma precisa da obra antes de iniciar as operações de construção,

---

<sup>29</sup> Arquitecto, escultor e ourives italiano, filho do notário e diplomata Ser Brunellescho Lippi, nasceu em Florença no ano de 1377, aí vindo a morrer a 15 de abril de 1445. Registou-se a sua entrada como mestre na guilda dos ourives em 1398, e uma segunda vez em 1404. Subsequentemente, Brunelleschi deixou de dedicar a totalidade do seu tempo à escultura e dedicou-se ao trabalho de consultor nas obras da catedral de Florença e à investigação no âmbito da arquitectura (nomeadamente dos artistas da Antiguidade Clássica), que resultou na definição matemática da chamada *perspectiva* ou *perspectiva de ponto único*. Em 1417 a sua opinião foi requerida em relação à cúpula da catedral florentina, uma complexa obra de engenharia em que ele começou a trabalhar com Ghiberti mas que concluiu sozinho e lhe valeu a fama por ter introduzido elementos estruturais inéditos (como a cúpula dupla) e conseguido levar a bom termo uma obra arquitetónica tecnicamente avançada para o seu tempo. Em 1436 foi encarregue de planear o *tempietto* ou lanternim octogonal desta catedral. No ano de 1419 projetou o

separando assim duas fases distintas, projecto e execução. Por outro lado, é necessário estabelecer os caracteres proporcionais, métricos e físicos, que contribuem para a forma da obra, devendo “ter uma forma típica, correspondente à estabelecida na Antiguidade clássica<sup>30</sup> e extraída dos modelos antigos (isto é, dos modelos romanos, os únicos conhecidos naquele tempo).” (Benevolo, 2007, p. 403)

Assim, “a arquitectura muda de significado: adquire um rigor intelectual e uma dignidade cultural que a distinguem do trabalho mecânico, [...]” (Benevolo, 2007, p. 403) baseada em formas simples e repetidas, sendo a única arquitectura possível.

Contudo, estes novos métodos na prática não originam grandes mudanças em termos urbanísticos e territoriais, uma vez que não seria necessário fundar novas cidades ou aumentar em grande escala as cidades existentes. Não havia estabilidade política e económica para projectos longos e de compromisso. Logo, assiste-se à regularidade em determinados edifícios e à intervenção de cidades medievais já existentes, modificando-se parcialmente a cidade com ideias que ficaram inacabadas no século XIV. (Benevolo, 2007)

Roma, em meados dos século XV, é uma cidade com poucos habitantes, pequena e empobrecida devido ao longo tempo de ausência do poder papal, ocupando uma parte do território delimitado pelos muros Aurelianos<sup>31</sup>.

---

Ospedale degli Innocenti para a mesma cidade por encomenda do grémio da seda e de João de Médicis, onde fundiu as influências da estrutura românica e da proporção clássica. Foi dois anos mais tarde que iniciou o projeto de adaptação da igreja de San Lorenzo. Esta foi igualmente aplicada à igreja do Espírito Santo, que começou em 1436 mas apenas foi terminada após a sua morte, que ocorreu em 1446. Em 1429 iniciou a construção da capela da família Pazzi, na basílica de Santa Croce, e faleceu também antes que estivesse acabada esta obra de planta quadrada com remate em cúpula, uma das primeiras do género. O projeto de planta centralizada que Brunelleschi elaborou entre os anos de 1434 e 1437 para a igreja de Santa Maria degli Angeli não foi concluído, não deixando porém de ser considerado a sua obra maior, nomeadamente a sua cúpula. As influências basilares da sua conceção arquitetónica, como a planta basilical e a centrada, assim como o sentido de proporção classicizante e a aplicação dos princípios matemáticos da perspectiva a edifícios (sob a forma tridimensional e conjugando volumes perfeitos como o cubo), tornaram este arquiteto uma das personagens mais importantes da génese do Renascimento. (Porto Editora, 2013)

<sup>30</sup> É conhecido como Antiguidade Clássica, Era Clássica ou ainda Período Clássico o longo período histórico onde as civilizações grega e romana se destacaram de modo excepcional a qualquer outra sociedade nos mais variados aspectos do desenvolvimento humano. Tal época legou um riquíssimo repertório de informações ao mundo civilizado de modo que a cultura clássica é ainda considerada fundamental para a construção de toda a cultura ocidental contemporânea.

<sup>31</sup> A maior parte da Muralha de Aureliano, iniciada pelo imperador Aureliano (270-275 d. C.) e concluída pelo seu sucessor, Probo (276-282 d. C.), subsistiu até aos nossos dias. Aureliano ordenou a sua construção para defesa da cidade contra as pilhagens das tribos germânicas, cujas incursões em território italiano tinham aumentado na época. Com cerca de 18 km, 18 portas e 381 torres, a muralha abrange as sete colinas de Roma e foi elevada para quase duas vezes a altura original por Maxêncio (306-312 d. C.).



**Ilustração 20** - Vista de Roma em fins do século XV, ainda dominada pelos monumentos antigos. (Benevolo, 2007, p. 443)

Em 1420, os papas voltam a Roma, adquirindo o controle da cidade em 1453, onde Nicolau V<sup>32</sup> propõe a reestruturação da cidade imperial e a reconstrução de diversos edifícios.

[...] Nicolau V (1447-1455) estabelece o programa do governo papal: reconstruir a cidade imperial e transformá-la numa grande cidade moderna sob a autoridade do pontífice; portanto, restaurar as benfeitorias antigas ainda utilizáveis (os muros, as ruas, as pontes, os aquedutos), recuperar os monumentos antigos destinando-os a funções novas (o Mausoléu de Adriano se torna um castelo, o Panteão se transforma numa igreja, o Capitólio é a sede da administração municipal), restaurar as basílicas cristãs e construir nas proximidades de São Pedro, sobre a colina do Vaticano, a cidadela da corte papal. (Benevolo, 2007, p. 443)

Assim, são realizadas importantes obras, como a igreja de S. Maria del Popolo, a restauração do Capitólio, a intervenção no labirinto do conjunto habitacional medieval, alterando-se as três ruas que levam à Ponte S. Ângelo, e cobrindo-se de frescos a

---

A muralha continuou a ser a principal defesa de Roma até 1870, quando foi rompida pela artilharia italiana perto da Porta Pia e da actual Embaixada Britânica. Muitas das suas portas ainda são utilizadas e, embora a cidade tenha crescido, a maioria das atracções históricas e culturais dignas de registo situa-se ainda no interior das muralhas. (McDonald, 2011, pg. 196)

<sup>32</sup> Papa italiano, Tomás Parentucelli nasceu a 15 de novembro de 1397, na localidade de Sarzana. Estudou na Universidade de Bolonha, artes, e foi depois precetor na casa de Palla Stronzi, em Florença. Voltando a Bolonha, terminou o curso de Teologia e trabalhou para o bispo Nicolau Albergati. O papa Eugénio IV nomeou-o bispo de Bolonha, em 1444, depois de lhe ter dado o importante cargo de vice-camerlengo (que era a terceira pessoa na hierarquia com mais poder, a seguir ao papa) na corte pontifícia. Em 1466 tornou-se cardeal e foi consagrado como Nicolau V a 19 de março de 1447. (Porto Editora, 2013)

Capela Sistina no Vaticano mandando vir de Florença os melhores pintores da época, entre outros.



**Ilustração 21** - Igreja de S. aría del Popolo e Porta del Popolo. (Ilustração nossa, 2013)



**Ilustração 22** - Afrescos da Capela Sistina. (Rendina, 2007, p. 511)

Assim, no final do século a construção aumenta devido ao Ano Santo de 1500, tornando-se um atractivo para vários arquitectos, onde aparece o Arquitecto Donato Bramante<sup>33</sup> que apesar de trabalhos limitados, procura implementar o padrão dos modelos antigos.

Em 1503, Júlio II<sup>34</sup> é eleito papa e chama para Roma os artistas mais conhecidos da altura, como Giuliano da Sangallo<sup>35</sup>, Michelangelo e Rafael<sup>36</sup>, que vão ficar

---

<sup>33</sup> Arquitecto e pintor italiano, Donato Bramante nasceu em 1444, na região de Urbino, e morreu em 1514, em Roma. Iniciou a sua aprendizagem de pintor e arquitecto em Urbino, que na época fervilhava de actividade artística permitindo-lhe o contacto com o trabalho de alguns dos maiores pintores e arquitectos renascentistas que aí exerciam a sua actividade. Destes destacam-se o pintor Piero della Francesca e Leon Battista Alberti, o grande teórico do renascimento italiano, que foram a principal influência na primeira fase da sua carreira. Em 1475, foi para Milão onde executou o fresco "Homens de Armas" na Casa Panigarola (1480-85). Na região da Lombardia produz diversas obras importantes da arquitectura do renascimento, tais como a Igreja de Santa Maria Delle Grazie (1466) ou a Igreja de Santa Maria Presso San Satiro (1497), ambas em Milão. Com a sua ida para Roma, a sua obra sofre uma verdadeira evolução tornando-se uma das mais influentes da sua época. Aqui deixa-se envolver no movimento de descoberta e análise dos monumentos do Império Romano que servem de fonte de inspiração directa para a sua obra posterior. O primeiro edifício desta fase é o pequeno templo de S. Pedro, um edifício circular apoiado em colunas dóricas (1502). Em 1503, Bramante tem a sua grande oportunidade com o advento do Papa Júlio II, projecta um grande conjunto monumental para o Vaticano. Mas, a sua grande obra foi o plano para a reconstrução da Catedral de S. Pedro no Vaticano para onde concebe um edifício de planta em cruz grega com uma grande cúpula sobre o cruzeiro. O projecto foi posteriormente alterado pois Bramante morreu antes de se iniciar a sua construção, no entanto, permanece o cruzeiro com a sua cúpula. (Porto Editora, 2013)

<sup>34</sup> Júlio II nasceu a 5 de Dezembro de 1453, de nacionalidade italiana, de Albissola, tendo como nome original Giuliano della Rovere. Pessoa humilde, tendo uma filha reconhecida, Felice, e patron de Miguel Ângelo, Bramante e Rafael, sobrinho de Sisto IV, foi eleito papa aos 50 anos de idade a 1 de Novembro de 1503, tendo como carreira inicial Presbítero cardeal, legado pontifício. Morre a 21 de Fevereiro de 1513, sendo a extensão do pontificado de 9 anos, 3 meses e 20 dias. (Maxwell-Stuart, 1997, p. 167)



encarregues de diversos trabalhos, principalmente, os dois últimos, incumbidos de pintar as abóbadas da Capela Sistina e os quartos do Vaticano.

Por outro lado, será incumbido a Bramante juntamente com vários colaboradores, projectar os novos monumentos da Roma cristã partindo das medidas dos monumentos antigos. Assim, o tecido da cidade medieval é destruído e é realizado um traçado mais rectilíneo, com ruas rectas e edifícios regulares, como verificamos tanto nas duas ruas juntas ao Tibre (Rua da Lungara e a Via Giulia), onde Bramante projecta o Palácio dos Tribunais, e na entrada norte da cidade, Porta del Popolo<sup>37</sup>, junto ao conjunto habitacional, um novo sistema de três ruas rectilíneas (o Corso, Rua Ripetta e a Rua do Babuíno). (Benevolo, 2007).

---

<sup>35</sup> (Giamberti, Florence Giuliano, c.1445 - id., 1516 architect) e escultor italiano. Trabalhou na sua juventude como escultor e entalhador, completou a sua formação em Roma. Como um engenheiro militar, trabalhou sobre várias fortificações. Em 1499 colaborou com Bramante na cúpula da Basílica de Loreto. Em 1514 ele assumiu a fábrica de San Pedro, com Fra'Giocondo e Rafael. A figura de primeira linha do seu tempo, herdeiros e intérprete original das formas Brunelleschi, sua contribuição foi fundamental na elaboração das formas arquitectónicas do início século XVI. (Infobiografias, 2010)

<sup>36</sup> O artista italiano Rafael Sanzio nasceu no dia 6 de abril de 1483, na cidade de Urbino, então epicentro do movimento cultural conhecido como Renascimento, filho de um pintor obscuro, Giovanni Santi. Seu pai, apesar disso, tinha ótimas relações na corte do duque Federico de Montefeltro, então célebre mecenas. Rafael, considerado o príncipe dos pintores, elegeu especialmente a pintura e a arquitetura como meios de expressão. Tornou-se famoso pela aura graciosa que cercava a sua obra, e também por uma perfeição sem igual. O seu pai, morto em 1494, legou-lhe a devoção à pintura e o aprendizado inicial, pois ao completar seis anos o seu genitor introduziu-o como estudante no estúdio do famoso pintor italiano Pietro Perugino. (Infoescola, 2013)

<sup>37</sup> A Via Flaminia, construída em 220 a. C. para ligar Roma à costa adriática de Itália, entra na cidade pela Porta del Popolo, um portão do século XVI encomendado pelo papa Pio IV Medici. O arquitecto Nanni di Baccio Bigio inspirou-se num arco de triunfo romano. Os arcos externos têm estátuas de S. Pedro e S. Paulo nos lados e, em cima, um brasão dos Medici. Um século depois, o papa Alexandre VII encomendou a Bernini a decoração da face interna, para celebrar a visita da rainha Cristina da Suécia. Os visitantes menos importantes eram frequentemente detidos, enquanto os inspectores da alfândega lentamente revistavam as bagagens e as roubavam. Apenas um suborno podia acelerar as formalidades. (McDonald, 2011, pg. 137)





**Ilustração 23** - Via di Ripetta. (Ilustração nossa, 2013)



**Ilustração 24** - Via del Corso. (Ilustração nossa, 2013)



**Ilustração 25** - Via del Babuino. (Ilustração nossa, 2013)

Contudo, em 1513 e 1514 morre Júlio II e Bramante, respectivamente, surgindo vários acontecimentos sucessivos, nomeadamente, em 1527 a invasão de um grupo de protestantes liderados por Carlos V<sup>38</sup> à cidade de Roma e ao Vaticano. Logo, e após estes acontecimentos e por ordem de Paulo III<sup>39</sup> é incumbido a Michelangelo a reparação das ruínas e a prossecução das obras já iniciadas anteriormente, dando forma definitiva à cidade papal.

[...] projecta o arranjo arquitectónico do Capitólio, coordena as portas da cidade, simplifica o organismo de S. Pedro e desenha a cúpula como elemento plástico dominante na paisagem urbana; enquanto isso, conclui a decoração em afresco da Capela Sistina, pintando, na última parede, o *Juízo Universal*. (Benevolo, 2007, p. 449)

Deste modo, Roma surge como uma cidade modelo onde todos se dirigem para estudar os seus modelos clássicos, fontes do classicismo antigo e do classicismo moderno, tornando-se uma cidade-museu da cultura europeia.

---

<sup>38</sup> Monarca da família dos Habsburgos, foi imperador do Sacro Império Romano-Germânico (como Carlos V) e rei de Espanha (como Carlos I). Nasceu em Gand em 1500, filho de Filipe, duque da Borgonha, senhor da Flandres e arquiduque da Áustria, falecido em 1506. Nesta data, herda os Países Baixos e o Franco Condado. Quando, em 1516, morre Fernando de Aragão, o seu neto Carlos (V) torna-se Carlos I de Espanha. Devido à incapacidade de reinar de Joana, a Louca, sua mãe e filha dos Reis Católicos, Carlos tomou posse de Castela e suas dependências na América, de Aragão, do reino de Nápoles e da Sicília, para além de portos-chave no Norte de África (Trípoli, Oran, Bougie). (Porto Editora, 2013)

<sup>39</sup> Papa Paulo III, nacionalidade italiana, de Canino, nasceu a 29 de Fevereiro de 1468, tendo como nome original Alessandro Farnese. Contexto familiar: Condottiere. Estado: Antes de ser ordenado, Paulo teve quatro filhos ilegítimos. Em 1513 ele abandonou a sua vida dissolvente, e em 1519 foi ordenado sacerdote. Carreira inicial: Bispo cardeal, deão do colégio de cardeais. Eleito papa a 13 de Outubro de 1534, com a idade de 66 anos, morreu a 10 de Novembro de 1549, de febre. Extensão do pontificado: 15 anos e 29 dias, tendo como características notáveis a encomenda a Miguel Ângelo da conclusão da pintura do Juízo Final na Capela Sistina. Ele promoveu os seus netos adolescentes a cardeais. (Maxwell-Stuart, 1997, p. 178)

Na cidade de Roma surgem edifícios pontuados de maneira aleatória, sem uma ligação precisa ou algum elemento a ligá-los, ou seja, é caracterizada por edifícios individuais.

Assim e apesar de Roma chegar a um número considerável de habitantes, estes não vão conseguir preencher toda a zona, obrigando os artistas barrocos a repensar toda esta situação, tendo em conta as ruínas antigas, os bairros medievais e os monumentos modernos. (Benevolo, 2007, p. 454)

No entanto, a partir do Renascimento<sup>40</sup>, todo o desenvolvimento da cidade de Roma foi realizada por homens vindos de fora, com a força papal, que passaram a ser os maiores construtores do mundo, contrata-se artistas de outras cidades, como Bramante, Rafael e Michelangelo, para realizar os grandes planos propostos por Júlio II e Leão X<sup>41</sup>. A Cidade Eterna<sup>42</sup> com os seus grandes "[...] empreendimentos papais, incitaram a imaginação dos artistas visitantes e os inspiraram a criar obras majestosas, inexistentes em qualquer outra cidade àquela época". (Giedion, 2004, p. 102)

---

<sup>40</sup> O Renascimento nasce como uma reavaliação da idade medieval. (Norberg-Schulz, 1985, p. 115) Promovendo um amplo movimento de ideias, de conhecimentos e de comportamentos. Existe uma reabilitação, a partir dos estudos filosóficos, da cultura e da filosofia, tal como pela redescoberta das disciplinas exóticas. (Sproccati, 2002, p. 21) De um modo genérico, as formas diferenciadas e hierarquizadas da arquitectura medieval foram substituídas por elementos espaciais, unificando-se por intermédio da simetria, procurando a criação do todo. O espaço Renascentista demonstra um novo desejo pela geometria e homogeneidade. Olhando para a harmonia e perfeição como valores absolutos. Estas novas intenções são observadas em todos os níveis, tal como ambientais ou no que toca aos edifícios. (Norberg-Schulz, 1985, p. 115) O Homem do Renascimento acredita num cosmos ordenado, tal como o Homem medieval, diferindo apenas na interpretação do conceito de ordem. Olhando para a arquitectura como uma ciência matemática. Tendo esta como objetivo a criação da ordem do cosmos. (Norberg-Schulz, 1985, p. 115) Deste modo, a matemática enquanto investigação ganha um papel fundamental na compreensão da arte no geral. Criando uma capacidade rigorosa e indispensável para a representação. (Sproccati, 2002, p. 21) Surgindo assim um novo interesse pela perspectiva, como instrumento de explicação espacial, tal como as preocupações relativas à proporção arquitectónica. (Norberg-Schulz, 1985, p. 115) O Renascimento é um movimento muito ligado à revalorização e redescoberta da cultura clássica e do Homem. (Sproccati, 2002, p. 25). Deste modo, "La cultura era, pues, la base primordial de la autoridad renacentista; una cultura «humanista» fundada en la certeza de las capacidades morales e intelectuales del hombre." (Norberg-Schulz, 1985, p. 130). Só assim se poderia falar num «renascimento» da antiguidade grega. Pois, existia uma diferente concepção de espaço homogéneo. (Norberg-Schulz, 1985, p. 131)

<sup>41</sup> Leão X (1475-1521) nome de batismo Giovanni di Lorenzo de Medici. Eleito papa em 1513, sucedendo a Júlio II. É o Papa do início da Reforma Protestante, iniciada por Lutero. Foi o último papa a "ver" a Europa Ocidental totalmente Católica. (Maxwell-Stuart, 1997, p. 172 e 173)

<sup>42</sup> Nome pelo qual a cidade de Roma também é conhecida.



### 3. ROMA BARROCA: CONTEXTO HISTÓRICO

«Não há dúvida que não teria existido Europa barroca sem o século XVI espanhol, sem os seus soldados e os seus monges, sem os seus escultores, sem o seu fervor em salvar a Igreja, com todos os seus rigores e todos os seus enternecimentos, sem a sua paixão pelas imagens». (Pierre Charpentrat apud Tapié, 1974b, p. 10) [...] Também não haveria barroco sem o Renascimento italiano na sua amplitude e nas suas fases sucessivas. O terceiro factor que é preciso considerar encontra-se na própria Europa central, nas experiências e nas vicissitudes da sua história. (Tapié, 1974b p. 10)

Podemos afirmar que no século XVII na Roma dos papas, nasceu e desenvolveu-se o barroco, emergindo-se por toda a Europa, em épocas diferentes, com um grande desfasamento de país para país.

O Barroco<sup>43</sup> surge com uma finalidade completamente distinta do Renascimento, utilizando processos diferentes, empenhado a recuperar os hereges da Igreja católica, consolidando a fé dos crentes, impressionando com a sua majestade.

O Renascimento era equilíbrio, medida, sobriedade, racionalismo, lógica. O barroco foi movimento, ânsia de novidade, amor pelo infinito e pelo não infinito, pelos contrastes e pela audaciosa mistura de todas as artes. Foi dramático, exuberante, teatral, tanto quanto a época anterior fora serena e comedida. [...] O Renascimento virava-se para a razão: queria, acima de tudo, convencer. O barroco, pelo contrário, apelava para o instinto, para os sentidos, para a fantasia: isto é, tendia para o fascínio. (Lindinger, 1984, p. 4)

Assim, Roma que surgia até aquela época com um traçado confuso e as ruas de uma imensa sujidade, sofre em 1527 um grande saque "[...] pelo exército ao serviço de Carlos V [...]" (Tapié, 1974b p. 44), que provoca uma grande destruição da cidade da altura, reforçando o panorama que até ali se verificava. As pessoas são obrigadas a partir, surge o despovoamento dos campos à volta de Roma, originando consequências desastrosas.

---

<sup>43</sup> O Barroco procura simbolizar a rígida organização dos sistemas e o seu poder de persuasão. Deste modo, a arquitectura caracteriza-se através de uma síntese de dinamismo e sistematização. Encontrando os edifícios caracterizados pela sua riqueza plástica e espacial. Assim, os sistemas desta época possuíam um carácter aberto e dinâmico, prolongando-se até ao infinito a partir de um ponto fixo. Conseguindo através desta dualidade, entre sistematização e dinâmica, a criação de um todo. (Norberg-Schulz, 1985, p. 151) O Barroco é distinguido pelo esplendor exuberante. O interesse pela arte da antiguidade clássica faz o Barroco ser visto como uma continuação natural do Renascimento. Embora haja uma grande diferença nas suas interpretações. O barroco ganha características dinâmicas, contrastes, dramatismo, exuberância e realismo. (Luca, 2002, p. 88) Podemos, então, definir o mundo Barroco como um grande "[...] «teatro» donde a cada cual se le asigna un papel." (Norberg-Schulz, 1985, p. 151)

Três anos mais tarde, surgem em Florença, a outra capital do Renascimento, os mesmos problemas, conseqüentes da guerra, originando um progressivo declínio da Itália, estando a partir deste momento tudo preparado "[...] para levar a história a admitir que uma época terminou e uma outra se abre". (Tapié, 1974b p. 46)

Contudo, surge uma grande alteração em termos económicos, consequência da descoberta de diversos metais na América espanhola. Lançados no mercado europeu, fazem com que a economia se desenvolva, o que origina uma recuperação das cidades italianas. Recuperam-se edifícios danificados pelos desastres de 1527 e constroem-se outros.

Por outro lado, no século XVI, presencia-se na história europeia um marco importante. A crise religiosa, que origina "a necessidade de uma reforma espiritual da cristandade [...]" (Tapié, 1974b p. 56) e que obrigou à necessidade de um concílio<sup>44</sup> e a uma Contra- Reforma<sup>45</sup>.

Assim, a igreja procurava recriar uma nova imagem,

[...] os Papas querem exaltar a sua dignidade de «pátria comum de todo o povo cristão», [...], como diz Sisto V, é necessário que ela se torne acessível e bela, atraindo os fiéis de todas as partes do mundo e assegurando-lhes, para a visita às cinco basílicas de peregrinação, o meio de passar de um santuário ao outro por ruas direitas, bem pavimentadas, por pontes sólidas sobre o Tibre. (Tapié, 1974b p. 61)

Logo, a transformação proposta à Cidade Eterna, procurava estabelecer um novo valor e poder, demonstrando a força da Igreja pelo novo traçado, sendo necessário criar novas áreas residenciais para um futuro crescimento. Procura-se unificar todos os pontos importantes dispersos por Roma, como as basílicas e os bairros que foram crescendo nas suas proximidades.

Sisto V<sup>46</sup>, procura estabelecer um novo traçado morfológico coerente e imponente, revitalizando o antigo e confuso traçado, tornando Roma na "[...] mais bela cidade da

---

<sup>44</sup> Este concílio é conhecido por Concilio de Trento, realizado de 1545 até 1563. (Tapié, 1974, p. 56)

<sup>45</sup> Contra-Reforma é também intitulada por Reforma Católica, ficou assim denominado pela necessidade da Igreja Católica dar resposta à Reforma Protestante, começada por Lutero, em 1517. Devido a isto, em 1545, dá-se o início do Concílio de Trento.

<sup>46</sup> Sisto V de nacionalidade Italiana, de Grottammare, nasceu a 13 de Dezembro de 1520, tendo como nome original Felice Peretti. Contexto Familiar: filho de um trabalhador rural. Condição: Frade franciscano. Carreira inicial: Inquisidor de Veneza, presbítero cardeal. Eleito papa a 24 de Abril de 1585, com a idade de 64 anos, morreu a 27 de Agosto de 1590, sendo a sua extensão do pontificado de 5 anos, 4 meses e 3 dias. Características notáveis: Sisto reconstruiu o Palácio de Latrão e concluiu a cúpula da Basílica de S. Pedro. Ele fundou a Imprensa do Vaticano. (Maxwell-Stuart, 1997, p. 187)

Europa." (Tapié, 1974b p. 62). Sendo o barroco "[...] desabrochamento, generosidade, audácia [...] (Tapié, 1974b p. 63), a cidade ganha essas novas características que, não associadas ao Renascimento, dão sinais do aparecimento do Barroco.

A reconquista católica, ao utilizar como um dos seus meios a arte de Roma e de Espanha, abria o caminho ao barroco. (Tapié, 1974b p. 12)

### **3.1. PLANO DE SISTO V NA CIDADE BARROCA**

O Império Romano era baseado em cidades separadas e individualmente governadas. Assim, a estrutura do design da Roma Clássica não era baseado na abrangência do todo, mas na gradual acumulação de construções complexas independentes. Cada uma delas foi projectada para servir uma função e interligadas às suas vizinhas através da massa pura dos seus elementos individuais, pela fricção da compressão causada pelo infinito crescimento das cidades. Logo, o método de crescimento por acumulação de unidades construídas provou ser adaptável à mudança de escala de uma cidade em crescimento.

A escala urbana do Renascimento apresentava-se aniquilada, com um carácter limitado e murado, sendo preciso uma reestruturação grande, um novo desenvolvimento que desse uma nova imagem à cidade, uma imagem mais moderna. (Giedion, 2004, p. 101)

Roma Clássica era constituída por grandes edifícios monumentais, com um desenho geométrico formal, que dominavam a cidade devido à sua solidez, influenciando grandes áreas em torno deles. Contudo, Roma Barroca representa o seu oposto, onde os edifícios são em menor escala em relação aos grandes anfiteatros e fóruns, mas o impacto total do projecto é realmente grande, com um conceito totalmente diferente. Criam-se pontos precisos no espaço, marcados pela verticalidade dos obeliscos, originando linhas de tensão entre esses pontos. No entanto, a articulação ao longo das linhas de circulação não é arbitrária, como foi na colocação dos arcos na Via Sacra<sup>47</sup> e

---

<sup>47</sup> Via Sacra é uma antiga via romana. A Via Sacra romana era a principal da Roma antiga. Conduzia desde cima do Monte Capitolino, passando por alguns lugares religiosos mais importantes do Fórum, onde a via era mais ampla, até chegar no Coliseu.

na Via Flaminia<sup>48</sup> (agora Via del Corso) na Roma Clássica, é determinada pelos pontos de cruzamento das forças de tensão provenientes da localização de prédios antigos, igrejas, portas e praças públicas. (Bacon, 1978)

Assim, surge um homem pertencente a um estrato social inferior, Sisto V, que veio revolucionar toda a situação até ali vivida. Mendicante monge franciscano, foi admitido à ordem com apenas doze anos de idade, baptizado pelo seu pai como Felice (Felix). Ao contrário dos outros papas, Sisto V, não deixou o seu nome de lado, tendo dado a dois projectos de sua autoria o nome de Strada Felice, a grande via com sentido noroeste-sudeste, cruzando Roma e a Acqua Felice, o sistema de abastecimento de água que permitiu que fosse possível chegar água às colinas da cidade.

Papa da Contra-Reforma, Felix Peretti (1521-90), teve treze anos a ser ignorado pelo seu predecessor ao trono papal, Gregório XIII<sup>49</sup>, sendo sido chamado a Roma aos trinta e cinco anos como pregador da Quaresma. Com sessenta e quatro anos subiu ao trono papal tendo falecido de malária aos sessenta e nove anos.

Como cardeal, recebe alguns lucros e compra uma propriedade junto à Igreja de S. Maria Maggiore, numa área deserta, mandando construir ao jovem arquitecto e desconhecido Domenico Fontana<sup>50</sup> uma casa de campo ao qual deu o nome de Palazetto Felice. Aqui se ocupa com os escritos dos padres da igreja e com alguns projectos, estimulando o seu gosto pela construção. (Giedion, 2004, pp. 107 - 112)

---

<sup>48</sup> A Via Flaminia, construída em 220 a. C. para ligar Roma à costa adriática de Itália, entra na cidade pela Porta del Popolo, um portão do século XVI encomendado pelo papa Pio IV Medici. (McDonald, 2011, pg. 137)

<sup>49</sup> Gregório XIII é de nacionalidade italiana, nasceu a 1 de Janeiro de 1502 e foi eleito papa a 14 de Maio de 1572 com 70 anos, morrendo em Abril de 1585. (Maxwell-Stuart, 1997, p. 185)

<sup>50</sup> Arquitecto e urbanista italiano, Domenico Fontana nasceu em 1543, em Melida no Ticino, Itália, e morreu em 1607, em Nápoles. Estabeleceu-se em Roma onde estudou a arte dos mestres da antiguidade e travou conhecimento com Michelangelo pouco antes de ele morrer. Foi protegido do Cardeal Montalto, mais tarde Papa Sisto V, que o encarregou da realização da Capela do Presépio na igreja de S. Maria Maggiore (1584). Com a ascensão do Papa Sisto V, é nomeado arquitecto da catedral de S. Pedro e recebe importantes encomendas como a reconstrução do Palácio Latrão (1587) sobre as ruínas do edifício medieval, a biblioteca do Vaticano (1587-90), e a instalação do Obelisco egípcio, trazido pelos romanos no século I, em frente da Catedral de S. Pedro. Como urbanista, foi responsável pelo projeto das seis grandes vias que partem em estrela de Santa Maria e passam pela Praça de São Pedro. Depois da morte do Papa Sisto V, Fontana caiu em desgraça e foi obrigado a exilar-se em Nápoles, onde edificou o Palácio Caraffa e o Palácio Real (1600-1602). (Porto Editora, 2013)



**Ilustração 26** - S. Maria Maggiore e a Villa Montalto, de acordo com o mapa de Antonio Tempesta, 1593. (Giedion, 2004, p. 112)

S. Maria Maggiore e a Villa Montalto, de acordo com o mapa de Antonio Tempesta, 1593. S. Maria Maggiore, com seus edifícios monásticos, ficava isolada em um local deserto e sem água, na colina Esquilino, quando o cardeal Montalto (posteriormente, Sisto V) comprou o terreno da sua Villa Montalto, em 1581. No mapa de Tempesta, vê-se claramente a propriedade cingida por muros com seu "palazzotto", a torre e duas alamedas de ciprestes, assim como a praça recém-criada e o obelisco diante de S. Maria Maggiore, enquanto, atrás da igreja, a nova estrada de Sisto V para S. Lorenzo perfura a Muralha Aureliana. A Strada Felice não é facilmente reconhecível, já que Tempesta foi obrigado a encurvá-la para representar a natureza acidentada do terreno.

Mais tarde, já no seu pontificado, bastaram-lhe cinco anos para realizar todas as tarefas que cria realizar, tanto na política, como na administração e no planeamento urbano. Logo no início do seu pontificado, conclui a Strada Felice em menos de um ano (1585-86) e já no final com a sua determinação e vontade ergueu em vinte e dois meses a cúpula de São Pedro (1588-90).

Obtendo êxito em todo o que se comprometia, em pouco tempo estabeleceu a ordem aos gangues de bandidos e aristocratas que agiam em conjunto aterrorizando as pessoas dentro e fora da cidade, instaurando a ordem no país, e aumentou em vinte vezes o tesouro papal do Castelo de S. Angelo.

Assim,

no primeiro ano de seu pontificado, os trabalhos na Strada Felice começaram e foram concluídos; o deslocamento do obelisco em frente à São Pedro foi encetado, deu-se início aos viadutos e canais da Acqua Felice, ao Palácio Laterano e à basílica, à remoção do entorno da coluna de Trajano e à drenagem dos pântanos Pontine (empregando dois mil operários). Além disso, prosseguiram em ritmo acelerado as



obras na sua propriedade e na suntuosa Capela de S. Maria Maggiore. (Giedion, 2004, p. 116 e 117)

sendo visível o seu forte carácter de simultaneidade do planeamento urbano.

Deste modo, podemos verificar nas gravuras da página seguinte, feitas em diferentes alturas, como Roma sofreu um grande impacto com o plano de Sisto V. Na ilustração 27, pintura executada por Taddeo di Bartolo<sup>51</sup> em 1413, verificamos vários edifícios, tais como símbolos antigos e medievais associados com as diversas partes da cidade (as Colunas de Antonino e Trajano, a Cúpula do Panteão, o Coliseu, os Dióscuros, entre outros), intercalados por igrejas medievais e torres, sem qualquer posicionamento específico e sem nenhuma relação entre eles, apesar de distribuídos nas partes apropriadas da cidade. Contudo, na ilustração 28, pintura realizada por Giovanni Francesco Bordino<sup>52</sup> em 1588, 3 anos após a adesão de Sisto V ao trono papal, verificamos alguns dos mesmo símbolos representados na outra imagem, mas posicionados e relacionados de uma forma exacta, consequência do sistema de desenho de ruas rectas que ligam os vários pontos da cidade. Assim, através desta imagem foi possível implantar esta ideia organizadora na mente das outras pessoas, com uma ideia de um sistema de movimento como elemento orientador. (Bacon, 1978, p. 138)

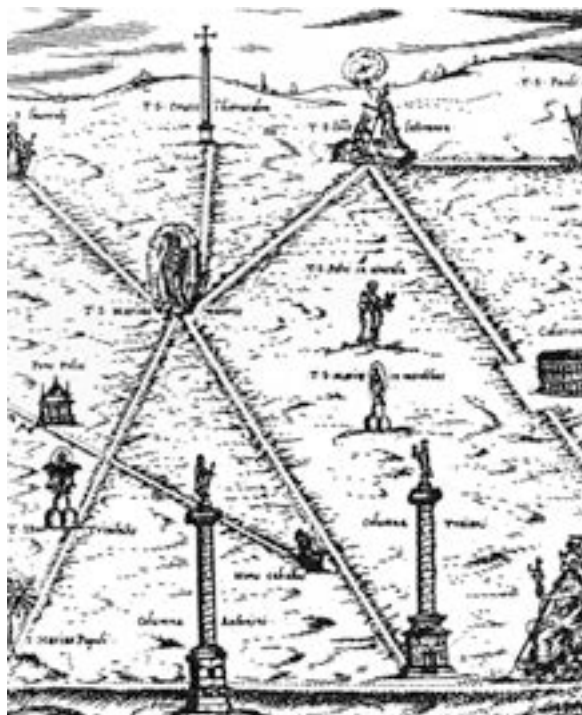
---

<sup>51</sup> Taddèo di Bartolo (o Taddeo Bartoli). - Pittore (Siena 1362 circa - ivi 1422). Attraverso Jacopo di Mino del Pellicciaio guardò a Simone Martini e si mantenne fedele alla sua formazione trecentesca che arricchì con nuovi contatti; in Liguria (1393; 1397) da Barnaba da Modena riprese le arcaiche lumeggiature dorate (trattico per S. Paolo dell'Orto a Pisa, 1395, Grenoble, Musée des beaux-arts) e il chiaroscuro denso e fumoso. Oltre che in Liguria e in varî centri della Toscana, fu attivo in Umbria, favorendo la diffusione del gusto senese: polittico con Assunzione e incoronazione della Vergine (1401, Montepulciano, Cattedrale); polittico per S. Francesco al Prato di Perugia (1403, Perugia, Pinacoteca nazionale dell'Umbria; parte della predella con Storie di s. Francesco, Hannover, Niedersächsisches Landesmuseum). A Siena, dove ricoprì anche cariche pubbliche, eseguì opere su tavola (Pinacoteca: Annunciazione tra i ss. Cosma e Damiano e pannelli di predella con Epifania, Adorazione dei pastori e Martirio dei ss. Cosma e Damiano, 1409; Crocifisso, 1420 circa) e affreschi nel Palazzo Pubblico (1404-14, Vita della Vergine nella cappella e, nell'anticappella, Uomini illustri, tondo con Veduta di Roma). (Treccani.It L'Enciclopedia Italiana, 2013c)

<sup>52</sup> BORDINI, Giovanni Francesco. - Nacque a Roma, circa il 1536. Addottoratosi in leggi, nel maggio 1558 conobbe Filippo Neri, del quale divenne penitente e familiare seguace, nella cerchia più stretta del sodalizio laicale dell'Oratorio. Aggregato più tardi alla comunità di S. Giovanni dei Fiorentini, nucleo della futura Congregazione, fu ordinato prete nel 1564. Il mistico Bonsignore Cacciaguerra, morto nel 1566, gli diresse una delle sue lettere, sul tema: "come i mondani molto s'ingannino a credere che le persone spirituali non possino havere vera allegrezza, et consolatione, come quella che si pensano haver loro". Era d'ingegno e gusto letterari e formato nelle scienze ecclesiastiche. Morì nel gennaio 1609 e fu sepolto nella cattedrale. (Treccani.It L'Enciclopedia Italiana, 2013a)

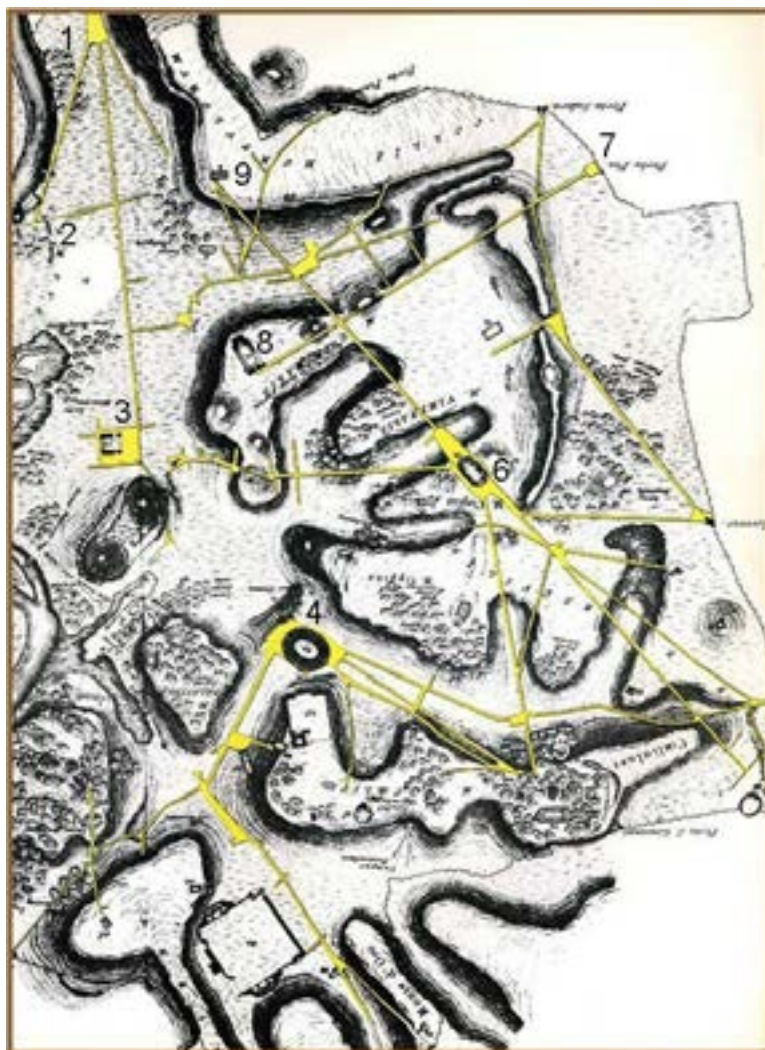


**Ilustração 27** - Taddeo di Bartolo, "Circular View of Rome, 1413 – 1414." Chapel of the Palazzo Pubblico, Siena. (Bacon, 1978, p. 138)



**Ilustração 28** - Giovanni Francesco Bordino, "Veduta Schematica del Piano Stradale Ideato da Sisto V," 1588. From *Le Pianta di Roma*, Vol. II. Ed. Amato Pietro Frutaz, Istituto di Studi Romani. Rome, 1962. (Bacon, 1978, p. 138)

Sisto V procurou estabelecer uma linha recta com milhares de metros de comprimento, ao contrário da Roma Clássica onde se estabelece linhas rectas de poucas centenas de metros, integrando 3 importantes itens, o projecto, os edifícios chave e a topografia, procurando modificar apenas o que é necessário para a finalidade do projecto. (Bacon, 1978, p. 159)



**Ilustração 29** - Giovanni Battista Brocchi, "Carta Física del Suolo di Roma," 1820. Biblioteca Nazionale "Vittorio Emanuele." Photo: Fototeca di Architettura e Topografia dell'Italia Antica, Rome. ([adaptação a partir de] Bacon, 1978, p. 158)

Podemos verificar na ilustração acima a pequena colina sobre a antiga Strada Pia (hoje Via XX de Setembro) que Sisto teve que cortar para possibilitar a ligação à Porta Pia (7) e que esta seja visível da Piazza Quirinale (8). De seguida, vemos como a Strada Felice (hoje Via Sistina), que liga San Trinità dei Monti (9) a Santa Maria Maggiore (6), sobe e desce ao longo dos montes, criando uma experiência rítmica, e que se não fosse possível a sua grande via recta perderia o enorme impacto que tem.



**Ilustração 30** - Via Sistina, que liga Santa Maria Maggiore a San Trinità dei Monti, onde vemos a rua que sobe e desce. (Ilustração nossa, 2013)



**Ilustração 31** - Via Sistina, que liga Santa Maria Maggiore a San Trinità dei Monti, onde vemos a rua que sobe e desce. (Ilustração nossa, 2013)

Na ilustração 29 podemos também verificar as estradas que ramificam para Santa Croce e San Giovanni in Laterano (5), que descem os vales e sobem as colinas, sendo a pureza e a rede tensa de formas sobrepostas, envolvidas pela forma da terra que contribuem para a qualidade de Roma. (Bacon, 1978, p. 159)

The quality of the land, made articulate by movement systems, is or should be a generating force in all architecture.<sup>53</sup> (Bacon, 1978, p. 159)

Santa Maria Maggiore (6) liga-se com San Giovanni in Laterano (5) através da Via Merulana, e de seguida uma via (Via di San Giovanni in Laterano) liga ao Coliseu (4).

Depois a partir da Piazza del Popolo (1) surgem três vias que ligam à Piazza Navona (2), ao Capitólio (3) e em direção a San Trinità dei Monti (9).

Contudo, Roma dá um grande avanço rumo ao sudoeste, apresentando um grande desenvolvimento urbano. Entre 1503 e 1513, Júlio II cria as duas ruas rectilíneas que limitavam o rio Tibre, a Lungara que fazia o limite da margem direita e a Via Giulia da esquerda; Leão X (1513-21), seu sucessor, planeja a rua mais a leste das que partem da Piazza del Popolo, Strada Leonina (Via Ripetta); enquanto Paulo III (1534-49) foi

---

<sup>53</sup> A qualidade da terra, produzida e articulada por sistemas de movimento, é ou deveria ser uma força geradora em toda a arquitectura. (Tradução nossa, 2013)

responsável pela Via Babuino, uma vez que a Via Corso, antiga Via Lata, já existia, sendo uma rua central e axial que ligava ao norte de Roma; Pio IV<sup>54</sup> (1559-65) traça uma linha recta de 2 km, desde a colina deserta do Quirinale até à Porta Pia, criada por Michelangelo, sendo nomeada de Strada Pia por Sisto V, em sua homenagem; e por fim Gregório XIII (1572-85), antecessor de Sisto V, cria a velha artéria fragmentada que ligava S. Maria Maggiore à Basílica de S. Giovanni, no Laterano.

Assim, Sisto V, quando sobe ao torno depara-se com uma série de desenvolvimentos fragmentários, pretendendo reunir todos os elementos num só projecto, dando como ponto importante de todo este desenvolvimento as sete principais igrejas, tornando-as acessíveis pelos fieis ao longo de um dia de peregrinação, tornando "[...] Roma inteira "um só santuário". (Giedion, 2004, p. 118)



**Ilustração 32** – Roma: A área entre o Coliseu e o Laterano, de acordo com o mapa de Du Pérac Lafréry, 1577. (Giedion, 2004, p. 110)

Roma: A área entre o Coliseu e o Laterano, de acordo com o mapa de Du Pérac Lafréry, 1577. O carácter rural das colinas um pouco antes de Sisto V é claramente visível, assim como as estradas fortuitamente sinuosas. No mapa, o Laterano se situa à esquerda e S. Maria Maggiore à direita, em seu contexto rural. Resta também claro que a Via Gregoriana, construída por Gregório XIII, consistia em um breve trecho rectilíneo entre as duas igrejas. As dificuldades encontradas por Sisto V ao dar forma à Strada Felice, entre a S. Maria Maggiore e o Pincio, podem ser facilmente compreendidas com base neste mapa.

---

<sup>54</sup> Pio IV tem nacionalidade italiana, nasceu a 31 de Março de 1499, tendo sido eleito papa a 25 de Dezembro de 1559 com 60 anos de idade, tem falecido a 9 de Dezembro de 1565. (Maxwell-Stuart, 1997, p. 182)



Apesar disso, Sisto V pretende alcançar todos os obstáculos e dificuldades que se depara, mesmo que com isso seja necessário derrubar algo, de maneira a encantar os sentidos do corpo.

Agora, a um custo realmente incrível, e em conformidade com o espírito de um príncipe tão grandioso, [Sisto] estendeu estas ruas de uma extremidade a outra da cidade, sem levar em consideração as colinas ou os vales que atravessavam; porém, fazendo com que as colinas fossem niveladas e os vales aterrados, reduziu-os às planícies mais suaves e aos locais mais encantadores, assim revelando as porções mais baixas da cidade, com suas mais diversas perspectivas; de modo que, além das devoções, também nutriam com seu encanto os sentidos do corpo. (Domenico Fontana apud Giedion, 2004, p. 119)

Por outro lado, Sisto preocupou-se com as zonas desabitadas de Roma, com um bom clima situavam-se nas antigas colinas da Roma antiga, abertas ao vento do campo, estendiam-se do Pincio até o Esquilino, o Quirinale, o Viminale e o Célio, procurando torná-las acessíveis.

Eram zonas onde nada existia, somente "[...] algumas torres de igrejas, remontando à Idade Média, destacando-se entre algumas basílicas antigas. [...] As únicas habitações eram mosteiros e alguns poucos casebres esparsos." (Domenico Fontana apud Giedion, 2004, p. 119) Era um espaço despovoado que aparentava abrigar orações e silêncio no decorrer dos tempos.

Sisto V, estabeleceu na cidade de Roma pontos importantes, as suas igrejas, de maneira a tornar uma cidade digna da Igreja, interligadas pelas ruas principais do seu plano. Como refere Aldo Rossi<sup>55</sup>, as basílicas passam a ser os lugares mais importantes, onde "[...] o seu conjunto é uma estrutura cuja complexidade deriva destes factos primários, das ruas que as ligam, dos espaços (residência) que se encontram dentro do sistema." (Rossi, 2001, p. 181) Elabora assim, um plano grandioso, rígido e regulador, mas atento à estrutura topográfica da cidade, deixando a Roma Medieval intacta, preocupando-se com a região mais despovoada da cidade.

---

<sup>55</sup> Aldo Rossi nasceu em Milão a 3 de Maio de 1931. Na sequência de um acidente de viação em Ghiffa, junto ao Lago Maggiore, morre na sua cidade a 4 de Setembro de 1997. Ainda estudante, na Faculdade de Arquitectura do Politécnico de Milão, inicia, a partir de 1955, a divulgação da sua actividade teórica na revista *Casabella-Continuitá*. Uma colaboração que se mantém até 1964, sob a direcção de Ernesto Nathan Rogers. Pioneiro na releitura da arquitectura do iluminismo e do movimento moderno, refundamentou o conhecimento, a teoria e o processo da composição arquitectónica na história e na dinâmica dos processos urbanos. Foi assistente de Ludovico Quaroni em Arezzo e de Carlo Aymonico em Veneza. Professor desde 1965, leccionou em Milão, Veneza, Palermo. Desenvolveu e dirigiu estudos de tipologia e morfologia urbanas que, alargando o campo do conhecimento disciplinar e os nexos entre os factores que determinam a dinâmica e a forma urbanas, influenciaram e se traduziram em numerosos projectos urbanos. (Thoni litsz interiores, 2011)

Durante o seu reinado, entre os anos de 1585 e 1590, construiu uma rede de avenidas majestosas, transformando essas regiões praticamente desabitadas em locais com vida, tornando acessíveis à cidade as colinas da antiga Roma, ou seja, “[...] dispôs as suas vias organicamente como uma espinha dorsal sempre que a estrutura topográfica de Roma o exigia [...]”. (Siegfried Giedion apud Rossi, 2001, p. 183)

Querendo ainda Nosso Senhor facilitar o caminho àqueles que, movidos pela devoção ou pelos votos, têm por uso visitar frequentemente os lugares mais santos da cidade de Roma, e em particular as sete Igrejas, tão celebradas pelas grandes indulgências e relíquias que neles estão, tem aberto em muitos lugares muitas ruas amplíssimas e directíssimas, de tal modo que cada pessoa, a pé, a cavalo ou de carroça, partir de qualquer lugar em Roma e ir, quase em linha recta, às mais famosas devoções. (Domenico Fontana apud Rossi, 2001, p. 182 e 183)

O seu não era um plano pensando no papel; Sisto V tinha Roma no sangue, tal como ela era; ele próprio havia palmilhado com fadiga as estradas que os peregrinos deviam percorrer e experimentado as distâncias entre os vários pontos, e em Março de 1588, quando abriu a nova via que unia o Coliseu ao Laterano, percorreu-a toda a pé, com os seus cardeais, até ao Palácio de Laterano, então em construção. (Siegfried Giedion apud Rossi, 2001, p. 183)

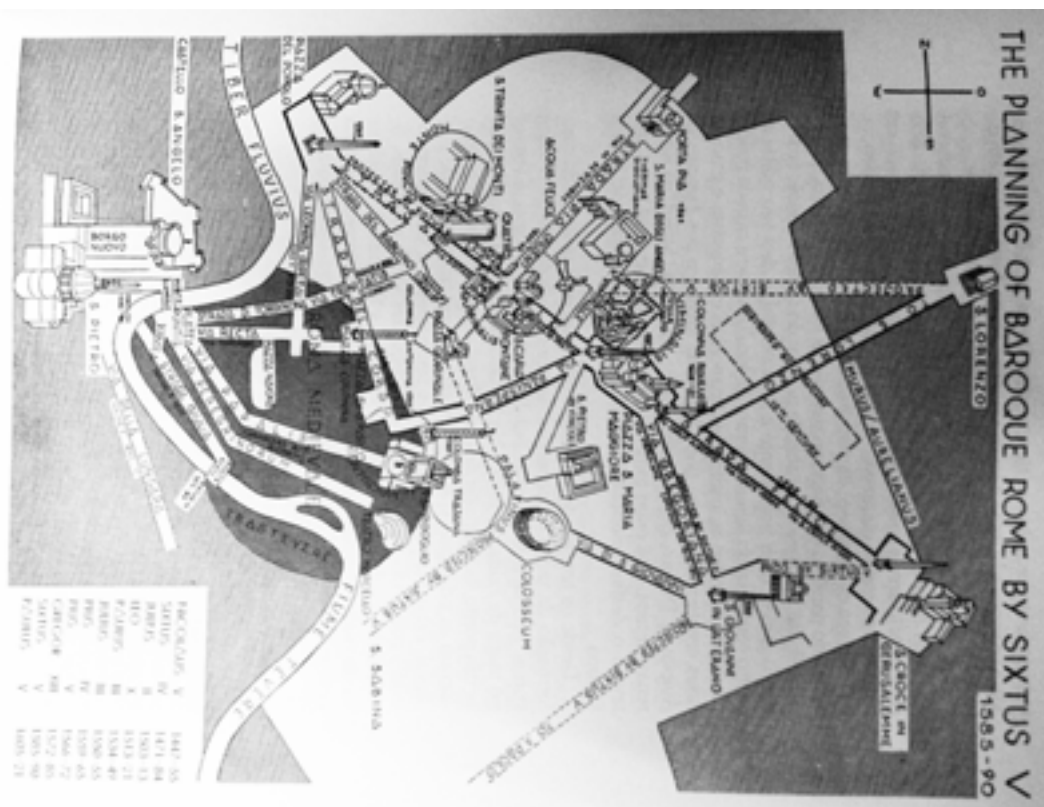


Ilustração 33 - O planeamento da Roma barroca, por Sisto V. (Giedion, 2004, p. 104 e 105)

O planeamento da Roma barroca, por Sisto V. Este mapa esquemático mostra o plano de Sisto V em relação ao que existia antes. As ruas projectadas por Sisto V são marcadas por traços mais grossos; a Roma medieval compreende a área sombreada, e o perfil de Roma ao tempo de Marco Aurélio é definida pela linha da Muralha de Aureliano.

A organização das ruas provém dos percursos que eram feitos nas procissões entre as sete basílicas mais importantes da cidade. No cruzamento das ruas largas e rectilíneas, eram usadas colunas e obeliscos, de maneira a orientar os peregrinos nas suas deslocações, tornando-se estes pontos focais na paisagem urbana.

Essas novas ruas, constituídas também como ruas de passeio, traçam ao lado da trama medieval uma triangulação em perspectiva que permite, inclusive dentro da cidade, reunir visualmente lugares distantes. (Castro Gonsales, 2005)

Procurava incluir sempre que possível obras dos seus antecessores de uma maneira cuidada e sensata, abrindo amplos espaços livres, sempre que as vias se cruzavam e “[...] em frente aos edifícios por ele construídos, o Laterano e o Quirinal, [...]”. (Siegfried Giedion apud Rossi, 2001, p. 183) Cria assim, em 1588 o actual centro da cidade, isolando a coluna Antonina e traçando o perímetro da praça Colonna. Junto ao Coliseu, a coluna de Trajano envolvida por uma grande praça, foi pensada a partir da ligação entre a velha e a nova cidade, demonstrando o forte instinto urbanístico de Sisto V. Na entrada setentrional da cidade, com uma posição significativa, foi colocado



um dos obeliscos, que assinala a confluência de três vias principais. Por outro lado, foram também colocados outros obeliscos com uma posição dominante, como o da praça do Povo. (Rossi, 2001, p. 183)

Logo, verificamos que a cidade é pensada a partir destes lugares, como pontos de ligação e agregação futura, dando uma unidade de compreensão e de criação, onde a forma dos monumentos e a topografia aparecem fixas num sistema que se modifica, estando incluída a colocação dos obeliscos em lugares particulares. A cidade antiga e moderna, são pensadas ao mesmo tempo, sem que haja qualquer diferença entre o antes e o depois, dando um carácter de permanência no tempo. (Rossi, 2001, p. 184)

Assim, existem duas características espaciais que marcam o plano para Roma. Primeiramente, os limites dos muros são ultrapassados, possibilitando à cidade transmitir a sua imagem, de cidade santa. De seguida, os eixos principais que vão acentuar a importância do caminho que une os diversos pontos focais, dinamizando o espaço urbano, onde o espaço se conquista, predominando a longitudinalidade.

Deste modo, este grande plano para Roma foi executado de uma forma intensa e rápida, transformando-a completamente, como podemos verificar nas palavras de um padre que retomou à cidade após a morte de Sisto, "[...] Tudo parece novo: edifícios, ruas, praças, fontes, aquedutos, obeliscos." (Domenico Fontana apud Giedion, 2004, p. 120)

Este plano, era caracterizado por diversas ruas que passemos a descreve-lo:

Extending from the Porta del Popolo in the northern wall of the city (circled in red and marked "A") in the foreground are three converging streets, the right-hand one leading to Porto di Ripetta at the Tiber River (circled in green). To these streets Sixtus, in his mind's eye, added a fourth one, Strada Felice, extending directly to Santa Maria Maggiore (also circled in red and marked 28 on this plan). Only the portion from San Trinità dei Monti (circled in blue) was built and is here shown as a yellow line intersected by the old Strada Pia (also shown as a yellow line). This connects with the Dioscuri (circled in green), clearly visible on the Quirinal Hill, and with Michelangelo's Porta Pia (circled in blue and marked "D").

From Santa Maria Maggiore one new road branched off to Santa Croce (circled in green and marked 29) and another one reached to San Giovanni in Laterano (circled in blue and marked 27) by a route indicated in yellow in this illustration. From here another route led to the Colosseum. (Bacon, 1978, p. 140 e 141)<sup>56</sup>

---

<sup>56</sup> "Estendendo-se da Porta del Popolo para a muralha setentrional da cidade (com um círculo a vermelho e assinalado com "A"), e em primeiro plano, estão três ruas convergentes, a da direita conduz ao Porto di



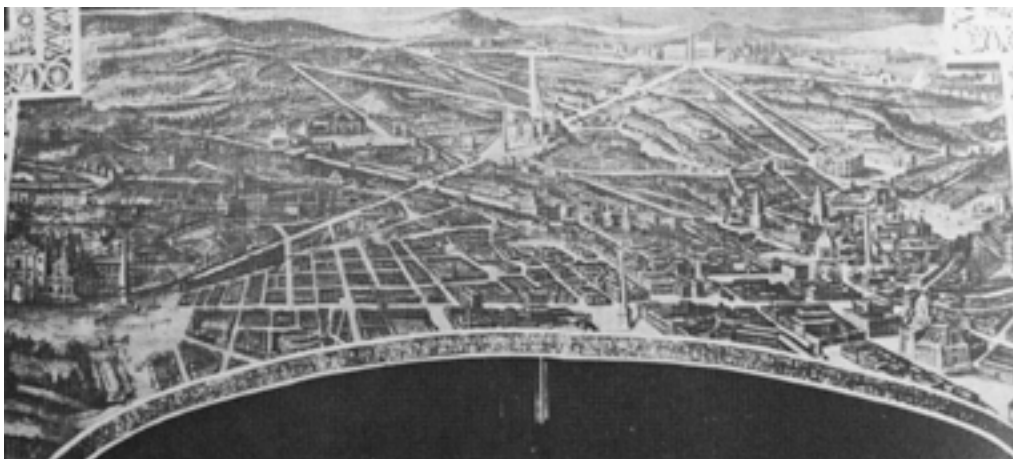
**Ilustração 34** - Antonio Dosio, "Rome". 1561. Photo: Biblioteca Apostolica Vaticana. (Bacon, 1978, p. 140 e 141)

Contudo, o maior orgulho de Fontana, era a estrada que tinha o nome do papa, Strada Felice, construída em um ano (1585 e 1586), que actualmente tem o nome de Via Agostino Depretis e Via Quattro Fontane, desce toda a colina a partir do obelisco situado em frente a S. Maria Maggiore, subindo até ao cimo do Pincio, à Igreja de S. Trinità dei Monti, consagrada em 1585, conectando-se à S. Maria Maggiore, na colina do Esquilino. Posteriormente, mas nunca concluída, deveria ligar-se novamente com o obelisco da Piazza del Popolo, como podemos verificar na ilustração abaixo.

---

Ripetta no rio Tibre (com um círculo a verde). A estas ruas, Sisto acrescentou, na sua conceptualização, uma quarta a Strada Felice, que se estende directamente a santa Maria Maggiore (com um círculo a vermelho e assinalada com "28" nesta planta). Só foi construída a parte de San Trinità del Monti (com um círculo a azul), e está aqui evidenciada com uma linha amarela intersectada pela velha Strada Pia (também evidenciada com uma linha amarela). Esta liga ao Dioscuri (com um círculo a verde), nitidamente visível no Quirinal Hill, e com a Porta Pia de Miguel Ângelo (com um círculo a azul e assinalado com "D").

A partir de Santa Maria Maggiore uma nova rua derivava para Santa Croce (com um círculo a verde e assinalado com "29"), e uma outra que alcançava San Giovanni in Laterano (com um círculo a azul e assinalada com "27") através de uma via indicada a amarelo nesta ilustração. A partir daqui outro itinerário conduzia ao Coliseu." (Tradução nossa, 2013).



**Ilustração 35** - Plano director de Roma por Sisto V, 1589. (Giedion, 2004, p. 109)

Plano director de Roma por Sisto V, 1589. Este afresco, na Biblioteca do Vaticano, está orientado na direcção noroeste-sudeste. A Roma medieval e o Vaticano foram eliminados pelo arco da porta da biblioteca, de modo que a vista se concentra nas realizações de Sisto V. O quadro é dominado pela linha recta da Strada Felice, que percorre desde a Piazza del Popolo, à esquerda, passando pela Trinità dei Monti até a S. Maria Maggiore e além delas, até o Laterano. Obeliscos e colunas emergem de suas praças, e as fontes da Acqua Felice também podem ser vistas à meia distância, à esquerda, na Strada Pia.

Do lado oposto a S. Maria Maggiore, a Strada Felice liga em linha recta à Igreja de S. Croce in Gerusalemme, que na segunda metade do século XIX, esta parte da estrada servia como espinha dorsal de um dos bairros mais monótonos (isolados e sem vida social, sem uma identidade própria) de Roma.

A mais famosa é a via chamada Felice, que tem origem na Igreja de Santa Croce in Gerusalemme, passa pela Igreja de Santa Maria Maggiore e prossegue até a Trinità dei Monti, de onde desce até a Porta di Popolo, totalizando uma distância de 4 km, ao longo dos quais permanece recta como o fio de um prumo e larga o suficiente para dar lugar a cinco carruagens emparelhadas. (Domenico Fontana apud Giedion, 2004, p. 120 e 121)

De seguida, e incorporada no planeamento, temos a Scalinata di Spagna, que liga a imponente S. Trinità dei Monti com o coração da cidade, pela Via Trinitatis, que hoje se chama Via Condotti, só construída a partir do século XVIII.

Por outro lado, na articulação entre a sua própria Strada Felice e a Strada Pia, não fazendo entre si propriamente um ângulo recto, Domenico Fontana colocou quatro fontes, alimentadas pela água da Acqua Felice, de modo a que desaparecesse a discordância mas enfatizando a importância deste cruzamento. Apresenta-se com quatro vistas distintas, cada uma com a sua relevância: para a Porta Pia de Michelangelo; para o obelisco de S. Maria Maggiore; para as grandes estátuas romanas dos Domadores de Cavalos, na vizinha Piazza del Quirinale; e colina a cima colina abaixo em direcção a S. Trinità dei Monti e o Pincio.



**Ilustração 36** - Vista das quatro fontes em direção a S. Trinità dei Monti. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013)



**Ilustração 37** - Vista das quatro fontes em direção à Porta Pia. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013)



**Ilustração 38** - Vista das quatro fontes em direção ao obelisco de S. Maria Maggiore. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013)



**Ilustração 39** - Vista das quatro fontes em direção às grandes estátuas romanas dos Domadores de Cavalos, na vizinha Piazza del Quirinale. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013)

Deste modo, “a retícula, herdada da antiguidade e aplicada no Renascimento, entrecortada pelas avenidas já barrocas de Sisto V, vai ser o modelo usual de traçado do século XVII até meados do século XX.

No entanto, todas as ideias que Sisto trouxe para Roma, também têm o seu aspecto social. Desde a decisão de criar um sistema de água até ao abrigo de pobres, nada ficou por pensar, a ideia era mesmo fazer de Roma, uma cidade melhor, uma cidade desenvolvida e moderna.

A criação do sistema de abastecimento de água, Acqua Felice, iria possibilitar o fornecimento das colinas da cidade, que se encontravam abandonadas desde a destruição dos aquedutos romanos realizados por Alexandre Severo (222 - 35).

Apesar da dificuldade de trazer água para os pontos mais altos das colinas romanas da cidade (Esquilino, Célio, Viminale, Capitolino e Pincio), devido a existir somente uma pequena queda de água entre as nascentes que ele comprou, que ficavam a 25 km de distância e da própria topografia do terreno que impossibilitava a disposição da

tubulação em linha recta, Sisto determinou o problema orientando a em tubulação por 11 km ao longo de um aqueduto arqueado, e outros 11 km subterraneamente, estando concluído todo o trabalho em somente 18 meses.

Foi um momento muito importante para Sisto, podendo ver a água chegar até o Quirinale e a outros lugares, chegando mesmo em outubro de 1589 aos jardins da Villa Montalto e em 1589 chegava às vinte e sete fontes públicas. Podemos visualizar este feito na ilustração abaixo, onde se verifica a chegada de água à Fonte de Moisés, podendo ser utilizada por toda a população que por ali passa e até mesmo por rebanhos e cavalos, com a presença de uma bacia especial à direita. (Giedion, 2004, p. 126 e 127)



**Ilustração 40** - A Fonte de Moisés, 1587. (Giedion, 2004, p. 128 e 129)

A Fonte de Moisés, 1587. Esta fonte de três arcos, com Moisés ao centro, simboliza a chegada triunfal da Acqua Felice às colinas de Roma, as quais permaneciam sem água por mais de mil anos. As grandes bacias da fonte foram concebidas como reservatório de água para o público local, enquanto um cocho especial, à direita, destinava-se aos animais.



**Ilustração 41** - A Fonte de Moisés hoje. A praça, criada quase que inteiramente por Sisto V, mantém seu carácter original. (Giedion, 2004, p. 129)

Por outro lado, junto a esta fonte, Fonte de Moisés, onde hoje temos a Piazza delle Terme, foram criadas duas bacias para se lavar a roupa, "[...] "para todos os que desejassem lavar roupa suja". (Giedion, 2004, p. 127) e uma área coberta para as mulheres poderem usar em dias de mau tempo.

Outra fonte a ter em consideração, é hoje a actual Fontana di Trevi, que antes era considerada a maior bacia de água brindada por Sisto à população, designada ao enxágue de lã, projectada como estímulo à indústria de tecidos e lã.





**Ilustração 42** - Local para lavagem de roupas na Piazza delle Terme, afresco no Collegio Massimo. (Giedion, 2004, p. 131)

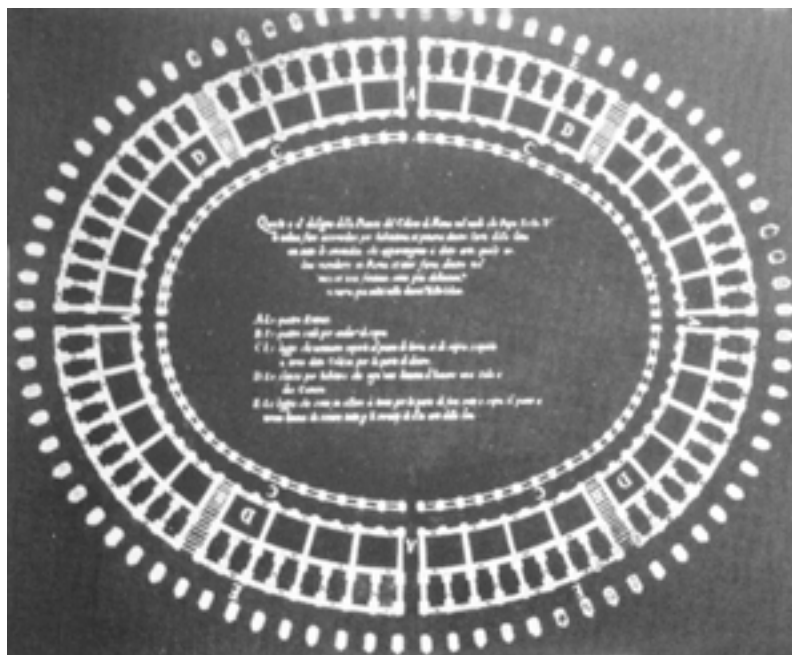
Local para lavagem de roupas na Piazza delle Terme, afresco no Collegio Massimo. Foram instaladas duas longas bacias para aqueles que desejassem lavar suas roupas. Também foram criados espaços cobertos, para serem usados em condições climáticas adversas e garantir maior privacidade

Por fim, e na sua ascensão ao poder, depara-se com outro cenário devastador, o tesouro público esvaziado, e a presença de vários mendigos e desempregados por toda a cidade. Procura assim, dar alojamento a todas estas pessoas carenciadas com a construção de abrigos e através do seu programa de obras públicas dá imensos postos de trabalhos aos mais necessitados.

Contudo, estas não foram as únicas medidas adoptadas, procurando desenvolver o comércio exterior reactivando as antigas indústrias romanas de lã e seda e previa a transformação do Coliseu num lanifício.

Ou seja, iria modificar o piso térreo do Coliseu em oficinas e o andar superior em apartamentos e moradias para os trabalhadores, tornando-o num conjunto habitacional de trabalhadores. (Giedion, 2004, p. 128 e 129)

"Ele já havia começado a escavar o solo e a nivelar as ruas, trabalhando com setenta carretas e uma centena de operários, de modo que se o papa tivesse vivido um só ano a mais" (Domenico Fontana apud Giedion, 2004, p. 127) o Coliseu teria se tornado o primeiro conjunto habitacional de trabalhadores e unidade de manufactura em grande escala. (Giedion, 2004, p. 127 e 129)



**Ilustração 43** - DOMENICO FONTANA. Projecto de Sisto V para transformação do Coliseu em um lanifício, 1590. (Giedion, 2004, p. 131)

DOMENICO FONTANA. Projecto de Sisto V para transformação do Coliseu em um lanifício, 1590. Durante o último ano de seu pontificado, Sisto V fez planos para transformar o Coliseu em uma colônia de fabricantes de lã, dispondo as habitações nos pavimentos superiores e o local de trabalho no térreo.

Deste modo, podemos verificar a enorme devoção e paixão de Sisto V, que possibilitou a realização das diversas obras, que mesmo contra o contexto político incerto e a exigência do planejamento, não lhe deram momentos de tranquilidade durante o seu pequeno pontificado, tentado fazer de Roma uma capital mundial, apesar de não ter acontecido, permitiu realizar aquilo que parecia impossível.

"Não se pode planejar cidades se não se acredita na vida." (Giedion, 2004, p. 131)

### 3.2. A ARTICULAÇÃO RUA/PRAÇA/EDIFÍCIO/OBELISCO

Como refere Kevin Lynch<sup>57</sup> a cidade só é perceptível ao longo de várias épocas, sendo uma construção de grande escala, é constituída por várias partes físicas e imóveis, e

<sup>57</sup> Kevin Andrew Lynch nasceu em Illinois em 1918. Deu início aos seus estudos em arquitetura na Universidade de Yale em 1935. Entre os anos de 1937 e 1939, estudou em Taliesin (com Frank Lloyd Wright), e por fim no Rensselaer Polytechnic Institute, até 1940. Lynch foi professor do MIT (Massachusetts Institute of Technology) por mais de trinta anos, aposentando-se em 1978 para fundar, juntamente com Stephen Carr, uma empresa de design urbano. Além disso, prestou consultoria a diversas cidades nos Estados Unidos e fora de seu país, em projetos como o Centro Governamental de Boston e o Waterfront Park, de um projeto para a margem de Detroit, grandes instituições artísticas em Dallas, além de planos de desenho urbano para Minneapolis, Los Angeles, São Francisco e San Diego.

por elementos móveis, nomeadamente as pessoas e as suas actividades, que actuam como parte activa e participam juntamente com outros.

Assim, a paisagem citadina deve ser reconhecida e organizada numa estrutura coerente, de maneira a que seja objecto da percepção dos seus habitantes, ou seja, deve constituir uma qualidade visual particular, que seja clara e legível. Todos estes aspectos tornam-se ferramentas importantes para a eficiência e própria sobrevivência da vida motora, sendo auxiliadas por outros planos especiais de orientação. (Lynch, 2008, pp. 9 - 11)

Contudo, a imagem mental do meio ambiente que é retida pelo individuo torna-se o processo fundamental de orientação, pois é através dessa imagem clara que ele consegue deslocar-se facilmente e depressa. Assim, a imagem de um bom meio ambiente permite ao individuo uma segurança emocional, existindo uma relação harmoniosa entre ele e o mundo exterior, tornando-se familiar e distintiva. No entanto, os sistemas de orientação variam consoante a cultura, a paisagem e outros aspectos relevantes.

Na realidade, um meio ambiente característico e legível não proporciona apenas segurança mas também intensifica a profundidade e a intensidade da experiência humana. [...] A cidade é potencialmente o símbolo poderoso de uma sociedade complexa. Se for bem desenvolvida do ponto de vista óptico, pode ter um forte significado expressivo. (Lynch, 2008, p. 12)

Por fim, a identidade da imagem do meio ambiente, que implica a distinção de outras coisas, deve ser individual ou particular, de maneira a que seja legível. Deve ser uma imagem forte, que proporciona ao observador uma imagem mental fortemente reconhecida, poderosamente estruturada e útil no meio ambiente.

Deste modo, existem certos elementos da imagem urbana que caracterizam uma cidade (complexo), apesar do seu significado social, da sua função, da sua história ou do seu nome. Assim, o autor define esses elementos em cinco tipos diferentes: as vias, os limites, os bairros, os cruzamentos e os pontos marcantes. (Lynch, 2008, p. 51)

---

Suas publicações incluem *The Image of the City* (1960), resultado de um estudo de cinco anos, dirigido com Gyorgy Kepes; *What Time is This Place?* (1972), no qual ele examina como o inato senso humano de tempo afeta o modo como vemos e como mudamos nosso entorno, sobretudo as cidades; e *Growing Up in Cities* (1977), que ele editou e no qual explora como o meio circundante afeta as crianças. Lynch influenciou o campo do planeamento urbano por meio de seu trabalho baseado na teoria da forma urbana e na percepção o ambiente das cidades e suas consequências para o desenho urbano. Faleceu em abril de 1984. (Cronologia Do Pensamento Urbanístico, 2010)



"Os bairros contêm cruzamentos na sua estrutura, são demarcados por limites, cruzados por vias e salpicados por elementos marcantes". (Lynch, 2008, p. 53 e 54)

Logo, as ruas, elemento fundamental do complexo, são predominantes e surgem com qualidades especiais que reforçam a sua imagem. Por exemplo, uma rua com extremos, quer muito largos quer muito estreitos, atrai atenções, como podemos verificar nas majestosas ruas que caracterizam a cidade de Roma. Apresentam-se como uma imagem forte da cidade, onde cada uma delas liga pontos importantes, ou seja, os seus extremos estão bem identificados pelas grandes praças e obeliscos que atraem a atenção do espectador. Por outro lado, a situação visual das próprias ou a sua situação visual a partir de outras partes da cidade, também dão importância a simples ruas. Assim, é importante que as ruas de maior importância sejam facilmente identificáveis. (Lynch, 2008, p. 55 e 56)

Ruas com origens e fins claros e bem conhecidos tinham identidades mais fortes, ajudavam a manter a cidade como um todo e davam aos observadores a sensação de orientação, quando estes por elas passavam. Alguns tinham, por exemplo, a noção de um fim comum para determinadas ruas numa parte da cidade; outros sabiam que elas acabavam em locais específicos. (Lynch, 2008, p. 59)

As grandes ruas pensadas por Sisto V para a cidade, constituem uma rede no seu todo, pois existem relações que se vão repetindo de um modo suficientemente regular e imaginável, mas que as dimensões das ruas, quer em largueza, quer em comprimento, as fachadas dos edifícios, entre outros aspectos tendem a reforçar a sua diferenciação, dando forma e carácter a um sistema regular. (Lynch, 2008, p. 64 e 65)



**Ilustração 44** - Via di San Giovanni in Laterano, que liga o Coliseu à Praça de San Giovanni. (Ilustração nossa, 2013)



**Ilustração 45** - Via di Ripetta, que liga a Praça Navona à Praça del Popolo. (Ilustração nossa, 2013)

Contudo, surge outro elemento importante na constituição do complexo, os limites, que não sendo considerados como ruas, funcionam como referências laterais, podendo ter características direccionais. Aparecem muitas vezes como "[...] uma costura de união do que propriamente uma barreira isoladora [...]." (Lynch, 2008, p. 68)

Por outro lado, e de grande relevância, são os cruzamentos que se identificam como pontos fulcrais, onde possibilita ao observador entrar, que podem ser grandes praças, por exemplo. Assim, este elemento, que se apresenta como

[...] a junção ou o local de uma interrupção numa deslocação, tem uma importância significativa para o observador de uma cidade. Uma vez que as decisões quanto à direcção têm de ser tomadas nas junções de vias, as pessoas reforçam a sua atenção em tais locais, apercebendo-se dos elementos que as circundam, com uma clareza fora do normal. (Lynch, 2008, p. 76)

O espaço surge com uma forma bem definida, tendo um impacto significativo, e que sendo único e intensificando aspectos circundantes, apresenta-se com importância assinalável no complexo.

Deste modo, podemos considerar, por exemplo, a esplendorosa Praça del Popolo, que estando ligada firmemente à estrutura da cidade, apresenta-se com uma forma orientada que clarifica quais as direcções pela qual entramos nela, estando bem

estruturada e diferenciada, dentro de si. Possibilitando o reconhecimento imediato para quem nunca lá esteve, através de uma simples fotografia, pois tem um contraste nítido na cidade.

Por fim, surgem os elementos marcantes de uma cidade, que sendo exteriores ao observador, surgem como simples elementos físicos variáveis em dimensão, servindo como pontos de referência, ou seja, indicam o caminho a seguir, como podemos verificar em Roma com os vários obeliscos distribuídos de maneira precisa na cidade, envolvidos por grandes praças e ligados por grandes vias. Tendo uma forma clara, eles são fáceis de serem identificáveis, nomeadamente quando posicionados num local predominante, contrastando com o cenário de fundo, não sendo necessário que este seja limitado nos seus arredores.

Logo, surgem como elementos de domínio espacial, pois podem ser visíveis de muitos outros pontos e criam um contraste local com as ambiências circundantes, isto é, assumem-se em altura ou constituição. (Lynch, 2008, p. 82 e 83) No entanto, podem ser reforçados consoante a sua localização, nomeadamente em cruzamentos, que possibilitam as pessoas a tomar decisões em relação ao caminho a seguir.

Por outro lado, "uma série sequencial de elementos marcantes, na qual um pormenor incita a antecipação do próximo [...]", (Lynch, 2008, p. 86) provocam movimentos específicos por parte do observador, ou seja, no caso dos importantes obeliscos, quando deixamos um obelisco e nos dirigimos em direcção a outro, este dá-nos a sensação de movimento, estando-nos a afastar de um e a aproximar-nos do outro, dando a noção de proximidade do destino final. Assim, se a sua identificação for possível "[...] quer ao longe quer ao pé, quer nos movamos devagar ou rapidamente, de dia ou de noite, tornar-se-á um ponto de apoio para a percepção do complexo e mutável mundo urbano." (Lynch, 2008, p. 105) Logo, torna-se um elemento mais forte pois é visível através de um longo intervalo de tempo e mais útil se a sua direcção de onde o avistamos for identificável, como acontece com a presença dos obeliscos de Sisto V na várias praças.



**Ilustração 46** - Obelisco situado em frente à Igreja de Santa Maria Maggiore. (Ilustração nossa, 2013)



**Ilustração 47** - Obelisco situado em frente à Basílica de São Pedro. (Ilustração nossa, 2013)



**Ilustração 48** - Obelisco situado em frente à Igreja de Trinità dei Monti, no cimo da escadaria da Praça de Espanha. (Ilustração nossa, 2013)

O nó central pode definir-se bem melhor se tiver limites nítidos, fechados e não se prolongar incertamente para cada um dos seus extremos; será ainda mais notável se possuir um ou dois objectos, focos de atenção. Mas, se poder ter uma forma espacial coerente, será «irresistível». (Lynch, 2008, p. 106)



**Ilustração 49** - Esquema dos elementos constituintes da cidade. (Lynch, 2008, p. 106)

No entanto, todos estes elementos referidos por Lynch, têm de ser trabalhados em conjunto de maneira a conseguir uma forma satisfatória, ou seja, ter em consideração as inter-relações entre eles, pois podem-se reforçar mutuamente e realçar o poder um do outro. (Lynch, 2008, p. 86). Operam em conjunto, num contexto.

Assim, as vias que podem surgir como a origem principal do planeamento à escala cidadina, surgem com relações particulares com outro tipo de elementos.

De novo as ruas adquirem identidade e movimento, não só pela sua própria forma ou pelas suas junções nodais mas devido às regiões por que passam, aos limites ao longo dos quais elas se estendem e aos elementos marcantes distribuídos pela sua extensão. (Lynch, 2008, p. 87)

O complexo é entendido pelo observador como um todo, onde cada parte é autónoma uma da outra, mas fixas em relação umas às outras.

Assim, é idealizado uma paisagem ideal, coerente e clara, onde se organizam gradualmente no espaço e no tempo, sendo utilizado como símbolo da vida urbana.

Surgem, no complexo urbana, ruas principais com características particulares que se destacam das outras, sendo este imaginado como um elemento contínuo e unificado. Ou seja, surge como uma hierarquização visual de ruas e caminhos, que estabelece o esqueleto da cidade.

A linha de deslocação tendo uma direcção clara, sendo esta recta com um elemento marcante a definir o início e fim, obelisco, torna-se perceptível para o observador a direcção a tomar e o ponto para qual se dirige. A sua imagem é intensificada pela possibilidade de ser identificado o seu fim, podendo ser evidenciada por meio de elementos marcantes. (Lynch, 2008, p. 101)

"A imagem torna-se mais nítida se todos os caminhos em direcção a um único sentido topológico ou a um ponto cardeal forem passíveis de distinção visual em relação a outros caminhos." (Lynch, 2008, p. 102 e 103) Por outro lado, o limite também se apresenta como um forte elemento para a cidade, pois permite delinear facilitando a orientação ao longo de um percurso.

Por outro lado, a qualidade espacial também se apresenta como importante no desenho do design urbano, ou seja existem qualidades que um desenhador deve ter em conta. A singularidade ou clareza das figuras de fundo, evidenciando o limite, a simplicidade da forma, a continuidade, a predominância, a clareza de ligação, alcance visual, consciência do movimento, séries temporais, nomes e significados, entre outros.

A singularidade, ou seja, o contraste que é feito em relação aos arredores imediatos, tornando um certo elemento notório, vivo e reconhecível. "À medida que os observadores se familiarizam com o meio, parecem depender cada vez menos das continuidades físicas totais para organizar o todo, e apreciar cada vez mais com o contraste e a singularidade que dão vida à cena em questão." (Lynch, 2008, p. 109)

A simplicidade de forma, ou seja, a clareza que é dada a um elemento permitindo ser imediatamente visível e facilmente incorporada na imagem. A continuidade de um

limite ou de uma superfície, facilitando a percepção da realidade física. A predominância que é dada a uma determinada parte em relação a outra devido ao tamanho, intensidade ou interesse, no todo, associada a um conjunto. O alcance visual, quer real quer simbólica. Ou as séries temporais,

"[...] das quais o observador se apercebe para além da questão temporal, incluindo ligações simples de elemento por elemento, onde um elemento está associado ao que o precede e ao que se lhe segue (como numa sequência casual de elementos marcantes), [...]." (Lynch, 2008, p. 111)

No entanto, todos os elementos, os elementos marcantes, os cruzamentos as ruas relevantes e outros devem ser reconhecidos na cidade, consoante uma determinada condição, ou seja, deve existir um fio de continuidade nas múltiplas imagens de uma cidade, quer seja de noite ou de dia, verão ou inverno, perto ou longe. Mas, deve-se ter em conta que a cidade é construída não só para uma pessoa, mas para uma grande quantidade, com ocupações e classes diferentes.

Assim,

[...] a imaginabilidade total de uma área tão extensa quanto a urbana não significaria uma intensidade de imagem igual em qualquer ponto. Haveria figuras dominantes e cenários mais extensivos, pontos focais e material de ligação. Mas, seja intensiva ou neutra, cada parte seria presumivelmente clara e nitidamente ligada ao todo. (Lynch, 2008, p. 116)

No entanto, é importante ter em consideração quando existe a reformulação de um ambiente já existente, pois será necessário conservar e manter as imagens fortes, ou seja, os pontos importantes que caracterizam esse mesmo ambiente, e procurar resolver as dificuldades encontradas desenhando a estrutura e identidade dissimulados na confusão. Onde os elementos marcantes devem ser preservados, desenvolvendo uma hierarquização de ruas, criando inter-relações dos elementos na configuração total visível. (Lynch, 2008, p. 119)

Deste modo, é na cidade Barroca que a rua se torna o elemento mais importante, sendo durante o século XVI que existiu um uso mais generalizado de carros e carroças dentro da cidade. Assim, seria impossível adaptar as ruas da cidade medieval a esse tipo de tráfego, nem em termos de tamanho nem em articulação.

Logo,

"o movimento em linha recta ao longo de uma avenida não era meramente uma economia, mas um prazer especial: trazia para dentro da cidade o estímulo e a animação do movimento rápido, que até então só o cavaleiro tinha conhecido, ao galopar pelos campos ou através da floresta de caça." (Mumford, 1982, p. 400)

Este sentimento podia ser aumentado através da disposição regular de edifícios, com fachadas simétricas e cornijas uniformes, onde as suas linhas horizontais direccionavam-se para o mesmo ponto distante, tornando a caminhada num ritmo mais acelerado dando movimento.

Assim, toda esta aceleração do movimento e conquista de espaço, dando a ideia de querer chegar a algum lugar, eram demonstrações de poder. "O que seria monotonia, para uma posição fixa ou mesmo numa procissão, torna-se um correspondente necessário ao ritmo de andar dos cavalos rápidos." (Mumford, 1982, p. 400)

Logo, visualizamos nas ilustrações abaixo a diferença que se encontra na alteração e forma arquitectónica com a presença dos elementos, os 4 obeliscos de Sisto V posicionados em pontos exactos, que alteram o desenho da cidade.

O obelisco localizado na extrema esquerda da ilustração 51, colocado perto da Porta del Popolo (portão principal), não se relaciona directamente com nenhuma das igrejas, representando como que uma espécie de saudação ao individuo que entra na cidade. O obelisco, situado a cerca de 2 quilómetros da Porta del Popolo, a oeste de Santa Maria Maggiore, marca o final da Strada Felice, criando uma forte interação com as duas cúpulas gêmeas da igreja, sendo a cúpula da direita construída por Sisto V.

Na zona central da ilustração 29 encontram-se dois obeliscos, o da Praça de S. Pedro e de San Giovanni in Laterano, ambas obras do arquitecto Domenico Fontana, onde o obelisco superior cria um cenário com toda a sua envolvência, pelo Palácio recém construído à esquerda da igreja e pela fachada de duas camadas da própria igreja. (Bacon, 1978, p. 137)



**Ilustração 50** - Antoine Lafréry, " Vedute delle Sette Chiese di Roma," 1575. From *Urbanistica*, June 1959. (Bacon, 1978, p. 136)



**Ilustração 51** - Johannes Gros. *Almae Urbis Romae . . . Rome*, 1612. (Bacon, 1978, p. 137)

Os obeliscos foram localizados em zonas específicas, onde mais tarde se criam praças magníficas.

Por outro lado, as praças, até ao aparecimento de Sisto V, tinham pouca imponência, originadas a partir de ruas, como é o caso da Piazza Navona, que surge a partir do traçado de um antigo hipódromo Domiciano. Serviam como local de mercados e em dias festivos de local de diversão, contudo não possuíam edifícios de significado social.

Com o surgimento de Sisto V, esta tendência inverteu-se, originando a criação de inúmeras praças por toda a cidade, que muitas vezes se encontravam directamente relacionadas com as igrejas.

Cria assim, no cruzamento das suas ruas, espaços amplos, que iriam permitir o seu desenvolvimento posterior, como podemos verificar na grande área que estabeleceu em frente às Termas de Diocleciano. Ao criar uma área limpa entorno da Coluna Antonina e traçar o perfil da Piazza Colonna (1588), cria assim o actual centro da cidade, ou seja, a área da Coluna de Trajano e a praça circundante surgem como ligação da cidade antiga com a nova. Dentro de um contexto caótico, os elementos que Sisto posiciona criam uma harmonia e coerência ao todo (Giedion, 2004, p. 124).





**Ilustração 52** - A Piazza Colonna na época de Sisto V. Afresco na Biblioteca do Vaticano. Aqui vê-se claramente como Sisto V posicionou seus marcos, obeliscos e fontes como pontos focais dentro de um contexto caótico. (Giedion, 2004, p. 125)

Contudo, os últimos quatro obeliscos implantados por Sisto V, nenhum teve tanto impacto como o da Piazza del Popolo, na entrada norte da cidade. Marcava a confluência de três vias principais, onde dois séculos mais tarde serviu como elemento marcante e cristalizador para as transformações existentes da praça.

Assim, Sisto V surge como o primeiro planejador moderno, que desde cedo percebeu a importância da cidade como organismo complexo, onde cada praça e rua, teria que ser apoiada por equipamentos sociais, tendo estas que ser, respectivamente, abertas e amplas. (Giedion, 2004, p. 125 e 126)

### **3.3. A EVOLUÇÃO DO PLANO**

As ideias implementadas no plano de Sisto V foram um dos processos mais notáveis da história, influenciando as mentes de muitos arquitectos que surgiram após a sua morte. Surge como um plano que veio revolucionar a Cidade Eterna, um plano de grandes dimensões e com uma importância relevante para a cidade. Assim, através

das ilustrações seguintes verificamos as mudanças que se realizaram em Roma ao longo de três séculos.

No primeiro plano, ilustração 53, a vermelho encontram-se os edifícios que foram preponderantes nas ideias implementadas por Sisto V, e nas linhas a amarelo, os sistemas de movimento principais que constituem a rede de Sisto V, incluindo

[...] some pre-existing streets, as the three which converge on Piazzadel Popolo at the top of the map: the central ancient Via Flaminia (the present-day Via del Corso) leading from the Porta del Popolo to the Forum and the Campidoglio, the Via Ripetta on the south (leading to the river), and the Via del Babuino on the north (right). The fourth street, indicated by a dashed yellow line to the north of Via del Babuino, is the never-to-be-built extension of Strada Felice from its actual norther terminus in the Napoleonic obelisk before San Trinità dei Monti at the head of the Spanish Steps.

The other pre-existing street was Strada Pia, the route from the Quirinal Hill to Porta Pia, which intersects the Strada Felice at right angles. But here Sixtus made his influence felt because he lowered the grade four feet in parts to establish a visual connection between the monuments at the two termini.

From Santa Maria Maggiore (at right center of the map), the Sixtus movement system extended in two branches of a Y. The northern branch (upper yellow line) led to Santa Croce, and the southern one (lower yellow line) terminated in the obelisk before San Giovanni in Laterano, where it connected with the projected highway back to the oval Colosseum shown here in red. (Bacon, 1978, p. 142)<sup>58</sup>

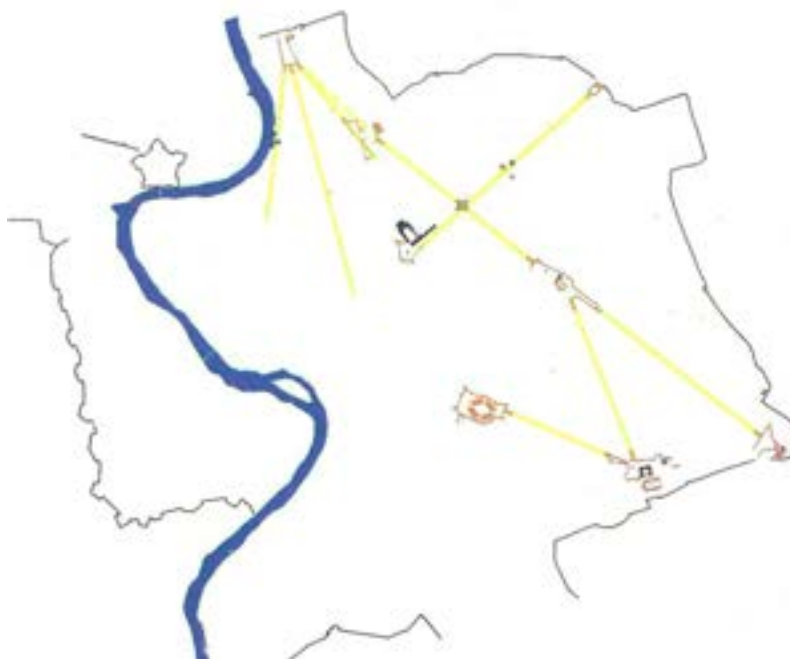
Em preto, verificamos os edifícios construídos por Sisto V, que estabelecem uma forte relação e interação com o sistema de circulação.

---

<sup>58</sup> "[...] algumas ruas pré-existentes, como as três que convergem na Piazza del Popolo na parte superior do mapa: a velha central Via Flaminia (actualmente Via del Corso) que segue da Porta del Popolo ao Fórum e ao Campidoglio, a Via Ripetta no sul (que segue até ao rio) e a via Del Babuino no norte (direita). A quarta rua, evidenciada por uma linha amarela ao Norte da via del Babuino, é a extensão nunca construída da Strada Felice a partir do terminal mais setentrional no obelisco Napoleónico antes de San Trinità del Monti à frente da escadaria de "Espanha".

A outra rua pré-existente era a Strada Pia, que vai da Quirinal Hill à Porta Pia, que intersecta a Strada Felice em ângulos rectos. Mas aqui, Sisto marcou a sua influência ao baixar o declive quatro pés em partes de modo a estabelecer uma ligação visual entre os monumentos e os dois terminais.

De Santa Maria Maggiore (no centro direita do mapa), o sistema de circulação de Sisto estendia-se em dois ramos, lembrando um Y. O ramo norte (linha amarela superior) conduzia a Santa Croce e o ramo sul (linha amarela inferior) terminava no obelisco antes de San Giovanni in Laterano, onde se ligava à avenida projectada até ao Coliseu oval, aqui evidenciada a vermelho" (tradução nossa).

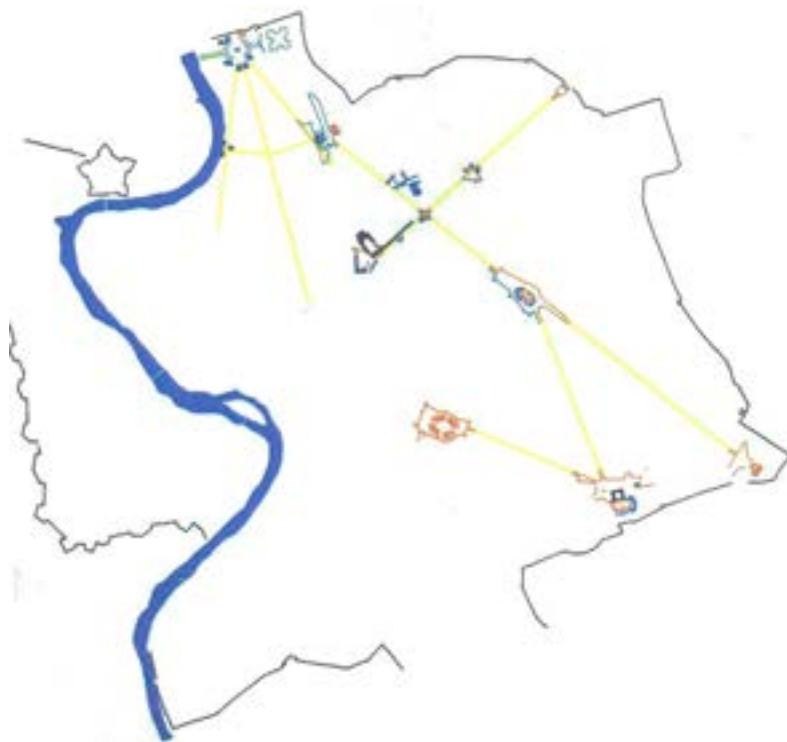


**Ilustração 53** - Planta do Plano de Sisto V, onde a vermelho são os edifícios preponderantes nas suas ideias e a preto os edifícios construídos por ele. (Bacon, 1978, p. 140)

Por outro lado na ilustração 54, presenciamos a azul, estruturas construídas após a sua morte, em 1590, influenciadas pela estrutura do seu projecto, que apesar da extensão das obras não ser muito significativa, cria um forte impacto no terreno, onde os edifícios cercam e dominam grandes espaços abertos. Esta é fornecida pela estrutura de concepção do sistema de circulação, como visualizamos no obelisco da Piazza del Popolo que fica cercado pelas estruturas que definem a sua localização e a Escadaria da Piazza di Spagna<sup>59</sup> que serve como substituta para a extensão da Strada Felice, direccionando-a para o plano inferior da Via del Babuino que posteriormente liga à Piazza del Popolo.

---

<sup>59</sup> No século XVII, os proprietários franceses da Trinità dei Monti decidiram ligar a igreja à Piazza di Spagna construindo um magnífico lanço de escadas. Também tinham planeado colocar uma estátua equestre do rei Luís XIV no topo. O papa Alexandre VII Chigi não ficou satisfeito com a perspectiva da estátua de um monarca francês ser colocada na sede papal, e as discussões continuaram até 1720, quando o arquitecto italiano Francesco de Sanctis criou um projecto que satisfaz tanto os franceses como o papado. A escadaria, concluída em 1726, combina secções rectas, curvas e terraços, criando um dos marcos mais espectaculares da cidade. (Ferdie McDonald, 2011, pg. 134 e 135)



**Ilustração 54** - Planta do Plano de Sisto V, onde a azul estão representadas as estruturas construídas após a sua morte, influenciadas pelas suas ideias. (Bacon, 1978, p. 141)

Contudo, Roma foi ao longo dos tempos mantendo uma entidade própria, apesar de mudar as suas dimensões, apresenta-se como única, faltando-lhe uma paisagem contemporânea identificável, talvez devido às três diferentes paisagens urbanas: "[...]a massa construída da cidade imperial; os núcleos dispersos da medieval; a organização viária e monumental da barroca". (Aymonino, 1984, p. 156)

Roma foi aprendendo a viver das suas ruínas e a frequentá-las, como testemunhos do passado, entre a vida presente e as memórias da vida passada "[...] ensina a meditar sobre o tempo que destrói todas as coisas; revela a vaidade do mito da Cidade Eterna, e forma a moldura apropriada do poder espiritual da Igreja." (Benevolo, 2007, p. 456)

No entanto, toda esta fisionomia apenas permaneceu intacta até à um século atrás, estando agora arruinado todo o equilíbrio deste excelente organismo causado por um desenvolvimento desordenado e com uma nostalgia retórica pela grandeza da cidade antiga, onde as ruínas foram isoladas, e até o conjunto monumental de São Pedro tornou-se o pano de fundo de uma avenida qualquer. (Benevolo, 2007, p. 456)



## 4. OBRAS DE REFERÊNCIA

### 4.1. PIAZZA DEL POPOLO



**Ilustração 55** - Planta da Piazza del Popolo. (Delfante, 2000, p. 169)

Piazza del Popolo in effetti rappresenta il prototipo di uno dei motivi di base della città barocca: le strade radiali che convergono o si allontanano rispetto ad un luogo significativo. (Norberg-Schulz, 1979, p. 19)<sup>60</sup>

Durante vários anos, vindo da Via Flaminia, erguia-se a entrada Norte de Roma, pela Piazza del Popolo, marcada pela porta nos muros de Aurélia, onde em 1561 foi construída, por Miguel Ângelo, a magnífica Porta Pia. (Delfante, 2000, p. 169)

Assim, a Via Flaminia conduzia, durante muito tempo, os visitantes da cidade de Roma por uma estreita estrada de terra, que se situava entre as colinas de Parioli e do Pincio e o rio Tibre. Onde a porta da cidade se encontrava, situava-se a separação da colina e do rio, permitindo que a cidade se expandisse. (Norberg-Schulz, 1979, p. 19)

Entre 1513 e 1521, no pontificado de Leão X, pretende-se conduzir o tráfego na direcção do porto da Ripetta e do Vaticano, criando a Via Ripetta. No pontificado de Paulo III manda-se abrir a via simétrica a esta, Via del Babuino e a Via Trinitatis que

---

<sup>60</sup> Piazza del Popolo, na verdade representa o protótipo de um dos motivos de base da cidade barroca: as estradas radiais que convergem ou se afastam em relação a um lugar significativo. (Tradução nossa, 2013)

vai até à Igreja dei Monti, sendo estas consideradas as primeiras intervenções no local.

Logo, o magnífico tridente, que dá início à Piazza del Popolo foi inicialmente iniciado por Leão X, com o intuito que esta se comunica-se com o palácio familiar, localizado no "coração" da cidade, entre a Piazza Navona e o Panteão, dando início ao braço oeste da Piazza del Popolo.

Contudo, esta praça surge como um dos elementos mais importante, representando uma das características fundamentais da cidade barroca, pois umas das questões fundamentais das cidades deste período era a criação de eixos reguladores que convergiam em locais fulcrais (de grande importância), de maneira a ligar os vários lugares, existindo uma relação entre eles.

Hasta la época de Sixto V, la Piazza del Popolo solo había sido el punto de partida de las tres calles, pero el obelisco colocado en 1589 la convirtió en verdadero nudo urbano y, hacia mediados del siglo XVII, se transformó en plaza barroca.<sup>61</sup> (Norberg-Schulz, 1972, p. 29)

No entanto, é com os projectos de Valadier<sup>62</sup> e de Berthault<sup>63</sup>, segundo dois hemiciclos, que a praça ganha uma realização de urbanismo de grande importância, através das três vias que foram abertas no denso tecido da cidade, o obelisco colocado na intersecção dos três eixos dando ao conjunto uma dinâmica, erguendo uma visão quase triunfalista e por fim a construção das duas igrejas, levando à avante

---

<sup>61</sup> Até o tempo de Sisto V, a Praça del Popolo era apenas o ponto de partida das três, mas o obelisco colocado em 1589 converteu a cidade num verdadeiro nó urbano, e em meados do século XVII, tornou-se numa praça barroca. (Tradução nossa, 2013)

<sup>62</sup> Giuseppe. - Architetto (Roma 1762 - ivi 1839). Completa figura di progettista di singoli edifici e sistemazioni urbane, ma anche di attento restauratore di monumenti antichi, V. si staglia sullo sfondo delle vicende storiche di Roma, dal papato di Pio VI alla Restaurazione. Studioso dell'opera del Palladio e delle contemporanee esperienze francesi, si segnalò come uno dei massimi architetti neoclassici (a Roma: facciata di S. Pantaleo, 1806; sistemazione di piazza del Popolo e del Pincio, 1824). (Treccani.It L'Enciclopedia Italiana, 2013d)

<sup>63</sup> (1770–1823) French architect and landscape-architect, a pupil of Percier. He decorated a house on the Rue du Mont-Blanc, Paris, and designed a celebrated garden at Raincy which included a Russian House, a grotto, and an iron bridge (all 1790s and early 1800s). His garden at Les Fontaines, near Chantilly (1792–1822), had Picturesque and Neo-Classical features (e.g. Fisherman's House, Boat-House, Sepulchre, and Obelisk on an island), and is known from the drawings by C. Bourgeois and Berthault's uncle, Pierre-Gabriel Berthault, published in *Suite de Vingt-Quatre Vues de Jardins Anglais* (1812). Berthault transformed several French gardens into less formal arrangements, notably at Courson (from 1820). He became Chief Architect to the Empress Josephine (1763–1814) in 1805, for whom he carried out works at the garden of La Malmaison. Other parks on which he worked were those at St-Leu-Taverny, Beauregard (near Villeneuve-St-George), and Compiègne. His eclectic use of a wide variety of exotic shrubs and trees created a rich, sometimes overwhelming effect. (Oxford Dictionary Of Architecture & Landscaping, 2001)

a vontade de Napoleão de fazer da praça uma das mais bonitas da Europa. (Delfante, 2000, p. 169 e 170)

A Piazza del Popolo, para mim, é um modelo de composição através de valores acrescentados: os diversos intervenientes não fizeram tábua rasa, utilizaram o que já existia, trazendo cada um o seu génio para a prossecução definitiva da ideia de base. Isto levaria a confirmar a minha opinião de que uma composição urbana é, antes de mais, uma ideia marcada pela abstracção, cuja força é tal que permanece eterna. (Delfante, 2000, p. 170)

Por outro lado, as duas igrejas, Santa Maria dei Miracoli e Santa Maria in Montesanto, iniciada a sua construção em 1662, integram a entrada monumental de Roma a partir da Via Flaminia, dando um excelente exemplo de arranjo arquitectónico, dando efeitos de perspectiva gerados pela direcção oblíqua das vias, surgidas do plano do arquitecto Carlo Rainaldi<sup>64</sup>, do desenho de Bernini<sup>65</sup> e da execução de Fontana. (Delfante, 2000)

Ocupam um lugar preciso na praça, pois surgem simetricamente em relação às três vias, representando um exemplo interessante de edifícios funcionais para a cidade e desenvolvendo uma simetria monumental, sendo o mais adequado para a cidade sagrada.

---

<sup>64</sup> Carlo Rainaldi, (born 1611, Rome, Papal States [Italy]—died 1691, Rome), Baroque architect, one of the leading architects of 17th-century Rome, noted for the scenic grandeur of his designs. He collaborated with his father, Girolamo Rainaldi, a distinguished architect who transplanted to Rome the north Italian Mannerist tradition of Pellegrino Tibaldi. (Encyclopaedia Britannica, 2013a)

<sup>65</sup> Gian Lorenzo Bernini, (born Dec. 7, 1598, Naples, Kingdom of Naples [Italy]—died Nov. 28, 1680, Rome, Papal States), Italian artist who was perhaps the greatest sculptor of the 17th century and an outstanding architect as well. Bernini created the Baroque style of sculpture and developed it to such an extent that other artists are of only minor importance in a discussion of that style. (Encyclopaedia Britannica, 2013b)





**Ilustração 56** - As duas Igrejas gémeas de Santa Maria in Montesanto (esquerda) e Santa Maria dei Miracoli (direita) da Piazza del Popolo. (Ilustração nossa, 2013)

Contudo, as duas áreas onde foram erigidas as igrejas tinham áreas diferentes, tendo cada uma delas larguras diversas. A área entre a Via del Corso e a Via di Ripetta era maior que a área entre a mesma Via del Corso e a Via del Babuino. Assim, Rainaldi teve que realinhar as fachadas dos dois lados, tendo cada uma delas cúpulas de diâmetros diferentes. No entanto, ele resolveu o problema através de um solução magnífica, tendo a igreja situada na área mais estreita uma forma elíptica, podendo retirar diâmetro até se tornar igual à outra. Logo, para quem as vê a partir da porta da cidade, elas parecem ser semelhantes, apesar da sua diferença real. "Comprendiamo in questo modo come equivalenza architettonica non significhi necessariamente somiglianza fisica." (Norberg-Schulz, 1979, p. 20)<sup>66</sup>

Criam um momento de ligação entre os blocos isolados e a praça, com um profundo pórtico que se projecta para o espaço urbano, formando um todo orgânico. Assim, elas aparecem com uma frente monumental da massa dos edifícios que se encontram por trás, e também, de toda a cidade. "Così Rainaldi pervenne ad una convincente sintesi di definizione spaziale e di movimento in profondità". (Norberg-Schulz, 1979, p. 20)<sup>67</sup>

---

<sup>66</sup> Compreendemos desta forma como equivalência arquitectónica não significa, necessariamente, semelhança física. (Tradução nossa, 2013)

<sup>67</sup> Então Rainaldi chegou a uma síntese convincente da definição espacial e de movimento em profundidade. (Tradução nossa, 2013)

Por outro lado, as colunas dos pórticos continuam por toda a fachada lateral das igrejas, interligando-se às casas que se situam atrás, no seu seguimento, sem interrupções, originando uma continuidade em todo o bloco das igrejas, tornando-se parte orgânica da cidade, permitindo uma melhor delimitação da praça, como afirma Norberg-Schulz<sup>68</sup>, "Las iglesias de Rainaldi también constituyeron una feliz transición entre el bloque de casas que tienen detrás y la piazza al tener un pórtico profundo que avanza hacia el espacio urbano de enfrente."<sup>69</sup> (Norberg-Schulz, 1972, p. 30)

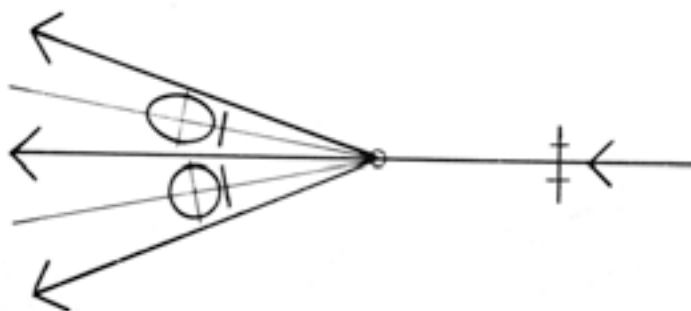


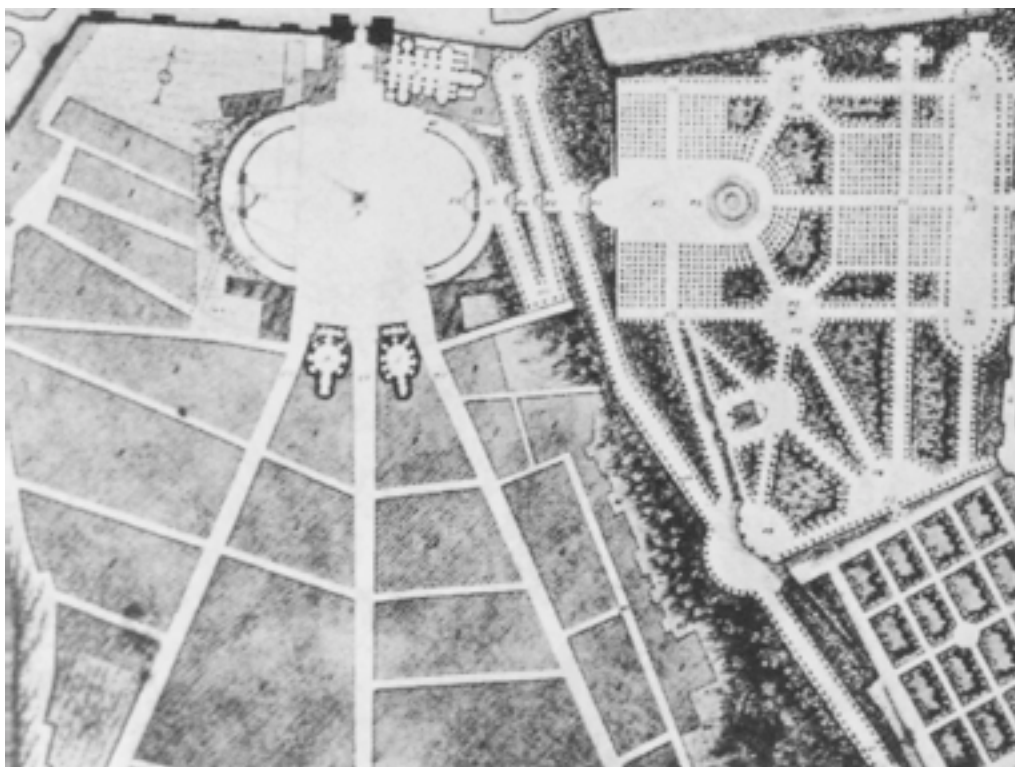
Ilustração 57 - Diagrama do tridente da Praça del Popolo, Roma. (Norberg-Schulz, 1979, p. 19).

Em 1794, Valadier depara-se com determinadas características que dominavam a praça, sendo o seu projecto final só realizado entre 1816 e 1820, tendo a sua forma chegado até aos dias de hoje. As igrejas, com cúpulas e pórticos semelhantes, serviam como vigias eclesiásticas das três vias subjacentes, que desde a antiguidade difundiam-se a partir dali as principais artérias da cidade.

---

<sup>68</sup> Norberg-Schulz is a practicing architect ;his buildings stand in several countries;and he elucidates the nature of architectural reality with a practiced eye and from a practicalviewpoint. Although the methods and theory that his book develops are uncompromisingly rigorous andtightly formed, they are everywhere related to actual building, through specific examples andthrough the use of over 100 photographs.The structure that Norberg-Schulz has fashioned is surelyone of the most impressive intellectual edifices that any architect has ever produced. The materialsthat are organically worked into it include Gestalt psychology, the mechanics of perception,information theory, modern analytic philosophy, and in particular, linguistic analysis, and thegeneral theory of signs and symbols. The result, however, is not an eclectic hodge-podge ;all thesematerials have their place and purpose ;none is applied extraneously for "show" or purely decorativeeffect. And all this divergent material had to be joined according to plan within formal bounds inorder to produce a theory with equally divergent applications: one that can treat not only of theaesthetics of architecture but equally well of its social, psychological, and cultural effects.Thechief focus of the book is on the symbolic and linguistic. The purpose is to develop an integratedtheory of architectural description and architectural intention (and this includes the intention ofthe user as well as that of the designer), insofar as architecture is an art. (Google, 2012)

<sup>69</sup> "As igrejas de Rainaldi, também constituíram uma feliz transição entre o bloco de casas que está por de trás, fazendo com que a praça tenha um pórtico profundo, que avance em direcção ao espaço urbano." (Tradução nossa, 2013)



**Ilustração 58** - GIUSEPPE VALADIER. Projecto para a Piazza del Popolo, Roma, 1816. Projecto final, efetivamente executado. (Giedion, 2004, p. 176)

No centro da praça, no final do século XVI, foi erigido o obelisco egípcio e do lado esquerdo encontrava-se a fachada renascentista da igreja de Santa Maria del Popolo, em anexo ao mosteiro augustiniano, onde os seus jardins elevavam-se à altura do Pincio.

Assim, a entrada principal da praça é feita pelo pórtico, encaixado entre edifícios sendo, a igreja o limite esquerdo da entrada. Logo, é criado uma pequena ante praça, ou corredor, que nos leve à praça propriamente dita, ou seja, a entrada na praça é feita gradualmente, onde nos deparamo-nos com uma zona mais estreita que conduz ao respectivo destino, guiado pelos edifícios.

A Igreja de Santa Maria del Popolo comunica com a praça de uma forma muito curiosa, pois surge antes da praça, apesar de dentro dos limites abertos desta, não comunicando directamente. Tem assim, um carácter diferente da duas igrejas "gémeas" de Rainaldi.

Contudo, é possível verificar pela ilustração 60 que a praça vivia para a igreja, uma vez que a praça possui-a uma forma completamente diferente da que hoje conhecemos. Devido a alteração formal, proveniente da necessidade de esta ser o ponto de convergência das três ruas constituintes do tridente, fez com que a igreja

perdesse parte do seu carácter original, mas comunicando directamente com as pessoas que passam pelo pórtico, surge de maneira repentina, ganhando uma mística diferente das igrejas "gémeas".



**Ilustração 59** - Obelisco da Praça del Popolo. (Ilustração nossa, 2013)



**Ilustração 60** - Fachada da Igreja de Santa Maria del Popolo. (Ilustração nossa, 2013)

Por outro lado, toda a praça era rodeada em ambos os lados por muros altos e edifícios insignificantes, que conferiam um ar de subúrbio.



**Ilustração 61** - Piazza del Popolo. Gravura de Tempesta, 1593. A Porta del Popolo, a igreja renascentista de Santa Maria del Popolo, o obelisco e os jardins do Pincio. (Giedion, 2004, p. 175)



**Ilustração 62** - Piazza del Popolo, Roma. Vista das igrejas de Rainaldi. (Giedion, 2004, p. 175)

Assim, Valadier deixa intacto todos os edifícios monumentais, mandando destruir os muros e edifícios irrelevantes e faz dos jardins do mosteiro, espaço público, criando

uma rampa sinuosa que permite a ligação de veículos entre a praça e o Pincio. (Giedion, 2004, p. 174 e 175)

Sobre o Pincio constrói um terraço, que se integra no todo da paisagem criando unidade através da sua composição espacial, com proporções que se relaciona com os edifícios que envolvem a praça, "edifícios de estilos e períodos bastante diversos, estabelecendo entre eles uma nova relação". (Giedion, 2004, p. 177)



**Ilustração 63** - Piazza del Popolo, Roma. Corte pelos diferentes níveis e rampas. *Desenho de Edward W. Armstrong, 1924.* (Giedion, 2004, p. 176)

Por outro lado, construiu outros edifícios que circundam a praça, e com a presença de dois elegantes hemicírculos, organiza todo o tráfego da praça. Interliga no todo do projecto zonas verdes, como é o caso do lado oeste onde pretende deixar desimpedido de edifícios e outras infra-estruturas, criando uma ligação visual a uma ampla área verde, apesar de nos dias de hoje, o cenário ser completamente destinto, com a presença de diversos edifícios altos.

Logo, estas características próprias da praça, a forte relação de edifícios com áreas verdes e a relação dos diferentes níveis de todo o conjunto projectual, conferem-lhe "[...] como uma das grandes praças de aparência mais "moderna". (Giedion, 2004, p. 178)

Toda a praça criava movimento, tornando-a dinâmica, sendo o ponto fulcral onde a cidade nascia, dando a força e o poder de uma cidade barroca. As portas da cidade possibilitavam uma visão privilegiada das suas características, entusiasmando a quem nela atravessasse, a penetrar "[...] dentro de los escondidos tesoros de la famosa ciudad [...]"<sup>70</sup> (Titi apud Norberg-Schulz, 1972, p. 29)

---

<sup>70</sup> "[...] dentro dos tesouros escondidos, da famosa cidade." (Tradução nossa, 2013)



Através da relação das diferentes cotas das áreas horizontais, terraço e praça, ele consegue criar a sensação de que a praça está suspensa no ar, estabelecendo uma proporção em três dimensões, verificando uma relação entre planos horizontais e verticais, factos constituintes da arquitectura moderna.



**Ilustração 64** - Piazza de Popolo, Roma. (Giedion, 2004, p. 177)

Piazza de Popolo, Roma. Vista do terraço do Pincio, mostrando os diferentes níveis existentes e suas relações com os planos verticais da Piazza. Valadier, enfrentou, aqui, um problema fundamental de nossa época: a relação entre planos horizontais e verticais como base para um efeito estético.

Deste modo, todo o conjunto que constitui a Praça del Popolo, confere-lhe uma das praças mais conhecidas, tendo cada elemento que a constitui a sua importância, e a inter-relação que é estabelecida por cada um, dar à praça uma composição única e própria.

## 4.2. PRAÇA DE S. PEDRO



**Ilustração 65** - Planta do conjunto da Basílica e da Praça de São Pedro, do livro de Letarouilly, do início do século XIX. (Benevolo, 2007, p. 459)

Toda a história que envolve a praça é bastante complexa. Mas foi durante o pontificado do Papa Alexandre VII<sup>71</sup> (1655- 1667) que se efectuou a solução final. Bernini começa em 1656 as suas primeiras ideias e esboços para a praça, propondo uma praça trapezoidal com lados convergentes para a actual Piazza Rusticucci, no entanto, foi completamente posta de lado. Assim, depois de uma análise cuidada do lugar, Bernini opta por uma forma elíptica, sendo apresentada ao papa em 1657. (Norberg-Schulz, 1979, p. 29)

Esse espaço elíptico é ligado à igreja a partir de um quadrado menor de um trapézio, ou seja, cria-se uma praça recta, onde cada lado diverge em direcção à igreja.

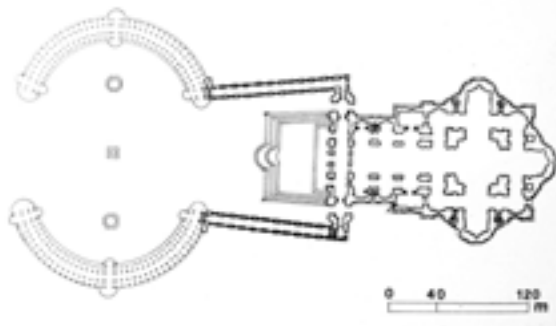
Por outro lado a forma da praça principal foi definida por diferentes requisitos funcionais, como a completa visibilidade da fachada de São Pedro, a criação de um fácil acesso ao Palácio do Vaticano, e uma cobertura ambulatória para as procissões.

Contudo, e antes do aspecto funcional é necessário ter em conta o fundamento simbólico, expresso nas palavras de Bernini,

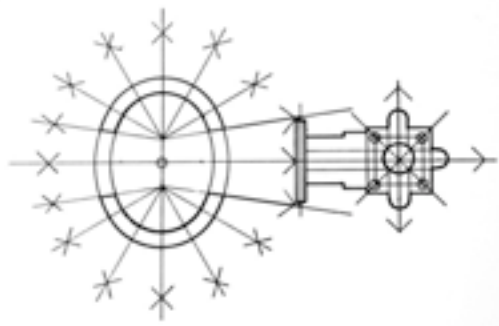
---

<sup>71</sup> Alexandre VII tem nacionalidade Italiana, nasceu a 13 de Fevereiro de 1599, tendo sido eleito papa a 7 de Abril de 1655 com 56 anos de idade, falecendo a 22 de Maio de de 1667. (Maxwell-Stuart, 1997, p. 199)

«...essendo la chiesa di San Pietro quasi matrice di tutte le altre doveva haver un portico che per l'appunto dimostrasse di ricevere a braccia aperte maternamente i Catolici per confermarli nella credenza, gl'Heretici per riunirli nella Chiesa, e gl'Infedeli per illuminarli alla vera fede».<sup>72</sup> (Norberg-Schulz, 1979, p. 29)



**Ilustração 66** - Roma, Praça de S. Pedro, planta. (Norberg-Schulz, 1979, p. 25)



**Ilustração 67** - Diagrama da Praça de São Pedro. (Norberg-Schulz, 1979, p. 25)

O espaço torna-se num imenso átrio, de forma elíptica com o intuito de simbolizar a vontade da igreja em receber todas as pessoas de braços abertos, e de "convidá-las" a entrar na Basílica. Mas, este átrio, podia-se ter tornado mais pronunciado se fosse realizado um terceiro braço, desenhado por Bernini na entrada monumental da praça, mas que não se concretizou devido à morte de Alexandre VII em 1667, como visualizamos na ilustração seguinte e segundo Norberg-Schulz, "[...] con la entrada monumental que, según el proyecto de Bernini, se construiría entre los dos 'brazos'. Este terzo braccio jamás se construyó a causa de la muerte de Alejandro VII en 1667."<sup>73</sup> (Norberg-Schulz, 1972, p. 57)

<sup>72</sup> "... sendo a igreja de São Pedro matriz de quase todos os outros deve haver uma varanda para receber de braços abertos maternalmente os Católicos para confirmá-los na crença, e os infieis para iluminá-los na verdadeira fé." (Tradução nossa, 2013)

<sup>73</sup> "[...] com a entrada monumental que, segundo o projecto de Bernini, iria ser construído entre os dois «braços». Este terceiro braço jamais foi construído devido à morte de Alejandro VII em 1667." (Tradução nossa, 2013)





**Ilustração 68** - Roma, Praça São Pedro com o projecto do terceiro braço. (Norberg-Schulz, 1979, p. 26)

No entanto, devido a um enorme estudo sobre a Praça, podemos verificar que a solução de Bernini neutraliza o excesso de largura da fachada de Maderno<sup>74</sup>.

A fachada tem proporções bastante desajeitas, tendo Bernini projectado duas torres que nunca foram construídas. Contudo, na solução de Bernini, a abertura entre a praça oblíqua e a praça recta é mais estreito que a da fachada, mas é espontaneamente percebida como iguais, fazendo com que a fachada parece mais perto do que ela é, e, correspondentemente mais alta. Este efeito é reforçado pelo tratamento das paredes laterais da praça recta, que diminuem em altura à medida que nos aproximamos da igreja. A altura da fachada da igreja é medida assim em relação aos pilares mais pequenos, semelhantes aos encontrados no início da praça recta. Finalmente, a elipse transversal da praça oblíquo aproxima a igreja ao espectador. O desenho final de Bernini para a fachada da igreja com as torres sineiras separadas da fachada principal, iria completar a solução. (Norberg-Schulz, 1979, p. 29 e 30).

---

<sup>74</sup> Arquitecto italiano, Carlo Maderno, ou Maderno, nasceu em 1556, em Capolago, lago de Lugano, e morreu em 1629, em Roma. Tendo sido iniciado na arte da arquitectura pelo seu tio Domenico Fontana, trabalhou inicialmente como estucador. Em 1600 começou a produzir trabalho de arquitecto completando o seu primeiro trabalho, a fachada da Igreja de Sta. Susana, por volta de 1603. O seu trabalho foi de imediato notado e durante o pontificado de Paulo V (1605-1621) tornou-se arquitecto oficial do Vaticano sendo encarregado por este de continuar a construção da Catedral de São Pedro. Em consonância com as novas proposições da contra reforma, Maderno prolonga a nave central, alterando assim o edifício original de planta em cruz grega projectado por Michelangelo, que passa a possuir um sentido longitudinal em forma de cruz latina do tipo das igrejas medievais. Maderno atingiu um grande prestígio em Roma sendo considerado um dos principais introdutores da arquitectura barroca. No entanto apenas um edifício lhe pode ser inteiramente atribuído, a Igreja de Sta Maria da Vitória (1608-1620), pois todas as suas outras realizações ou foram complementos de obras já iniciadas ou foram continuadas após a sua morte e consequentemente muito alteradas, nomeadamente por Bernini o arquitecto que o sucedeu no Vaticano e que completou o palácio Barberini iniciado por Maderno. (Porto Editora, 2013)



**Ilustração 69** - Gian Lorenzo Bernini: Projecto para a fachada de São Pedro com os campanários. (Norberg-Schulz, 1979, p. 26)

No entanto, a verdadeira importância do projecto de Bernini não consiste nesses "jogos" de perspectiva, o que faz a Praça de São Pedro das maiores praças já concebidas, são as suas qualidades espaciais no geral. A praça oblíqua pode ser caracterizada como simultaneamente aberta e fechada. O espaço está claramente definido, mas a forma elíptica cria uma expansão ao longo do eixo transversal. Em vez de ser uma forma estática e definida, cria-se uma integração com o mundo exterior. "Lo spazio diventa realmente «il punto di incontro di tutta l'umanità», mentre allo stesso tempo il suo messaggio si irradia al mondo intero." (Norberg-Schulz, 1979, p. 30)<sup>75</sup>. Também a praça trapezoidal recta faz parte deste padrão geral. O obelisco tem uma função importante, como o nó ao qual todas as direcções são unificadas e conectam-se com o eixo longitudinal que leva à igreja. (Norberg-Schulz, 1979)

---

<sup>75</sup> "O espaço torna-se realmente «o ponto de encontro de toda a humanidade», enquanto ao mesmo tempo a sua mensagem se irradia pelo mundo todo." (Tradução nossa, 2013).



Ilustração 70 - Praça de São Pedro. (Ilustração nossa, 2013)

O tema é repetido no interior da igreja, em que o movimento encontra a sua motivação final no eixo vertical da cúpula divina. Como diz Argan<sup>76</sup>,

«... la cupola si apre e dispiega nel colonnato cosi come il suo originario significato simbolico si dispiega nel più accessibile significato allegorico della piazza berniniana... la forma chiusa, in senso plastico e simbolico, della cupola rotonda è implicita, anche visivamente, nella forma aperta, ellittica del colonnato, il cui significato allegorico dichiarato in un disegno del Bernini, è di formare le braccia di un corpo ideale, di cui la cupola è la testa: l'abbraccio universale della Chiesa è dunque la preparazione alla rivelazione suprema». (Norberg-Schulz, 1979, p. 30)<sup>77</sup>

---

<sup>76</sup> Nasceu em Turim, na Itália, em 1909, e morreu em Roma, em 1992. Aluno do crítico e historiador da arte Lionello Venturi, destacou-se internacionalmente a partir da década de 30 com estudos sobre a arte medieval e renascentista (*L'architettura preromanica e romanica in Italia*, 1936; *L'architettura del Due e del Trecento in Italia*, 1937). Remontam à década de 50 seus estudos sobre Brunelleschi (1951), Gropius e a Bauhaus (1951, traduzido pela Editorial Presença), Beato Angelico (1955), Botticelli (1957). Em 1959 sucedeu a Venturi na cátedra de história da arte moderna, na Universidade de Roma. Publicou numerosas monografias e coletâneas de ensaios, entre elas *História da arte como história da cidade* (1983, traduzida pela Martins Fontes). Muito ativo politicamente, elegeu-se prefeito de Roma em 1976, e senador em 1983, pelo Partido Comunista Italiano. Seu último trabalho foi *Michelangelo architetto* (1990). (Companhia das letras, 2013)

<sup>77</sup> "... a cúpula se abre e se desenrola na colunata assim como o seu originário significado simbólico se desenrola no mais acessível sentido alegórico da praça de Bernini... a forma fechada, no sentido plástico e simbólico da cúpula redonda é implícita, também visualmente, na forma aberta, da elíptica da colunata, cujo significado alegórico estabelece-se no projeto de Bernini, é de formar os braços de um corpo ideal, da qual a cúpula é a cabeça: o abraço universal da Igreja é portanto a preparação para a revelação suprema ". (Tradução nossa, 2013)

Deste modo, a Praça de São Pedro é um exemplo supremo de tal composição espacial, digno da sua função como o principal centro do mundo católico. Ela demonstra como um sistema de "lugares", colocado numa relação particular com o seu ambiente, pode simbolizar um conteúdo que abrange os problemas mais profundos da existência humana. Ao mesmo tempo, Bernini foi capaz de atingir a essência da época barroca com uma notável simplicidade. Mais do que qualquer outro exemplo, a Praça de São Pedro mostra que o fundamento da arte barroca reside nos princípios gerais, do que numa riqueza de detalhes. (Norberg-Schulz, 1979, p. 30)



Ilustração 71 - Vista da Cúpula da Igreja para a Praça de São Pedro. (Ilustração nossa, 2013)

Por outro lado, a Praça de São Pedro, de forma magnífica e esplendida, e compreendendo a necessidade de inter-relacionar a escala gigantesca dos monumentos de Bramante com a pequena escala das casas e dos bairros, necessita de resolver a ligação da grande igreja de São Pedro com a cidade. Cria um grande espaço vazio, envolvido por colunatas abertas que permitem criar uma relação visual com o bairro em volta e toda a cidade, levando gradualmente as pessoas do cenário das pobres casas dos Burgos até à fachada da igreja e posteriormente ao seu interior. (Benevolo, 2007, p. 456)

As Colunas envolvem ambos os lados através de braços abertos simbólicos e abraçando a igreja. (Norberg-Schulz, 1979)



**Ilustração 72** - Visualização das colunatas abertas que permitem criar uma relação visual. (Ilustração nossa, 2013)



**Ilustração 73** - Visualização das colunatas abertas que permitem criar uma relação visual. (Ilustração nossa, 2013)



**Ilustração 74** - Visualização das colunatas abertas que permitem criar uma relação visual. (Ilustração nossa, 2013)

Em relação à igreja, que foi sofrendo alterações ao longo do tempo, o projecto original pretendia dar solução às necessidades através de uma planta central, iniciada por Bramante com características próprias como refere Norberg- Schulz, "[...] por un crecimiento aditivo en todas las direcciones [...]".<sup>78</sup>

No entanto, ficou a cargo a continuação do projecto da Basílica a Miguel Ângelo, tendo este realizado algumas alterações, procurando retirar os espaços secundários do projecto de Bramante, contudo não concluiu o seu projecto, ficando este encarregue a Maderno que procedeu a alteração significativa da Basílica. (Norberg-Schulz, 1972, p. 108)

Assim, Carlo Maderno em 1607 e 1617, obedecendo às ordens de um novo papa, altera o desenho feito por Miguel Ângelo, que devido às necessidade da época, e querendo a igreja se afirmar perante o mundo, ela cresce para leste, substituindo a cruz grega pela cruz latina. "[...] así comprendemos que la introducción de un eje longitudinal fue una exigencia esencial de la época de la Contrareforma para hacer que el edificio participara en su ambiente espacial, y expresara de ese moda la misión de la iglesia en el mundo."<sup>79</sup> (Norberg-Schulz, 1972, p. 108)

---

<sup>78</sup> "[...] por un crecimiento aditivo en todas as direcções [...]." (Tradução nossa, 2013)

<sup>79</sup> "Assim compreendemos que a introdução de um eixo longitudinal foi uma exigência essencial da época da Contra-Reforma para fazer o edifício participar no ambiente espacial, e expressar desse modo a missão da igreja pelo mundo." (Tradução nossa, 2013)



Logo a nave central, juntamente com as capelas laterais e a fachada, a alteração da cruz grega pela cruz latina, permitiu um maior espaço para as pessoas que o utilizam, tendo todas estas respectivas alterações resultado na igreja que conhecemos hoje.

Contudo, toda a imponência, a escala que possui, já estava estabelecida na época de Miguel Ângelo, sendo visível na altura das colunas de sustentação da cúpula central. A cúpula surgia como o ponto central de todas as energias artísticas.

A altura da nave central de 45 metros e as capelas laterais que a dilatam, davam-lhe uma imponência sobre-humana a quem entrava, contudo, a sua largura é mais modesta, apesar de não ser visível ao observador pois Maderno soube como evitar. (Giedion, 2004, p. 63 e 64)



**Ilustração 75** - Interior da Basílica de São Pedro. (Ilustração nossa, 2013)

Deste modo, verificamos a magnitude da Praça de São Pedro que estabelece relações muito precisas com a sua envolvência, desde as colunatas que permitem estabelecer um contacto visual e físico com os edifícios comuns que surgem nos arredores próximos da praça, como a grande via della Conciliazione que com o seu obelisco central, criam um grande conjunto que todos relacionados dão características muito especiais e próprias à praça.

### 4.3. MUSEU ARA PACIS



Ilustração 76 - Museu Ara Pacis (Ilustração nossa, 2013)

O Museu localiza-se na margem do Rio Tibre, concebido como um cenário renovado para a Ara Pacis - um altar sacrificial que data de 9 a.C. e que agora está localizado na margem oeste da Piazza Augusto Imperatore.

Ara Pacis, foi reconstruído durante vários anos, sendo um dos monumentos mais importantes da Roma Antiga, pois comemora a paz estabelecida na região mediterrânea pelo Imperador Augusto.

Foi encomendado pelo Senado em 13 a.C., estando concluído e organizado segundo a sombra do obelisco do Campo de Marte de maneira a incidir sobre ele no dia do aniversário de Augusto. (McDonald, Ronan, Streiffert, 2011, p. 140)

Consiste numa estrutura cúbica sobre uma plataforma baixa, com o altar ao centro, tendo todas as suas superfícies decoradas com frisos e relevos de mármore, com um carácter bastante realista. Os relevos que se encontram na fachada norte e sul retratam uma procissão ocorrida em 13 a.C., sendo visível cada membro da família do imperador.



**Ilustração 77** - Interior do Museu de Ara Pacis, visualização do altar. (Halbe, Roland, fot., s.d.)

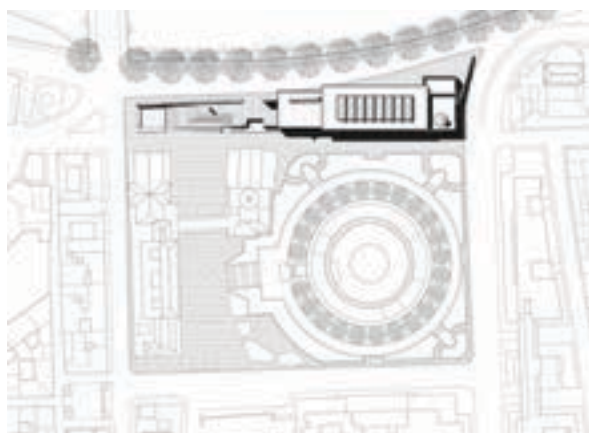


**Ilustração 78** - Interior do Museu de Ara Pacis, visualização do altar. (Halbe, Roland, fot., s.d.)

Foi redescoberta no século XVI, quando os primeiros painéis foram desenterrados, tendo sido reconstruído em 1938, constituído por duas partes: uma original e outra reconstituída. (Mcdonald, Ronan, Streiffert, 2011, p. 140)

Assim, em 1999, o arquitecto Richard Meier desenhou um novo edifício para abrigar o monumento, sendo talvez um dos mais polémicos projectos do arquitecto Richard Meier, pois não é muito bem aceite pela população que assistiu ao crescimento do edifício no centro histórico da cidade, que vai obrigar aos outros monumentos a conviver com o novo Museu de Ara Pacis. (Ouroussoff, 2006)

Reconstruído e transferido em 1983, foi aplicado ao projecto um sistema de traçados reguladores que pretendia relacionar a posição actual do altar para o seu sítio original, desenvolvendo-se uma praça quadrangular, usada proporcionalmente como um quadro que pretende reorganizar a praça, o novo projecto e a envolvente.



**Ilustração 79** - Planta de localização do Museu de Ara Pacis. (Richard Meier & Partners Architects, s.d.)



Logo, surgem questões que nos leva a perceber como se deve intervir em contextos históricos, a maneira como deve ser interpretada a cidade e se de facto faz sentido intervir sob a influência de marcas modernas numa cidade tão histórica como aquele onde se encontrava este projecto. No entanto, isso vai de encontro à interpretação que cada pessoa, nomeadamente o arquitecto, faz de acordo com determinados valores. (Conceição, 2010)

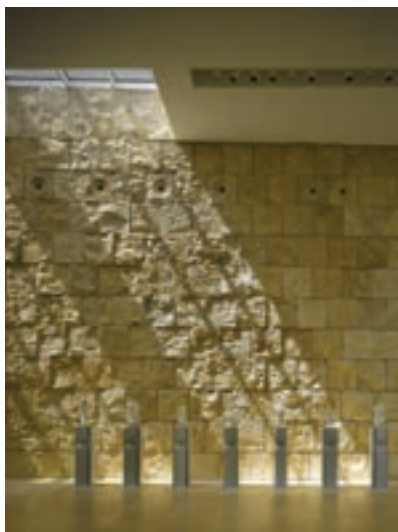
Este projecto procura preservar a herança histórica e cultural da cidade de Roma, convivendo intimamente com esta. Deste modo, as proporções e clareza dos volumes que constituem o edifício referem-se à escala de estruturas antigas da cidade. Na ilustração seguinte é possível verificar a grande relação que o edifício tem com a envolvente, que são as marcas históricas da cidade. (Conceição, 2010)



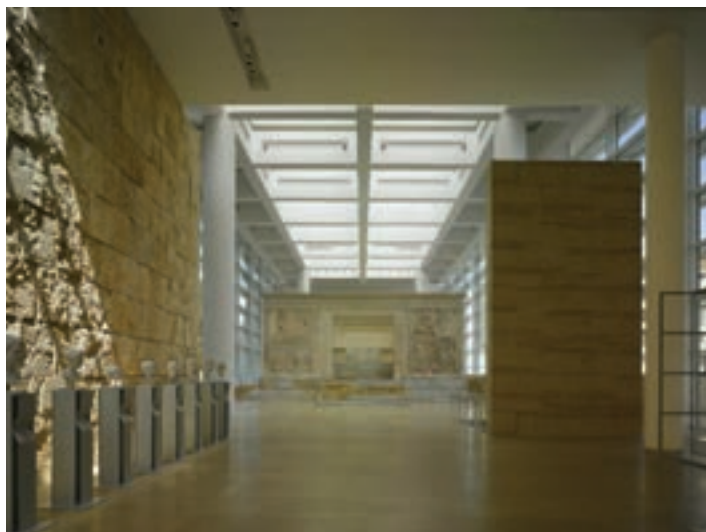
**Ilustração 80** - Corte longitudinal do Museu e relação deste com a envolvente. (Richard Meier & Partners Architects, s.d.)

Relativamente ao seu interior o altar é o foco principal do museu, apesar de existirem outros espaços, nomeadamente espaços para exposição de carácter temporário, algumas instalações dedicadas a temas arqueológicos e uma biblioteca dedicada à história do Imperador Augusto.

O assimétrico hall de entrada, definido por sete colunas, guia-nos em direcção ao salão principal, este último, simétrico, encoraja a uma circulação naturalmente progressiva. O tecto do salão assenta em quatro colunas com claraboias para maximizar a iluminação natural. (Conceição, 2010)



**Ilustração 81** - Visualização do interior do Museu. (Halbe, Roland, fot., s.d.)



**Ilustração 82** - Visualização do interior do Museu. (Halbe, Roland, fot., s.d.)

Contudo, e como já referido a abertura do Museu Ara Pacis deveria ter sido motivo de comemoração, sendo o primeiro grande edifício cívico concluído no centro histórico de Roma, com uma arquitectura contemporânea, onde após décadas se virava as costas para o presente, torna-se uma decepção. Localizado numa praça dos anos 40, a sua relação com as glórias da cidade em torno dele, é quase ignorada como aconteceu com os antecessores. A praça, projectada na década de 1930, foi uma ferramenta de propaganda agressiva de investir no Estado fascista com a grandeza da Roma imperial. Assim, o projecto de Richard Meier torna-se uma expressão contemporânea com uma escala desajustada com a envolvente, quase indiferente à beleza da cidade densa e a sua rica textura em torno dele. (Ouroussoff, 2006)



**Ilustração 83** - Planta da Praça Augusto Imperatore, onde se pode ver a amarelo as áreas que foram reorganizadas nos anos 40



**Ilustração 84** - Visualização área da Praça Augusto Imperatore actualmente com o Museu Ara Pacis à esquerda. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013)

A Ara Pacis foi escavado a partir do seu local original e foi levado em pedaços numa curta distância até onde se encontra hoje, em 1930. Mussolini<sup>80</sup> reinstala o altar num novo prédio de vidro e pedra realizado por Morpurgo<sup>81</sup> (autor de toda a arquitectura da Praça Augusto Imperador) ao lado do antigo túmulo do imperador Augusto (63 a.C. a 14 d.C.). A ligação simbólica entre um estado fascista moderno e um passado heroico clássico foi fortificada pelos edifícios que acompanham com fachadas "abstractas" e galerias sombrias.

Assim, Vittorio Ballio Morpurgo insensivelmente arrasou bairros velhos que cercavam o antigo Mausoléu, como se liberta-se da história imperial reprimida da cidade. Ignora deste modo a essência da beleza da cidade, que podemos verificar quando percorremos as ruas da cidade e deparamo-nos contra a fachada de uma igreja ou quando se entra numa praça arejada que aparece quase do nada, sem que o observador esteja a contar com tal sensação e deslumbramento. (Ouroussoff, 2006)

O Museu de Ara Pacis surge entre uma rua que corre ao longo do Tibre e do enorme tambor incrustado do antigo mausoléu de Augusto vários metros abaixo, com uma proporção desenquadrada com a envolvente, ou seja, o arquitecto evidencia a monumentalidade do edifício ao invés de confrontar com a tranquilidade da praça, da própria abertura que é feito quando se percorre a Rua de Ripetta desde a Praça del Popolo até a esta Praça Augusto Imperatore, que se aproxima do rio dando uma aragem à própria cidade, proporcionando uma abertura da grande rua rectilínea. Essa sensação de abertura é dissipada pela grande presença que o edifício proporciona no local, tornando a relação com o próprio rio quase inexistente.

---

<sup>80</sup> Político italiano, nascido em 1883, Mussolini começou por se assumir como militante socialista para, depois da Primeira Guerra Mundial, se converter a teses de extrema-direita e criar o Partido Fascista Italiano (1921), portador de uma ideologia autoritária e anti-parlamentar. O seu discurso, em que predominava o elogio da violência como forma de atuação decisiva e privilegiada na política, teve tradução concreta na atividade da sua milícia própria (os fasci di combattimento, que dão aliás origem ao nome do partido). É efetivamente no seguimento de uma política agressiva e à margem dos princípios e métodos parlamentares que alcança o poder, depois de uma Marcha sobre Roma (1922) que leva o rei a encarregá-lo de formar governo. Serão precisamente resistentes italianos que, em maio de 1945, pouco antes do suicídio do seu aliado Adolf Hitler, o irão capturar e fuzilar sumariamente, vindo o seu cadáver a ser exposto publicamente e a ser alvo da ira popular. (Porto Editora, 2013)

<sup>81</sup> Ballio-Morpurgo, Vittorio. - Architetto italiano (Roma 1890 - ivi 1966). Prof. dal 1936 al 1960 di architettura degli interni, arredamento e decorazione nell'univ. di Roma. Ha progettato, a Roma, la sistemazione della zona dell'Augusteo e di quella tra via Venti Settembre e via Quattro Fontane, ecc., attenendosi a forme ispirate alla tradizione, con ricerca di aggiornamento alle istanze dell'architettura contemporanea. (Treccani.It L'Enciclopedia Italiana, 2013b)

A simetria formal do dois blocos brancos emoldurando o edifício numa das extremidades não proporciona suavidade, dando à estrutura uma auto-importância, dando mesmo a espessura da laje da cobertura uma composição de peso.

Por outro lado, as duas igrejas, San Rocco e San dei Croati, localizadas numa extremidade da praça são quase esquecidas, pois foi criado uma parede que se estende ao longo da entrada da porta principal até ao final da praça, tornando aquela sensação de descoberta inesperada de tesouros da cidade inexistente. O muro e a sua própria altura cortam a visão que o espectador tinha das igrejas. (Ouroussoff, 2006)



**Ilustração 85** - Visualização da Igreja com o muro que impossibilita o deslumbramento da mesma. (Ilustração nossa, 2012)



**Ilustração 86** - Visualização do Museu e das igrejas que se situam na sua envolvente próxima (Ilustração nossa, 2012)

Deste modo, podemos verificar que o Museu procurava "evidenciar-se" perante a história da cidade, impondo-se à realidade da sua envolvente.

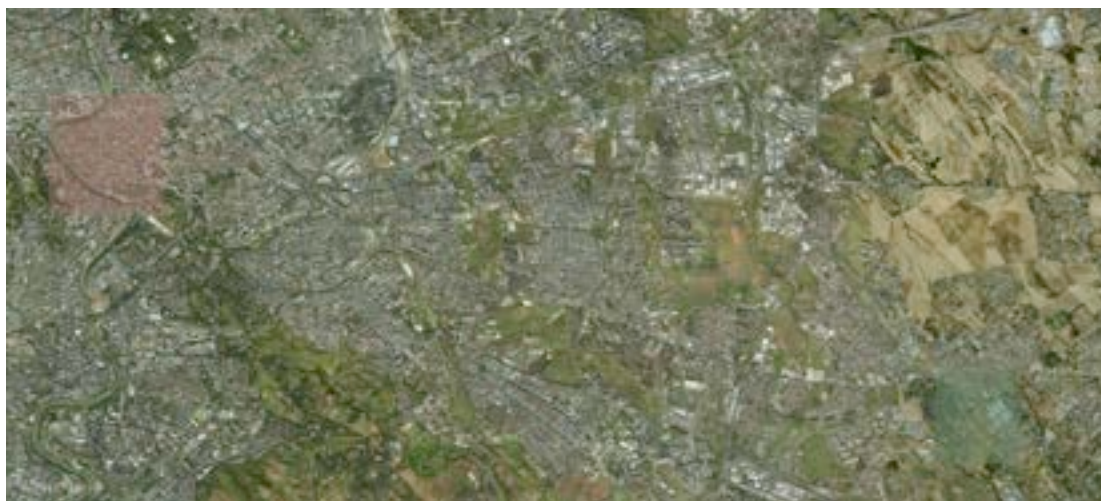


## 5. ROMA E O PROJECTO

### 5.1. SÍTIO E LUGAR

O sítio escolhido para a realização do projecto é uma grande área aberta localizada ao longo da Via Casilina, no lado leste da cidade de Roma, que se chama Grotte Celoni.

Como verificamos na ilustração abaixo, podemos verificar que o local escolhido situa-se a uma distância considerada do centro de Roma, sendo esta uma área de subúrbio. No quadrado vermelho (canto superior esquerdo da ilustração) situa-se o centro de Roma, e no quadrado verde (canto inferior direito da ilustração) situa-se a área de intervenção.



**Ilustração 87** - Localização do local de intervenção. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013)

Neste sentido, é importante perceber as características do lugar, pois estão intimamente relacionadas com a nossa realização projectual, uma vez que é através delas que se criam ligações territoriais.

Assim, esta caracterização é feita através do reconhecimento de toda a área, bem como da sua envolvência, ou seja, é feito um reconhecimento de uma macro escala para uma micro escala, das suas vivências até aos elementos que a constituem.

Logo, a área é caracterizada em grande parte por uma vasta área praticamente plana e com uma grande mancha verde.





**Ilustração 88** - Vista do local de intervenção. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013)

Estende-se entre, a norte Casilina, onde surgem alguns complexos de construção, no leste uma área industrial e um bairro residencial a oeste da Vila Breda. Este último é um dos componentes mais característicos dos arredores, existindo um acordo com a IACP (Instituto de Habitação Individual) com um conceito unitário, projectado nos anos 40 (R. Nicolini, G. Nicolosi).



**Ilustração 89** - Localização do local de intervenção. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013)

Assim, podemos verificar a existência de uma diversidade de áreas residências, cada uma com as suas características próprias e autónomas.

Nesta sequência, podemos verificar que o sítio, carece de elementos importantes e distintivos para a sua caracterização, pois apresenta-se como um lugar descaracterizado, em determinados momentos abandonado sem uma vivência forte.



**Ilustração 90** - Vista do local de intervenção. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013)

É caracterizado por uma grande área aberta que tem como limite superior uma via de trânsito rápido e limite inferior um grande descampado.



**Ilustração 91** - Vista do local de intervenção. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013)



**Ilustração 92** - Vista do local de intervenção. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013)

Na zona norte existe um acesso privilegiado à área que é actualmente composta por uma zona usada para estacionamento, sendo este utilizado pela população que se desloca todos os dias para o centro da cidade de Roma de comboio, através da estação ferroviária, no lado oposto.





**Ilustração 93** - Estacionamento na zona norte do local de intervenção. ([adaptação a partir de] Google Maps, 2013)

O curso irá abordar um problema "real", referindo-se a um projeto de planeamento da cidade, cuja implementação já está programado pela cidade de Roma, no âmbito de acções para a implementação dos Planos para a construção econômica e Popular (Peep II).

Em particular, o curso será o projeto do Plano da Área de Grotte Celoni.

## **5.2. PROGRAMA E MATÉRIA**

No âmbito da disciplina "Laboratorio di Sintesi Finale", realizado na "Facoltà di Architettura Valle Giulia - Università La Sapienza di Roma", foi proposta a elaboração de diversas etapas de trabalho, começando por uma pesquisa e análise, de seguida um trabalho realizado em grupo e por fim um trabalho individual.

Deste modo, começamos por uma análise a nível europeu de ideias e projectos de habitação, divulgados nos últimos vinte anos, tendo sido pedido a cada aluno a pesquisa e análise aprofundada de dois casos de estudo numa compilação em formato fornecido pelo curso, através do site da cadeira (<http://w3.uniroma1.it/vgberti>). Assim, foram existindo várias conversas entre os alunos e professores sobre as várias

possibilidades encontradas, desde o desenho do edifício, a escolha da sua tipologia, bem como o funcionamento de todo o seu interior e relações.

De seguida, foi nos pedido o desenvolvimento de um plano director geral de projecto, na escala 1:2000 / 1:1000 para uma área específica, sendo este realizado em grupos de trabalho formados por quatro a cinco elementos, com a realização de modelos plásticos (estudo) do projecto urbanístico necessários para a interpretação da ideia urbanística. Sendo necessário uma análise profunda e global de toda a área, bem como todos os aspectos sociais existentes.

Por fim, e seguindo a ideia proposta no plano director, ficaria encarregue a cada elemento do grupo uma zona específica do plano, para ser desenvolvida em diversas escalas, e com a realização de um ou mais edifícios residências que componham o plano e seu desenvolvimento.

Assim, em toda a intervenção deveria estar consciente todos os problemas que a área tinha como característica, desde a sua inserção na envolvente e a escolha do programa específico que deveria albergar, além de edifícios de habitação, outro tipo de edifícios, como comércio, escritórios, etc.

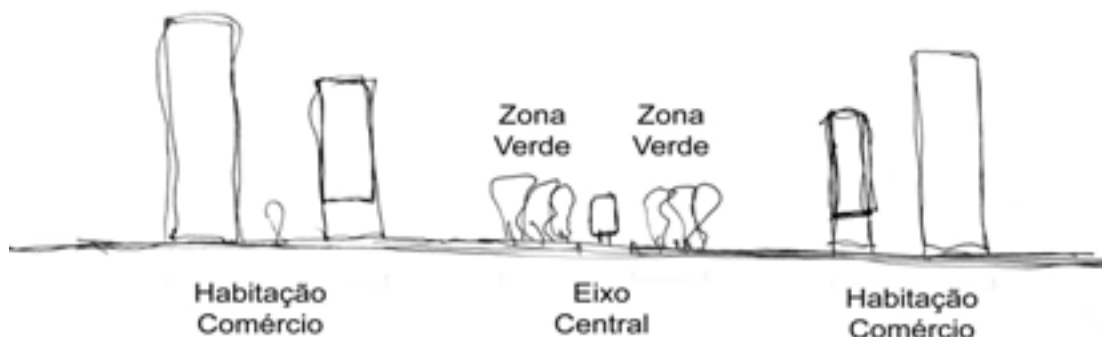
Deste modo, foi importante tomar consciência das vivências que ocorrem neste tipo de ambiente, ou seja, seria necessário uma abordagem cuidada e sensível dos subúrbios de Roma, de maneira a perceber quais os problemas encontrados e quais as propostas que poderiam vir a ser úteis para revitalizar zonas como esta em causa.

É importante, que em intervenções desta importância, seja necessário ter em conta um determinado número de aspectos em diversas áreas, quer sociais, ambientais, quer urbanos. Tentar dar vida a estes núcleos, pois a realidade do centro de Roma e a realidade dos subúrbios são duas realidades bastante distintas e muitas vezes esquecida, como dizia o Papa Francisco "Ninguém pode compreender a realidade a partir do centro, é preciso estar na periferia". (Papa Francisco apud AFP, 2013)

Por outro lado, era importante ter consciência das características de toda a envolvente, sendo essencial os exercícios de análise tanto do sítio como do lugar, possibilitando encontrar as suas carências e encontrar relações de carácter mais sensível da envolvente.

Assim, procurou-se preservar a grande mancha verde que caracteriza o vazio existente, criando espaços verdes que fizessem a transição do novo desenho para o existente.

Deste modo, surge a existência de um eixo central, com uma linha de eléctrico que iria levar as pessoas desde a área norte até à área sul de uma forma rápida e cómoda. Reforçando este eixo central foi proposto a ênfase dessa linha através de áreas verdes que se vão afastando e aproximando da linha em questão, surgindo deste modo como uma barreira visual da área de circulação com a área de habitação ou comércio.



**Ilustração 94** - Corte Esquemático da ideia proposta. (Ilustração nossa, 2013)

Assim, foram criadas áreas bem definidas, que dariam um carácter forte a todo o complexo urbano. Ou seja, pretende-se criar áreas públicas, semi-públicas e privadas, de maneira a enfatizar a diferença de carácter público e privado das diferentes áreas, mas que a relação do todo do complexo, possibilitá-se várias vivências.

Por outro lado, e seguindo uma estrutura bem definida de cada área, foram estabelecidas zonas identificáveis que seriam posteriormente desenvolvidas por cada elemento do grupo, para a elaboração de habitação e outro tipo de elementos que cada pessoa considera-se fundamental para a revitalização da área e consoante as características da envolvente próxima. Ou seja, foram determinados pequenos loteamentos que seriam desenvolvidos por cada pessoa individualmente, de maneira a compor todo o plano.



**Ilustração 95** - Planta do Plano Urbano com a identificação das áreas destinadas a cada elemento do grupo para, posteriormente, ser desenvolvido com zonas de habitação, lazer, comércio, entre outros.. (Ilustração nossa, 2013)

Em relação às vias rodoviárias foi optado por fazer a circulação por fora de toda a estrutura, entre o limite da antiga estrutura e da nova, de maneira a criar pontos de ligação com as mesmas. Em relação à nova estrutura esta foi penetrável em 4 pontos precisos, evitando um grande acumulado de tráfego nas zonas confinadas a espaços verdes, de lazer, comércio e habitação.

Por outro lado, foi deixado na zona norte a área destinada a área de estacionamento de apoio à estação de metro e uma área de paragem de autocarros, sendo este ponto, um lugar importante, funcionando como um nó de trocas, ou seja, é a partir dali que se deslocam diariamente muitas pessoas para diversos pontos da cidade, nomeadamente o centro de Roma.



**Ilustração 96** - Diagrama representativo das vias de circulação e estacionamento na zona norte do plano. (Ilustração nossa, 2013)

Assim, podemos verificar pelas ilustrações apresentadas, o grande eixo central, onde é gerido todo o desenvolvimento do plano, surgindo como um elemento marcante no todo do complexo, realçado pela linha de eléctrico e pela grande mancha verde que de certa maneira esconde a linha rígida do eléctrico.

Por outro lado, e na ligação entre a zona verde e a zona destinada ao desenvolvimento de habitações, comércio, escritório e lazer, foi criada uma área de circulação pedonal, para revitalizar a área, tornando-a atractiva. Pois nesse miolo de espaço verde e zona de circulação seriam criadas áreas de lazer, áreas de pausa, jardins, e todos os elementos que enriquecessem toda a área e que fosse um polo chamativo de todo o tipo de população. Contudo, foi estabelecido que todos os elementos do grupo, na parte de desenvolvimento do projecto, teriam que resolver da melhor maneira possível o limite do loteamento e da área de circulação, para que marcasse o desenho estabelecido previamente, ou seja, a forte linha que cria o desenho do loteamento deveria ser enfatizada com o desenho dos volumes que fossem estabelecidos por cada elemento.

### 5.3. ESPAÇO E VIVÊNCIA

Por fim, e após uma análise cuidada do local e da idealização do conceito do plano urbano, seguiu-se a concretização da proposta individual, da respectiva área destinada a cada elemento do grupo, para o seu desenvolvimento. Assim, para esta fase do trabalho foi importante a análise feita sobre habitações sociais europeias nos últimos vinte anos.

Assim, procurei estabelecer uma relação entre a área verde exterior (lado esquerdo) e a zona verde interior, a zona que se interliga com a linha do eléctrico, criando assim duas áreas distintas, ou seja, é estabelecido um vazio no meio do loteamento intensificando essa relação, podendo ser percorrível, e atravessável.

Logo, a grande área é interrompida por esse vazio, estabelecendo duas áreas devidamente identificáveis, onde será delineado as áreas de comércio, escritórios e habitação proposto para aquela área.

Por outro lado, os edifícios de cada loteamento encontram-se nos limites longitudinais da área de intervenção de maneira a criar as barreiras, por um lado, da área em questão com a zona de circulação, e por outro, a área da circulação rodoviária. Cria-se assim espaços entre os dois volumes, onde seria estabelecido como uma área mais semi-pública percorrível, que teriam relações mais directas com os edifícios.

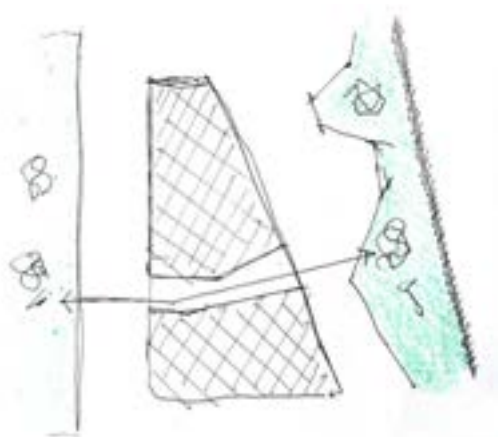


Ilustração 97 - Esboço da ideia de projecto. (Ilustração nossa, 2013)

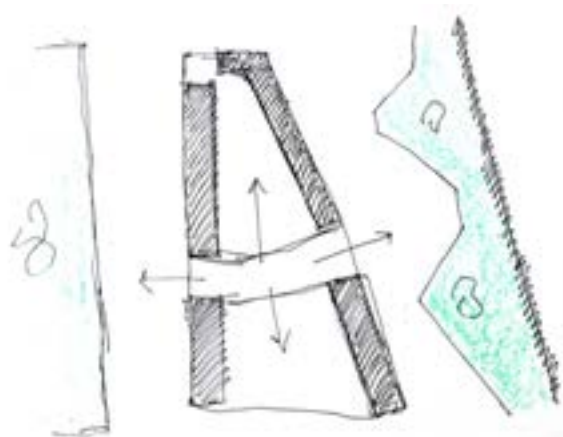


Ilustração 98 - Esboço da ideia de projecto. (Ilustração nossa, 2013)

Assim, foram criados 4 volumes distintos, tendo cada um, uma forte presença, pois funcionam como limites da estrutura estabelecida, intensificando a linha de desenho



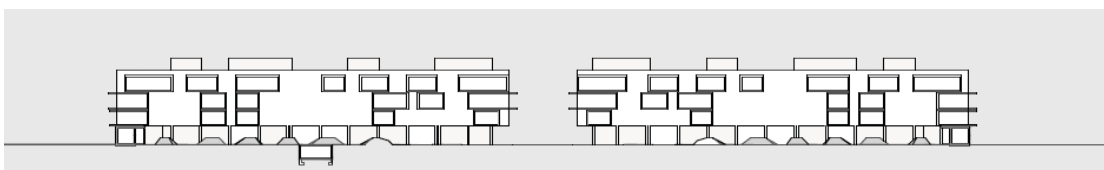
criado para o plano urbano. Os volumes são estabelecido por um corpo central assentes em volumes de betão aparente e a fachada, surge com vãos de dimensões diversas, e com a presença de vários volumes com dimensões diferentes que despontam desse corpo central, dando ao edifício uma dinâmica, procurando que o carácter rígido de volume não fosse tão identificado.



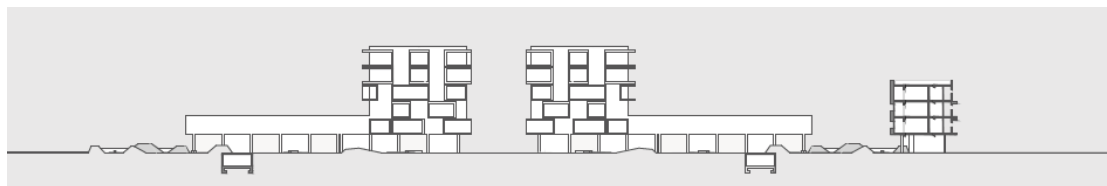
**Ilustração 99** - Render da proposta dos vários volumes. (Ilustração nossa, 2013)

Por outro lado, com as diferentes alturas estabelecidas em cada volume pretende-se que cada um tenha a sua função e que seja visível para quem percorre o espaço. Deste modo, os volumes que se estabelecem como limites da zona de circulação mais interior, estabelecem-se como um volume contínuo e em linha, interrompido pelo vazio criado, e com a mesma altura, de maneira a reforçar essa continuidade.

Os outros dois volumes realçam-se no todo do complexo, uma vez que apresentam-se com uma altura destacada, tendo o edifício um perfil própria, com duas alturas distintas. Numa parte de cada edifício ele apresenta-se com altura muito inferior em relação a outra, criando uma torre de destaque na paisagem, de maneira a marcar a entrada para o loteamento.



**Ilustração 100** - Perfil dos dois edifícios, que estabelecem o limite da zona de circulação. (Ilustração nossa, 2013)



**Ilustração 101** - Perfil dos dois edifícios, que estabelecem o limite da circulação rodoviária. (Ilustração nossa, 2013)

Por outro lado, e segundo a orientação que foram dadas aos edifícios, cria-se uma área entre os volumes que apesar de ser percorrível, torna-se semi-pública, uma vez que o grande vazio criado na estrutura torna o acesso principal para quem vem do lado da circulação rodoviária para o sentido da zona mais interior do plano (eixo central) e vice-versa. No entanto, são criadas zonas de estar envolvidas em elementos de vegetação que se interligam por conseguinte com os volumes.



**Ilustração 102** - Render da proposta, vista da área semi-privada do loteamento, espaço no interior dos edifícios. (Ilustração nossa, 2013)



**Ilustração 103** - Render da proposta, vista da área semi-privada do loteamento, espaço no interior dos edifícios. (Ilustração nossa, 2013)

No que diz respeito aos vários pisos, aos espaços que são criados no interior dos volumes, apresentam-se com as mesmas características, com os mesmos programas dois a dois, ou seja, os dois que delimitam o loteamento com a área interior (linha de eléctrico, zona verde e área de circulação pedonal) tem a mesma disposição do programa no seu interior, e os outros dois edifícios, que delimitam o loteamento com a zona exterior (circulação rodoviária).

Assim, no que diz respeito ao piso 0 (térreo), assinalado por volumes de betão aparente onde o edifício assenta, é caracterizado por possuir as respectivas zonas de entrada para cada edifício, e pequeno comércio (lojas, restaurantes, etc) revitalizando a área em questão, possibilitando a quem habita naquele sítio poder se deslocar sem que seja preciso o uso de carro ou outro meio de transporte, e tornando ao mesmo tempo um polo atractivo para quem não lá habita.



O primeiro piso é caracterizado de maneira distinta, consoante os edifícios dois a dois, tendo os 2 edifícios do limite da direita um programa e os outros dois, do limite da esquerda outro tipo de programa.

Assim, os dois edifícios da direita possuem em todo o comprimento áreas de habitações, tendo apartamentos de tipologia T2 e T3, com os acessos feitos para cada dois apartamentos, situado entre eles. Os outros dois edifícios, apresentam-se, na zona mais horizontal do edifício, com 3 escritórios em cada um deles, sendo a restante área, área subjacente à parte do edifício que tem a característica de torre, zona de habitação, com apartamentos de tipologia T1 e T2.



**Ilustração 104** - Planta do Piso 0 (Ilustração nossa, 2013)



**Ilustração 105** - Planta do Piso 1 (Ilustração nossa, 2013)

No segundo piso, os dois edifícios que se encontram no limite da direita, encontram-se, em todo o comprimento, com áreas de habitação de tipologias T2 e T3, e os seus respectivos acessos, e os outros dois edifícios, do limite da esquerda, com habitação na área vertical do edifício, uma vez que a restante parte do edifício só tem dois pisos.

Os restantes pisos, são caracterizados da mesma forma que o segundo piso, no entanto no topo de cada edifício existem pequenos blocos de betão aparente que incorporam pequenas salas comuns a todo o edifício, onde é possível qualquer utilização por partes dos moradores.



**Ilustração 106** - Planta do Piso 2 (ilustração nossa, 2013)



**Ilustração 107** - Planta do Piso 4 (ilustração nossa, 2013)

Por fim, existe uma característica comum a todos os edifícios que possibilita a relação dos mesmos com as áreas verdes estabelecidas no espaço exterior, ou seja, quem percorre o espaço exterior, presencia a dinâmica que é estabelecida em cada edifício pois eles são vazados em determinados pontos, e a área verde estende-se até esses pontos, ficando por baixo dos edifícios.



**Ilustração 108** - Corte pelo edifício que faz o limite esquerdo do loteamento. (ilustração nossa)



**Ilustração 109** - Corte pelo edifício que faz o limite direito do loteamento (ilustração nossa, 2013)



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo foi possível perceber a grande transformação que foi levado a cabo na cidade de Roma, proveniente da situação à qual se encontrava, caracterizada por uma desorganização total, destruída, de traçado confuso, obrigando a população a partir para outros locais, causando-lhe consequências devastadoras.

Assim, desde logo percebemos a importância que as ideias de Sisto V, juntamente com o seu arquitecto Domenico Fontana, tiveram na cidade, através do seu magnífico plano regulador que veio revolucionar a cidade por completo.

Contudo, é importante salientar a história da cidade, pois cada cidade, tem o seu passado, as suas origens, o seu percurso que as torna diferentes umas das outras, e que nunca pode ser esquecido. "[...] a cidade não conta o seu passado, contém-no como as linhas da mão, [...]". (Calvino, 2006, p. 14)

Logo através das palavras de Italo Calvino conseguimos perceber que cada cidade contém a sua história, as suas memórias, e de facto, Sisto V no desenho que propõem para a cidade, procurou perceber o passado da cidade, procurou nunca deixar de lado todas as raízes da cidade, tentando perceber a importância da sua história, deixando intacto a Roma Medieval, procurando ligar as setes Basílicas que surgem como elementos importantes da cidade, e "puxar" as zonas desabitadas para o centro da cidade.

Por outro lado, e sendo uma cidade onde a religião é um aspecto importantíssimo, procura transformar a cidade para os crentes, procurando mostrar a força da igreja e ao mesmo tempo dar as melhores condições para os peregrinos que todo o ano se deslocavam à Cidade Eterna procurando ajuda divina.

É importante perceber que as cidades são para ser vividas, e quem as vive são as pessoas que a toda a hora se deslocam no seu quotidiano e que as vão transformando e moldando-se a cada circunstância.

Assim, é importante perceber que cada cidade tem as suas marcas, os seus elementos, as suas características que as individualizam, onde a paisagem citadina deve ser reconhecida e organizada numa estrutura coerente, possibilitando a quem a usa uma percepção racional, tornando-se num processo fundamental de orientação.

Deste modo, existem certos elementos da imagem urbana que caracterizam uma cidade e que a tornam perceptível aos olhos do habitante. A matéria que a constitui dão-lhe uma dinâmica que possibilitam a cada individuo ter a sua própria interação com a cidade.

As praças que interligadas entre si por grandes ruas, e os obeliscos que se ergam como elementos marcantes na paisagem surgem como elementos fundamentais no "complexo" de uma cidade, que a partir das suas grandes qualidades espaciais fortalecem a sua imagem.

Logo, e baseando-nos nos exemplos referidos neste trabalho, podemos perceber a importância que todos estes aspectos demonstram, uma vez que ligados firmemente à estrutura da cidade, tornam-se de fácil reconhecimento, possuindo um contraste nítido na cidade.

## REFERÊNCIAS

AFP (2013) - Papa Francisco : "É preciso estar na periferia", diz Papa após missa no subúrbio de Roma. Terra [Em linha]. (26 Maio 2013). [Consult. 06 de Maio de 2013]. Disponível em WWW: < URL: <http://noticias.terra.com.br/mundo/europa/renuncia-do-papa/e-preciso-estar-na-periferia-diz-papa-apos-missa-no-suburbio-de-roma,9663ddceb96de310VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html> >.

AYMONINO, Carlo (1984) - O significado das cidades. Lisboa : Presença.

BACON, Edmund N. (1978) - Design of cities. Mexico : Thames and Hudson.

BENEVOLO, Leonardo (2007) – História da cidade. 4.<sup>a</sup> ed. São Paulo : Perspectiva.

BRASIL ESCOLA (2013) - Sérgio Túlio. In BRASIL ESCOLA - Brasil Escola. [Em linha]. Brasil : Brasil Escola. [Consult. 20 de Junho de 2013]. Disponível em WWW: < URL: <http://www.brasilecola.com/biografia/servio-tulio.htm> >.

CALVINO, Italo (2006) - As cidade invisíveis. 10<sup>a</sup> ed. Lisboa : Teorema.

CASTRO GONSALES, Célia Helena (2005) - Cidade moderna sobre cidade tradicional : movimento e expansão : parte 2 (1). Arquitextos [Em linha]. 5:059.04 (Abril 2005). [Consult. 25 Fevereiro 2013]. Disponível em WWW: < URL: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.059/473> >.

CHUECA GOITIA, Fernando (1982) - Breve história do Urbanismo. Lisboa : Editorial Presença.

COMPANHIA DAS LETRAS (2013) - Argan. In COMPANHIA DAS LETRAS - Companhia das letras [Em linha]. São Paulo : Companhia das letras. [Consult. 10 de Junho de 2013]. Disponível em WWW: < URL: <http://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=00018> >.

CONCEIÇÃO, Ana Rita de Almeida Laginha da (2010) - Contextualidades: novas intervenções arquitectónicas sobre raízes históricas. Lisboa : Universidade Lusíada de Lisboa. Dissertação.

CRONOLOGIA DO PENSAMENTO URBANÍSTICO (2010) - Kevin Lynch. In CRONOLOGIA DO PENSAMENTO URBANÍSTICO - Cronologia do Pensamento Urbanístico [Em linha]. [Consult. 10 de Julho de 2013]. Disponível em WWW: < URL: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/biografia.php?idVerbete=1336&idBiografia=47> >.

DELFANTE, Charles (2000) - A grande história da cidade : da Mesopotâmia aos Estados Unidos. Lisboa : Instituto Piaget.

DICIONÁRIO ONLINE PORTUGUÊS (2011) - Plebeu. In DICIONÁRIO ONLINE PORTUGUÊS - Dicionário Online Português. [Em linha]. São Paulo : Dicionário Online Português. [Consult. 03 de Agosto de 2013]. Disponível em WWW: < URL: <http://www.dicio.com.br/plebeu/> >.

EDITORIAL PRESENÇA (2013) - Fernando Chueca Goitia. In EDITORIAL PRESENÇA - Editorial Presença. [Em linha] Barcarena : Editorial Presença. [Consult. 25 de Agosto de 2013]. Disponível em WWW: < URL: <http://www.presenca.pt/autor/fernando-chueca-goitia/> >.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA (2013a) - Carlo Rainaldi. In ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, Inc. - Encycopaedia Britannica [Em linha]. Chicago : Encyclopaedia Britanica, Inc. [Consult. 06 de Setembro de 2013]. Disponível em WWW: < URL: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/489874/Carlo-Rainaldi> >.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA (2013b) - Gian Lorenzo Bernini. In ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, Inc. - Encycopaedia Britannica [Em linha]. Chicago : Encyclopaedia Britanica, Inc. [Consult. 20 de Agosto de 2013]. Disponível em WWW: < URL: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/62547/Gian-Lorenzo-Bernini> >.

GIEDION, Sigfried (2004) - Espaço, tempo e arquitectura: o desenvolvimento de uma nova tradição. São Paulo : Martins Fontes.

GOOGLE (2012) - Norberg-Schulz. In GOOGLE - Google [Em linha]. [Consult. 10 de Agosto de 2013]. Disponível em WWW: < URL: [http://books.google.pt/books/about/Intentions\\_in\\_Architecture.html?id=c-M9iMgQJPIC&redir\\_esc=y](http://books.google.pt/books/about/Intentions_in_Architecture.html?id=c-M9iMgQJPIC&redir_esc=y) >.

GOOGLE (2013) - Google Maps [Em linha]. Mountain View : Google. [Consult. 7 Junho 2013]. Disponível em WWW: < URL:<https://maps.google.com/> >.

GRUPO ALMEIDA (2013) - Leonardo Benevolo. In GRUPO ALMEIDA - Livraria Almeida [Em linha]. Coimbra : Livraria Almeida. [Consult. 25 de Julho de 2013]. Disponível em WWW: < URL: [http://www.almedina.net/catalog/autores.php?autores\\_id=431](http://www.almedina.net/catalog/autores.php?autores_id=431) >.

HALBE, Roland, fot. (s.d.) - Ara Pacis Museum [Documento icónico]. In RICHARD MEIER & PARTNERS ARCHITECTS - Richard Meier & Partners Architects [Em linha]. New York : Richard Meier & Partners Architects. 1 fotografia : color. [Consult. 10 de Maio de 2013]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.richardmeier.com/www/#/projects/architecture/name/0/277/0/>>.

INFOBIOGRAFIAS (2010) - Giuliano Da Sanagalho. In INFOBIOGRAFIAS - InfoBiografias. [Em linha]. [Consult. 20 de Agosto de 2013]. Disponível em WWW: < URL: <http://pt.infobiografias.com/biografia/31584/Giuliano-da-Sangallo.html> >.

INFOESCOLA (2012) - Antiguidade Clássica. In INFOESCOLA - InfoEscola [Em linha]. Brasil : InfoEscola. [Consult. 09 de Junho de 2013]. Disponível em WWW: < URL: <http://www.infoescola.com/historia/antiguidade-classica/> >.

INFOESCOLA (2013) - Rafael Sanzio - In INFOESCOLA - InfoEscola [Em linha]. Brasil : InfoEscola. [Consult. 21 de Julho de 2013]. Disponível em WWW: < URL: <http://www.infoescola.com/biografias/rafael-sanzio/> >.

LAMA, José M. Ressano Garcia (2010) - Morfologia urbana e desenho da cidade. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.

LINDINGER, Harry C. (1984) - Como reconhecer a arte Barroca. Lisboa : Edições 70.

LISBOA. Câmara Municipal. Direcção Municipal de Cultura. Museu do Teatro Romano (2008) – Teatro Marcelo. In LISBOA. Câmara Municipal. Direcção Municipal de Cultura. Museu do Teatro Romano - Museu Teatro Romano [Em linha]. Lisboa : CML. [Consult. 25 Julho 2013]. Disponível em WWW: < URL: <http://www.museuteatroromano.pt/oteatro/TeatroClassico/Paginas/Tetaro-Marcelo.aspx> >.



LYNCH, Kevin (2008) - A imagem da cidade. Lisboa : Edições 70.

MAXWHEEL-STUART, P. G. (1997) – Crónicas dos Papas. Lisboa : Verbo.

MCDONALD, Ferdie ; RONAN, Mark ; STREIFFERT, Anna (2011) – Roma : guia American Express. Tradução de Lília Astiz. 7.ª reimp. com actualizações. Porto : Civilização Eitora.

MUMFORD, Lewis (1982) - A cidade na história : suas origens, transformações e perspectivas. São Paulo : Martins Fontes.

NETSABER BIOGRAFIAS (2013) - Tarquínio Prisco. In NETSABER BIOGRAFIAS - NetSaber Biografias [Em linha]. [Consult. 01 de Julho de 2013]. Disponível em WWW: < URL: [http://www.netsaber.com.br/biografias/ver\\_biografia\\_c\\_3233.html](http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_3233.html) >.

NORBERG-SCHULZ, Christian (1972) - Historia universal de la arquitectura : arquitectura barroca. Madrid : Aguilar.

NORBERG-SCHULZ, Christian (1979) - Architettura Barocca. Milano : Electa.

NORBERG-SCHULZ, Christian (1985) - Arquitectura occidental : la arquitectura como historia de formas significativas. 2.ª ed. Barcelona : Gustavo Gili.

OUROUSSOFF, Nicolai (2006) - An Oracle of Modernism in Ancient Rome. The New York Times [Em linha]. (25 September 2006). [Consult. 10 de Junho de 2013]. Disponível em WWW: < URL: [http://www.nytimes.com/2006/09/25/arts/design/25paci.html?\\_r=1](http://www.nytimes.com/2006/09/25/arts/design/25paci.html?_r=1) >.

OXFORD DICTIONARY OF ARCHITECTURE & LANDSCAPING (2001) - Louis-Martin Berthault. In OXFORD DICTIONARY OF ARCHITECTURE & LANDSCAPING - Oxford Dictionary [Em linha]. [Consult. 06 de Setembro de 2013]. Disponível em WWW: < URL: <http://www.answers.com/topic/louis-martin-berthault> >.

PORTO EDITORA (2013) – Infopédia : Enciclopédia e dicionários Porto Editora [Em linha]. Porto : Porto Editora. [Consult. 10 Agosto 2013]. Disponível em WWW: < URL: <http://www.infopedia.pt/> >

PRIBERAM INFORMÁTICA (2013) - Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [Em linha]. Lisboa : Priberam Informática. [Consult. 10 Agosto 2013]. Disponível em WWW: < URL: <http://www.priberam.pt/dlpo/> >

READER'S DIGEST ASSOCIATION, ed. (1988) – Enciclopédia Geográfica. Lisboa : Seleções do Reader's Digest.

RENDINA, Claudio (2007) - Roma ieri, oggi e domani. Roma : Newton Compton.

RICHARD MEIER & PARTNERS ARCHITECTS (s.d.) - Ara Pacis Museum [Documento icónico]. In RICHARD MEIER & PARTNERS ARCHITECTS - Richard Meier & Partners Architects [Em linha]. New York : Richard Meier & Partners Architects. 1 fotografia : color. [Consult. 10 de Maio de 2013]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.richardmeier.com/www/#/projects/architecture/name/0/277/0/>>.

ROSSI, Aldo (2001) - A arquitectura da cidade. Lisboa : Cosmos.

SCARRE, Chris (1995) – Crónicas dos Imperadores Romanos. Lisboa : Verbo.

SPROCCATI, Sandro (2002) - Renascimento. In SPROCCATI, Sandro, coord. - Guia de história da arte. 5.ª ed. Lisboa : Presença. p. 21-31.

TAPIÉ, Victor (1974a) - Barroco e classicismo. Lisboa : Presença. V. 1.

TAPIÉ, Victor (1974b) - Barroco e classicismo. Lisboa : Presença. V. 2.

THONI LITSZ INTERIORES (2011) - Biografia do Arquitecto Aldo Rossi. In THONI LITSZ INTERIORES - Thoni Litsz Interiores [Em linha]. Rio de Janeiro : Thoni Litsz Interiores. [Consult. 06 Junho 2013]. Disponível em WWW: < URL: <http://thonilitsz.arq.br/um-pouquinho-de-aldo-rossi/#.Uj8U1ODdhc1> >.

TRECCANI.IT L'ENCICLOPEDIA ITALIANA (2013a) - Giovanni Francesco Bordino. In TRECCANI.IT L'ENCICLOPEDIA ITALIANA - Dizionario Biografico degli Italiani - Volume 12 [Em linha]. Roma : Treccani.it L'Enciclopedia Italiana. [Consult. 20 de Agosto de 2013]. Disponível em WWW: < URL: [http://www.treccani.it/enciclopedia/giovanni-francesco-bordini\\_\(Dizionario\\_Biografico\)/>](http://www.treccani.it/enciclopedia/giovanni-francesco-bordini_(Dizionario_Biografico)/>).

TRECCANI.IT L'ENCICLOPEDIA ITALIANA (2013b) - Ballio-Morpurgo, Vittorio. In TRECCANI.IT L'ENCICLOPEDIA ITALIANA - Enciclopedie on line [Em linha]. Roma : Treccani.it L'Enciclopedia Italiana. [Consult. 12 de Junho de 2013]. Disponível em WWW: < URL: <http://www.treccani.it/enciclopedia/vittorio-ballio-morpurgo/> >.

TRECCANI.IT L'ENCICLOPEDIA ITALIANA (2013c) - Taddèo Di Bartolo (O Taddeo Bartoli). In TRECCANI.IT L'ENCICLOPEDIA ITALIANA - Enciclopedie on line [Em linha]. Roma : Treccani.it L'Enciclopedia Italiana. [Consult. 05 de Junho de 2013]. Disponível em WWW: < URL: <http://www.treccani.it/enciclopedia/taddeo-di-bartolo/> >.

TRECCANI.IT L'ENCICLOPEDIA ITALIANA (2013d) - Valadier <Valadié>, Giuseppe. In TRECCANI.IT L'ENCICLOPEDIA ITALIANA - Enciclopedie on line [Em linha]. Roma : Treccani.it L'Enciclopedia Italiana. [Consult. 10 de Junho de 2013]. Disponível em WWW: < URL: <http://www.treccani.it/enciclopedia/giuseppe-valadier/> >.

## **BIBLIOGRAFIA**

ASCHER, François (2010) - Novos princípios do urbanismo seguido de Novos compromissos urbanos. Lisboa : Livros Horizonte.

BAEZA, Alberto Campo (2004) - A ideia construída. Casal da Cambra : Caleidoscópio.

CHING, Francis D. K. (2002) - Arquitectura : forma, espaço e ordem. São Paulo : Martins Fontes.

HALL, Edward T. (1986) – A dimensão oculta. Lisboa : Relógio d'Água.

LABORIT, Henri (1973) - O Homem e a cidade : o urbanismo, problema de interesse geral. Lisboa : Iniciativas Editoriais.

MAISSA, Daniela (2008) - Eduardo Souto de Moura: Conversas com estudantes. Barcelona : Gustavo Gili.

PIRENNE, Henri (1989) - As cidades da Idade Média. Mem Martins : Publicações Europa América.

SIZA, Álvaro (2009) - Imaginar a evidência. Prefácio de Vittorio Gregotti. Lisboa : Edições 70.

TAVARES, Gonçalo M. (2002) - O Senhor Valéry. Lisboa : Editorial Caminho.

TÁVORA, Fernando (2006) - Da organização do Espaço. Porto : Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

ZEVI, Bruno (1966) - Saber ver a arquitectura. Viseu : Arcádia.

ZEVI, Bruno (1996) - Architectura in nuce : uma definição de arquitectura. Lisboa : Edições 70.

ZEVI, Bruno (2004) - A linguagem moderna da arquitectura. 3ª ed. Lisboa : Dom Quixote.

ZUMTHOR, Peter (2009) - Atmosferas. Barcelona : Gustavo Gili.

ZUMTHOR, Peter (2009) - Pensar a arquitectura. 2ª ed. Barcelona : Gustavo Gili.



## **APÊNDICES**

---



## **LISTA DE APÊNDICES**

**Apêndice A** - Projecto | Plantas

**Apêndice B** - Projecto | Alçados e Cortes









## Planta Piso 0



### Planta Piso 1



## Planta Piso 2



### Planta Piso 3



### Planta Piso 4





## Planta Piso 5

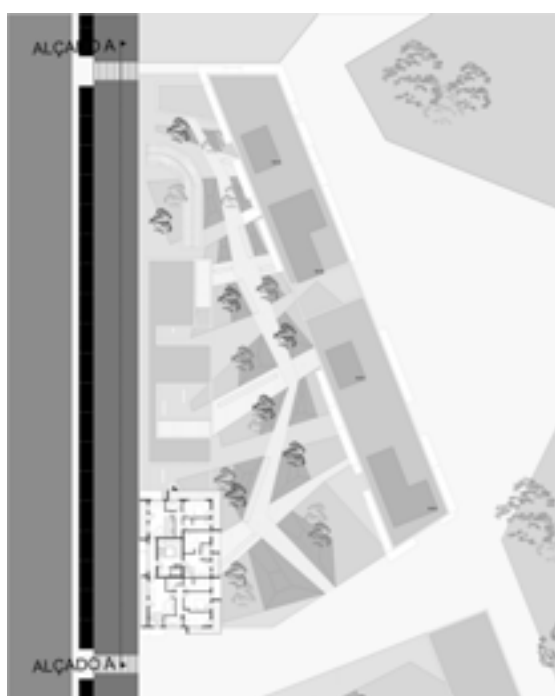


**APÊNDICE B**

---

Projecto | Alçados e Cortes





### Alçado A





## Alçado B

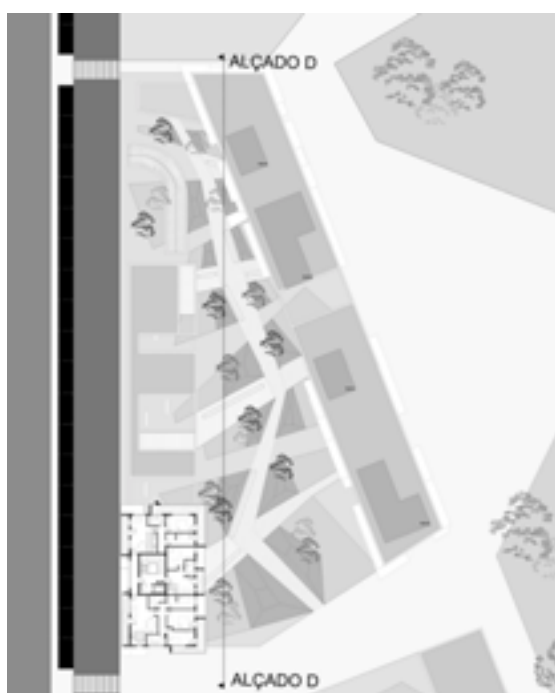






### Alçado C





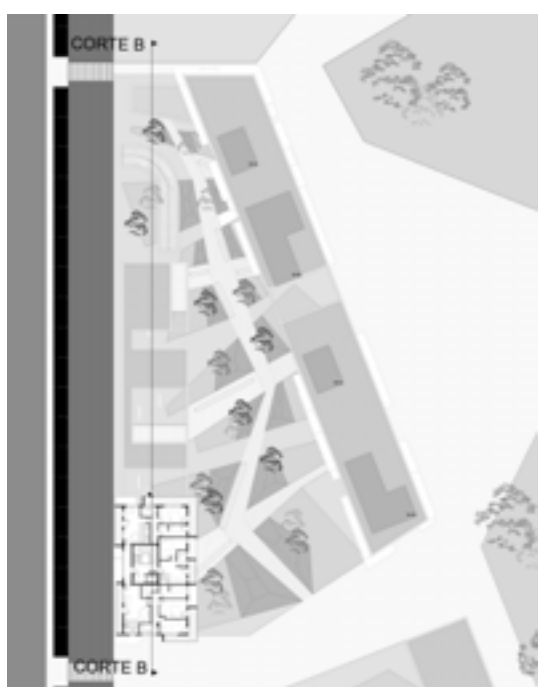
### Alçado D





### Corte A





### Corte B







Corte C

